

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Cintia Medeiros Robles Aguiar

**ADORNO, FANON E AS DINÂMICAS DE VIOLÊNCIA E EMANCIPAÇÃO: a dialética
das encruzilhadas.**

Campo Grande, MS.
2025

CINTIA MEDEIROS ROBLES AGUIAR

ADORNO, FANON E AS DINÂMICAS DE VIOLÊNCIA E EMANCIPAÇÃO: a dialética das encruzilhadas.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Faculdade de Educação – *Campus* Campo Grande, para obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura, Sociedade, cujo orientador está vinculado ao Grupo de Pesquisa Formação e Cultura na Sociedade Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa

Campo Grande, MS.
2025

AGUIAR, Cintia Medeiros Robles.

Adorno, Fanon e as dinâmicas de violência e emancipação: a dialética das encruzilhadas.
Cintia Medeiros Robles Aguiar. – Campo Grande, MS: UFMS, 2025.

113fl; 30cm.

Orientador: Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* Campo Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

1. Theodor W. Adorno; 2. Frantz Fanon; 3. Violência; 4. Conformidade; 5. Ruptura; 6. Dialética das encruzilhadas.

Cintia Medeiros Robles Aguiar

ADORNO, FANON E AS DINÂMICAS DE VIOLÊNCIA E EMANCIPAÇÃO: a dialética das encruzilhadas.

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – *Campus* Campo Grande para obtenção do título de Doutora em Educação.
Área de concentração: Educação

Campo Grande, MS, 17 de fevereiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa (presidente)
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Patrícia Ferraz de Matos (Membra titular externa)
Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa (UL)

Prof. Dr. Jaison José Bassani (Membro titular externo)
Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. José Eduardo de Oliveira Evangelista Lanuti (Membro titular interno)
Programa de Pós-Graduação em Educação *campus* Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Profa. Dra. Josiane Peres Gonçalves (Membra titular interna)
Programa de Pós-Graduação em Educação *campus* Naviraí da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DE DEFESA DE DOUTORADO

Ao décimo sétimo dia do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte e cinco, às sete horas foi realizada, na Sala de Defesa do PPGEdu/Faed da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o Exame de Defesa de Doutorado da acadêmica CINTIA MEDEIROS ROBLES AGUIAR, RGA nº202100001, CPF nº ***725.861-**, apresentado sob o título "ADORNO, FANON E AS DINÂMICAS DE VIOLÊNCIA E EMANCIPAÇÃO: a dialética das encruzilhadas", cujo resultado ficou expresso conforme segue:

Dr. Christian Muleka Mwewa (UFMS/Orientador)

Dra. Patrícia Ferraz de Matos (UL/Titular)

Dr. Jaison José Bassani (UFSC/Titular)

Dr. José Eduardo de Oliveira Evangelista Lanuti (UNESP/Titular)

Dra. Josiane Peres Gonçalves (UFMS/Titular)

Dr. Emiliano Matias Gabarotta (UNLP/Suplente-Externo) e

Dra. Jaqueline Aparecida Martins Zarbato (UFMS/Suplente-Interno)

RESULTADO FINAL: Aprovada.

OBSERVAÇÃO A banca sugere em comum acordo com o orientador que a orientanda atenda as indicações sugeridas.

Nada mais havendo a ser tratado, o Presidente declarou a sessão encerrada e agradeceu a todos pela presença.

Campo Grande, 17 de fevereiro de 2025.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Christian Muleka Mwewa, Professor do Magisterio Superior**, em 17/02/2025, às 14:01, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Josiane Peres Gonçalves, Professora do Magistério Superior**, em 17/02/2025, às 14:41, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Jaison José Bassani, Usuário Externo**, em 18/02/2025, às 19:57, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Cintia Medeiros Robles Aguiar, Usuário Externo**, em 18/02/2025, às 22:07, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Patrícia Carla Valente Ferraz de Matos, Usuário Externo**, em 22/02/2025, às 10:12, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5436089** e o código CRC **57C7F426**.

COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.003189/2025-96

SEI nº 5436089

Aos meus pilares...

Kauã Robles Aguiar, meu amado filho, cuja existência é o que me inspira a não parar e continuar acreditando em mim mesma.

Kenison Aguiar, meu parceiro e amor de uma vida, meu porto seguro, sempre presente com bom humor nessa jornada compartilhada.

Em memória de Aparecido Medeiros, um tio, um pai, um amigo. Seu colo, abraço e ouvido serão eternamente lembrados e sentirei saudades deles até o fim dos meus dias.

E, a todas as pessoas que já foram vítimas de violência, que sua história e força inspirem ações para um futuro mais seguro e justo a todos.

AGRADECIMENTOS

Na encruzilhada, onde os caminhos se encontram, conta-se que Exu, o guardião das passagens, ensina o segredo do agradecimento. O mito diz que, ao lhe oferecer um presente, ele não observa apenas o que está nas mãos, mas o que há no coração. Gratidão, para ele, transcende palavras; é o movimento profundo de reconhecer o fluxo da vida, os encontros marcantes, os aprendizados transformadores e até os desvios inesperados.

Cada estrada trilhada, cada pedra enfrentada e cada mão estendida teceram o caminho que me trouxe até aqui. É com essa sabedoria ancestral que inicio este momento de reconhecimento. Este é um instante que extrapola expectativas e, ousado dizer, até estatísticas. Qual era a chance de finalizar um doutorado nas condições que me foram impostas?

Em tantos momentos, me perguntei se sairia inteira deste processo. A resposta, confesso, é não. Tive uma crise de ansiedade antes da banca de qualificação, chorei durante toda a apresentação, enfrentei mais crises ao assistir uma simples gravação, vivi gatilhos que pareciam intermináveis. Mas, entre tantas batalhas internas, vieram também às horas de terapia, o apoio incondicional de uma rede incrível de pessoas, e, mesmo com todas as limitações que este texto carrega, ele está aqui. E, por isso, meus agradecimentos se dirigem a essas pessoas, que me sustentaram em momentos de completa vulnerabilidade.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que me dá a vida, as oportunidades, as bênçãos diárias e as pessoas que tornam meus caminhos possíveis. Ao meu esposo, minha âncora e meu porto seguro, que enxuga minhas lágrimas, me apoia, e esteve comigo nos momentos mais difíceis, quando quis desistir de tudo. Obrigada por não me deixar sucumbir, por sonhar comigo quando o doutorado ainda era apenas um sonho distante, e por segurar a minha mão quando tudo parecia desmoronar. Você é minha força, meu equilíbrio e meu amor.

Ao meu orientador, Christian, o grande responsável por este texto existir. Toda história tem seus heróis e heroínas, e você foi à figura redentora na minha trajetória. Aquele que chega ao momento crucial, que te salva da queda, te resgata do afogamento e devolve o ar quando você não consegue mais respirar. Sua sensibilidade, empatia e paciência foram minha tábua de salvação. Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditava. Serei eternamente grata por sua luz em minha escuridão.

À minha mãe, Dona Fátima, e suas orações incansáveis, que carregam fé e amor. Obrigada por vibrar com cada conquista, mesmo de longe, e por acreditar em mim com tanto orgulho.

Também agradeço à minha família e amigos que, apesar da minha ausência constante, sempre torceram e vibraram por cada pequeno passo rumo a este momento.

Um agradecimento especial aos meus queridos anônimos, que foram mais do que uma rede de apoio; foram minha base emocional. Vocês ouviram minhas dores repetidas vezes, acolheram minhas vulnerabilidades e nunca reclamaram, mesmo quando o peso das palavras parecia demais. O Acadêmicos Anônimos foi e continuará sendo meu lar de acolhimento, e desejo que ninguém precise passar pelas mesmas dificuldades que eu para concluir um doutorado.

À minha amiga Palloma Victória Nunes e Silva, minha pessoa, o meu maior consolo e apoio nesses 4 anos intermináveis. A melhor mineira que este planeta já viu, uma amiga ímpar, com quem compartilhei lágrimas, risos e esperanças. Palloma, você segurou minha mão nos melhores e piores momentos dessa jornada, foi minha confidente, minha força, minha inspiração. Não tenho palavras suficientes para expressar minha gratidão.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a mim mesma. A pessoa que poderia ter desistido, mas não desistiu. Que escolheu enfrentar a dor, procurar ajuda, deixar doer para, enfim, seguir em frente. Você conseguiu, e isso é algo que jamais pode ser esquecido. Respire fundo, celebre este momento e lembre-se: isso não é o fim, mas o começo de algo muito maior e melhor.

Agradeço, também, aos meus colegas do EduForP, que foram meu lar acadêmico, meu refúgio, minha inspiração. Vocês fizeram dessa jornada uma experiência mais leve, mais rica e mais significativa. A todos que, de alguma forma, trilharam este caminho comigo, meu mais profundo e eterno agradecimento.

“Cada geração, numa relativa opacidade, deve descobrir sua missão, cumpri-la ou traí-la.”

(Frantz Fanon)

RESUMO

Este estudo insere-se nas atividades do Grupo de Pesquisa “Formação e Cultura na Sociedade Contemporânea – EduForP/CNPq” e no Programa de Pesquisa “Teoria Crítica para o Inconformismo: a não-Identidade como telos das relações étnicas e ‘raciais’”, financiado pelo CNPq/MCTI/FNDCT (Chamada 18/2021 – Universal). Vinculado à linha de pesquisa “Educação, Cultura, Sociedade” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o estudo examina a violência como ameaça à emancipação humana a partir do diálogo entre Theodor W. Adorno e Frantz Fanon. A pesquisa propõe a “dialética das encruzilhadas” como ferramenta analítica para articular as relações entre conformidade e ruptura na compreensão das dinâmicas da violência. Metodologicamente, adota a *Grounded Theory* para a análise das obras Estudos sobre a Personalidade Autoritária (Adorno *et al.*, 2019) e Os Condenados da Terra (Fanon, 2022), expandindo o escopo para outros textos fundamentais dos autores. A partir da crítica adorniana à conformidade e da perspectiva fanoniana sobre a violência como práxis de ruptura, o estudo investiga como a violência opera estruturalmente na conformação dos sujeitos e na reprodução das desigualdades. Os resultados indicam que, enquanto Adorno compreende a violência como um mecanismo de manutenção da ordem social autoritária, Fanon a analisa como um meio de subversão das estruturas opressoras. No entanto, o estudo demonstra que ambas as abordagens convergem na compreensão da violência como fenômeno estruturante das relações sociais, estabelecendo um ponto de intersecção na crítica às formas de dominação. A dialética das encruzilhadas evidencia que a oposição entre conformidade e ruptura não é binária, mas atravessada por complexidades históricas e contextuais que desafiam uma leitura simplista da violência. Conclui-se que a dialética das encruzilhadas contribui para um entendimento mais amplo da violência enquanto fenômeno social, permitindo deslocar as discussões para além de categorias fixas e dicotômicas. Esse deslocamento teórico oferece subsídios para aprofundar a análise crítica da violência em sua relação com a educação, sugerindo novos caminhos para a construção de alternativas teóricas que não reproduzam as armadilhas do conformismo ou da destruição absoluta.

Palavras-chave: Theodor Adorno. Frantz Fanon. Violência. Conformidade. Ruptura. Dialética das encruzilhadas.

ABSTRACT

*This study is part of the activities of the Research Group "Formation and Culture in Contemporary Society – EduForP/CNPq" and the Research Program "Critical Theory for Nonconformity: Non-Identity as the Telos of Ethnic and 'Racial' Relations," funded by CNPq/MCTI/FNDCT (Call 18/2021 – Universal). Linked to the research line "Education, Culture, Society" of the Graduate Program in Education at the Federal University of Mato Grosso do Sul, the study examines violence as a threat to human emancipation through the dialogue between Theodor W. Adorno and Frantz Fanon. The research proposes the "dialectic of crossroads" as an analytical tool to articulate the relationships between conformity and rupture in understanding the dynamics of violence. Methodologically, it adopts Grounded Theory to analyze the works *Studies in the Authoritarian Personality* (Adorno et al., 2019) and *The Wretched of the Earth* (Fanon, 2022), expanding the scope to other fundamental texts by the authors. Drawing from Adorno's critique of conformity and Fanon's perspective on violence as a praxis of rupture, the study investigates how violence operates structurally in shaping subjects and reproducing inequalities. The results indicate that while Adorno understands violence as a mechanism for maintaining authoritarian social order, Fanon analyzes it as a means of subverting oppressive structures. However, the study demonstrates that both approaches converge in viewing violence as a structuring phenomenon of social relations, establishing an intersection in their critique of domination. The dialectic of crossroads highlights that the opposition between conformity and rupture is not binary but is traversed by historical and contextual complexities that challenge a simplistic reading of violence. The study concludes that the dialectic of crossroads contributes to a broader understanding of violence as a social phenomenon, allowing discussions to move beyond fixed and dichotomous categories. This theoretical shift provides support for deepening the critical analysis of violence in its relationship with education, suggesting new pathways for constructing theoretical alternatives that do not reproduce the traps of conformity or absolute destruction.*

Keywords: Theodor Adorno. Frantz Fanon. Violence. Conformity. Rupture. Dialectic of crossroads.

RESUMEN

Este estudio forma parte de las actividades del Grupo de Investigación “Formación y Cultura en la Sociedad Contemporánea – EduForP/CNPq” y del Programa de Investigación “Teoría Crítica para la Inconformidad: la no-Identidad como telos de las relaciones étnicas y ‘raciales’”, financiado por el CNPq/MCTI/FNDCT (Convocatoria 18/2021 – Universal). Vinculado a la línea de investigación “Educación, Cultura, Sociedad” del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul, el estudio examina la violencia como una amenaza para la emancipación humana a partir del diálogo entre Theodor W. Adorno y Frantz Fanon. La investigación propone la “dialéctica de las encrucijadas” como una herramienta analítica para articular las relaciones entre conformidad y ruptura en la comprensión de las dinámicas de la violencia. Metodológicamente, adopta la Teoría Fundamentada para el análisis de las obras Estudios sobre la personalidad autoritaria (Adorno et al., 2019) y Los condenados de la tierra (Fanon, 2022), ampliando el alcance a otros textos fundamentales de los autores. A partir de la crítica adorniana a la conformidad y de la perspectiva fanoniana sobre la violencia como praxis de ruptura, el estudio investiga cómo la violencia opera estructuralmente en la conformación de los sujetos y en la reproducción de las desigualdades. Los resultados indican que, mientras Adorno comprende la violencia como un mecanismo de mantenimiento del orden social autoritario, Fanon la analiza como un medio de subversión de las estructuras opresoras. No obstante, el estudio demuestra que ambos enfoques convergen en la comprensión de la violencia como un fenómeno estructurante de las relaciones sociales, estableciendo un punto de intersección en la crítica a las formas de dominación. La dialéctica de las encrucijadas evidencia que la oposición entre conformidad y ruptura no es binaria, sino que está atravesada por complejidades históricas y contextuales que desafían una lectura simplista de la violencia. Se concluye que la dialéctica de las encrucijadas contribuye a una comprensión más amplia de la violencia como fenómeno social, permitiendo desplazar las discusiones más allá de categorías fijas y dicotómicas. Este desplazamiento teórico ofrece insumos para profundizar el análisis crítico de la violencia en su relación con la educación, sugiriendo nuevos caminos para la construcción de alternativas teóricas que no reproduzcan las trampas de la conformidad o de la destrucción absoluta.

Palabras clave: Theodor Adorno. Frantz Fanon. Violencia. Conformidad. Ruptura. Dialéctica de las encrucijadas.

RESUMÉ

Cette étude s'inscrit dans les activités du Groupe de Recherche « Formation et Culture dans la Société Contemporaine – EduForP/CNPq » et dans le Programme de Recherche « Théorie Critique pour l'Inconformisme : la non-Identité comme télos des relations ethniques et "raciales" », financé par le CNPq/MCTI/FNDCT (Appel 18/2021 – Universel). Rattachée à la ligne de recherche « Éducation, Culture, Société » du Programme de Post-Graduation en Éducation de l'Université Fédérale du Mato Grosso do Sul, l'étude examine la violence comme une menace pour l'émancipation humaine à partir du dialogue entre Theodor W. Adorno et Frantz Fanon. La recherche propose la « dialectique des carrefours » comme outil analytique pour articuler les relations entre conformité et rupture dans la compréhension des dynamiques de la violence. Méthodologiquement, elle adopte la Grounded Theory pour l'analyse des œuvres Études sur la personnalité autoritaire (Adorno et al., 2019) et Les Damnés de la Terre (Fanon, 2022), en élargissant le champ d'étude à d'autres textes fondamentaux des auteurs. À partir de la critique adornienne de la conformité et de la perspective fanonienne sur la violence comme praxis de rupture, l'étude explore comment la violence opère structurellement dans la formation des sujets et la reproduction des inégalités. Les résultats indiquent que, tandis qu'Adorno comprend la violence comme un mécanisme de maintien de l'ordre social autoritaire, Fanon l'analyse comme un moyen de subversion des structures oppressives. Toutefois, l'étude démontre que ces deux approches convergent dans la compréhension de la violence comme phénomène structurant des relations sociales, établissant ainsi un point d'intersection dans la critique des formes de domination. La dialectique des carrefours révèle que l'opposition entre conformité et rupture n'est pas binaire, mais traversée par des complexités historiques et contextuelles qui remettent en question une lecture simpliste de la violence. En conclusion, la dialectique des carrefours contribue à une compréhension plus large de la violence en tant que phénomène social, permettant de déplacer les discussions au-delà des catégories fixes et dichotomiques. Ce déplacement théorique offre des éléments pour approfondir l'analyse critique de la violence dans son rapport avec l'éducation, suggérant de nouvelles voies pour la construction d'alternatives théoriques qui n'engendrent ni le piège de la conformité ni celui de la destruction absolue.

Mots-clés: Theodor Adorno. Frantz Fanon. Violence. Conformité. Rupture. Dialectique des carrefours.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Linha do tempo da trajetória de vida de Theodor W. Adorno	97
Figura 2 - Linha do tempo da trajetória de vida de Frantz Fanon.....	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Organização dos conceitos-chave e ideias em "Personalidade autoritária" (2019).	105
Quadro 2 - Organização das ideias e conceitos-chave em “Os Condenados da Terra” (2022).	108
Quadro 3 - Pontos de aproximação entre Adorno e Fanon	109
Quadro 4 - Pontos de distanciamento entre Adorno e Fanon	110
Quadro 5 - Pontos de tensões entre Adorno e Fanon	111
Quadro 6 - Nuances e complexidades entre as obras	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

EDUFORP – Grupo de Pesquisa “Formação e Cultura na Sociedade Contemporânea”.

FNDCT – Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MCTI – Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

MVCI – Mortes Violentas por Causa Indeterminada.

OASISBR – Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto.

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

ONU – Organização das Nações Unidas.

PIBIC-AF – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ações Afirmativas.

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

SINAN – Sistema de Informação de Agravos de Notificação.

SIM – Sistema de Informação sobre Mortalidade.

TCU – Tribunal de Contas da União.

SUMÁRIO

Apresentação: a trajetória acadêmica como ensaio para escrita de si.....	19
Preâmbulo: entre atos e encruzilhadas	26
Introdução.....	29
1. Adorno e a violência da conformidade.....	36
1.1 Conformidade e a formação da Personalidade Autoritária	37
1.2 Conformidade e Razão Instrumental.....	40
1.3 Alienação e a vida conformada	43
1.4 Conformidade e a Cultura de Massa	46
2. Fanon e a violência da ruptura	51
2.1 Introdução à violência como práxis de ruptura	51
2.2 A violência como um ato de descolonização	55
2.3 A violência da ruptura e a psicologia do colonizado	57
2.4 A violência e a emancipação coletiva	59
3. As encruzilhadas entre Adorno e Fanon.....	64
3.1 A violência como campo de tensão entre conformidade e ruptura	64
3.2 A violência da conformidade e a violência da ruptura: distanciamentos e aproximações.....	67
3.3 A violência no processo de emancipação: o papel das vítimas e dos agressores.....	70
3.4 A dialética das encruzilhadas: convergências e possibilidades de diálogo.....	74
Considerações Finais.....	78
Referências.....	86
Apêndices	89
Apêndice A – Revisão de Literatura	90
Apêndice B – Trajetória biográfica dos autores.....	96
Apêndice C – Procedimentos de codificação e categorização na análise das obras	105

Apresentação: a trajetória acadêmica como ensaio para escrita de si

O ensaio, como uma expressão literária que transcende as fronteiras convencionais, desafia categorias rígidas, vagando pela encruzilhada entre a profundidade do pensamento e a fluidez da linguagem, representando assim a forma de um pensamento em constante evolução.

(Theodor Adorno)

Enquanto ensaísta não cultivo qualquer esperança de oferecer explicações pormenorizadas ou definitivas. Resigno-me a escrever episódios e interpretações sobre minha trajetória acadêmica que se entrecruzam com a construção de um olhar sobre o objeto desta pesquisa. A escrita de mim mesma, na forma de ensaio, representa uma posição cultural específica em dois aspectos: sou uma pesquisadora em formação e uma docente iniciante, e ambas as perspectivas são indissociáveis. No momento em que escrevo este ensaio, minha forma de agir e pensar são influenciados pela minha condição de migrante¹.

Meu encontro com Adorno e Fanon, assim como ser orientada pelo Christian, é recente, e os caminhos que nos aproximaram foram sinuosos. No entanto, essa aproximação tem me proporcionado o sentimento de pertencer a um lugar e a um grupo. A partir dessa relação, surgiram algumas afinidades, sendo que a que conduz o caminho até esta pesquisa é a inquietude em relação à forma como a sociedade em que vivemos se estrutura.

Por exatos sete anos (2014-2021), dediquei-me à pesquisa e imergi em temáticas relevantes para a História da Educação Local, mais especificamente para a História da Educação de Mato Grosso do Sul. Essas investigações também se mostraram relevantes para a compreensão da História da Educação Brasileira como um todo. Esse processo foi fundamental para minha formação pessoal e profissional, e meu ofício enquanto pesquisadora foi construída ao longo dessa jornada, que terminou no início de 2022, de forma inesperada.

¹ Nascida e criada na periferia de Campo Grande/MS, esta sul-mato-grossense que vos escreve deixou o Pantanal para viver à beira-mar paraibana no final de 2021.

Imagine o seguinte cenário: a pessoa tem um ano de doutorado já cursado, tendo cumprido todos os créditos obrigatórios com conceito A, com projeto de pesquisa e comitê de ética, recém-aprovados, além de ter produtos publicados e aceitos em quantidade suficiente para qualificação e defesa. Essa pessoa também entregou cerca de cem páginas de dados empíricos já transcritos e estava somente no início da construção do *corpus* documental para sua pesquisa.

No entanto, após conversas por e-mail, ela é informada de que sua vida pessoal se sobrepõe ao curso de doutorado e isso atenta à qualidade da ação formativa, pois ser uma mulher e mãe e sua família ser uma prioridade, não atende as competências de uma orientanda aceitável, portanto, sua orientação estava sendo encerrada. Junte a isso o fato dela ter acabado de se mudar de estado, estar distante da família, enfrentando o processo de adaptação a uma nova cultura, culinária e linguagem, um luto e seu filho de quinze anos se afastando pela primeira vez para estudar fora.

Foi exatamente nesse cenário que o Christian me encontrou quando foi convidado pela coordenação do curso a se tornar meu orientador. Nós nos conhecemos em uma reunião extremamente desconfortável com membros do colegiado, onde eu precisava de um orientador e ele não havia preenchido a vaga disponível. Me senti no elenco de “casamento às cegas”.

Tivemos uma conversa dura, franca e aberta em uma reunião que foi extremamente tensa e dolorosa para mim. Nesse encontro, alinhamos expectativas e fizemos os arranjos iniciais. No entanto, logo após a saída dele da sala de reunião, os membros do colegiado iniciaram uma cascata de encaminhamentos que culminaram em uma avalanche de problemas que desabou sobre mim, entre eles, o mais significativo foi a revogação da bolsa de estudos que eu havia recentemente conquistado, e isso ocorreu imediatamente, com efeito retroativo ao anúncio.

Gostaria de contextualizar este acontecimento. Durante todo o mestrado, atuei como bolsista, e devo dizer que não foi uma experiência tranquila. Enfrentei uma pressão constante para manter altos níveis de produtividade, uma demanda que, na prática, se revelou insustentável. As ameaças, muitas vezes veladas, de ter que devolver integralmente o valor da bolsa, caso não fosse aprovada, pairavam como uma sombra constante sobre mim.

Além disso, me senti compelida a seguir um pacto coletivo pré-estabelecido que estabelecia que bolsistas deveriam acatar todas as exigências do programa e do orientador a qualquer custo. Afinal, havia assinado um termo de dedicação exclusiva. Foram 24 meses marcados pela angústia, sofrimento e pela frequente necessidade de buscar terapia. Diante dessa situação, tomei a decisão de não considerar mais a possibilidade de ser uma bolsista.

No entanto, vale ressaltar que existe uma linha tênue na hierarquia da relação entre orientador e orientando, que às vezes ultrapassa os limites que estabelecemos. Acabei cedendo às sugestões contrárias aos meus planos, justificando isso pelo “bem da pesquisa”. O plano inicial era claro: em 2022, me dedicaria exclusivamente ao doutorado para qualificar no início de 2023. A bolsa entrou em vigor em dezembro de 2021, e eu acabei me mudando de cidade após a concessão, o que era permitido na época, já que a normativa que exigia residência no mesmo local do programa havia sido revogada em 2020 devido à pandemia. No entanto, a bolsa foi revogada abruptamente, inicialmente alegando que eu não estava cumprindo a normativa de residência na mesma cidade do programa. Recentemente, descobri que a razão real foi a “critério do curso”, mas os detalhes desses critérios permanecem (e é muito provável que permaneçam pela eternidade) obscuros. A perspectiva de encontrar emprego só seria uma realidade em 2023.

Todos estes eventos se desenrolaram em março de 2022. Sou professora, o que significa que o período ideal de procurar emprego já havia passado, e todas as escolas já haviam preenchido suas vagas. O cenário, que já não era favorável, se tornou ainda mais sombrio. Portanto, meu conselho para quem está em formação e lendo este ensaio é simples: siga seus instintos e não desvie dos planos que você traçou para sua vida pessoal e profissional, custe o que custar. O “bem da pesquisa” se transformou no meu pior pesadelo. Além de ser confrontada, questionada e desvalorizada, cheguei a passar fome mesmo com um diploma de mestrado em mãos.

É extremamente raro encontrar alguém, especialmente no âmbito institucional, que ofereça respaldo ou simplesmente escute. No entanto, você não encontrará ninguém que lute ao seu lado. Sua vida e sua saúde mental valem mais que isso. Apenas eu sei as sequelas de passar por um programa de pós-graduação que me prejudicou tanto. Se não fosse pela minha rede de apoio, aquela que desqualifica minha capacidade como orientanda, eu não estaria mais aqui. Me sinto sem forças e emocionalmente esgotada para travar essa batalha. Enquanto não enfrentarmos as injustiças e atrocidades que vivemos no ambiente da pós-graduação, nada mudará. Mas, estou profundamente em pedaços para isso. Espero que este relato possa inspirar alguém a tomar medidas que eu, infelizmente, não tenho forças para tomar.

Saí daquela reunião com um orientador, mas acabei entrando para a fila de mestres desempregados e desesperados. Em poucas semanas, isso resultou em contas atrasadas, falta de alimentação e um aviso de despejo. Naquele momento, considerei todas as possibilidades e tomei a decisão mais difícil desde que tracei meu objetivo profissional de ser professora do magistério superior: desistir do doutorado.

Escrevi um e-mail detalhado ao Christian, no qual expus minha situação atual, abordando em detalhes todas as considerações que levei em conta antes de tomar a dolorosa decisão de pedir meu desligamento do programa de pós-graduação. Na reunião que conversamos pela primeira vez, eu estava dedicada exclusivamente ao curso, mas agora essa dedicação não era mais possível. Continuar com o mesmo projeto de pesquisa não era uma opção, e deixar o curso parecia ser a escolha mais sensata a se fazer. Esse e-mail foi, de longe, o mais difícil que já escrevi em toda a minha carreira. Desistir de algo pelo qual você sonhou e lutou por tanto tempo não é uma decisão fácil de tomar.

Assim que o Christian leu o e-mail, ele me ligou imediatamente e eu não pude atendê-lo. A resposta ao meu e-mail foi o primeiro gesto humano que alguém com o título de doutor, especialmente neste programa de pós-graduação, tiveram em relação a mim até então. Eu li cada linha com lágrimas nos olhos. Christian pensou que eu estava tomando uma decisão impulsiva, mas levei um mês para finalmente enviar aquele e-mail, lutando comigo mesma entre a vontade de ficar e a incapacidade de encontrar qualquer solução para continuar.

Ele me ofereceu apoio incondicional para me reerguer, reorganizar minhas prioridades e não desistir. Christian me deu espaço para respirar, encontrar um emprego e alcançar alguma estabilidade financeira e emocional antes de retornar. Ele me permitiu escolher o momento mais conveniente e confortável para me integrar ao grupo de estudos, sem me sentir pressionada. Dado que havia demandas, carga extensa de leituras e muito trabalho a ser feito, ele não apenas apresentou soluções, mas também sustentou cada uma delas.

Finalmente, consegui efetivamente retornar ao ambiente acadêmico em outubro de 2022. Fui calorosamente acolhida pelo grupo e entrei no final da leitura de “Os condenados da Terra” de Frantz Fanon, acompanhando as discussões da obra. Foi um comentário de Christian que deu origem a esse projeto, quando ele mencionou: “Não existe um diálogo efetivo entre Adorno e Fanon, o que poderia ser uma tese”. Essa faísca de ideia despertou meu interesse. Embora Christian tenha me oferecido a opção de continuar com o mesmo projeto, era importante para eu cortar todas as ligações com a pessoa que me orientava. Levei essa ideia para uma conversa, que se transformou em um esboço e, em novembro de 2022, o projeto ganhou forma. Em dezembro de 2022, desenvolvemos um sumário e iniciamos essa jornada acadêmica, juntos.

E por que estou escrevendo sobre isso? Porque desisti de muitas coisas ao longo do caminho, e uma delas foi à pesquisa e à docência no Ensino Superior. No entanto, sigo perseverando em relação a algo que era um sonho impossível: o doutorado. Caso contrário, você

não estaria lendo este ensaio. Estou compartilhando essa experiência para deixá-la registrada para a posteridade e destacar o quão desafiador é ser pesquisadora em um país misógino, inserida em um ambiente elitista. Além de não sermos devidamente remuneradas pelo nosso trabalho, os processos institucionais, as relações de poder e as dinâmicas desse jogo são tão perversos que flertam com a barbárie quando tomadas na sua individualidade. No entanto, quero enfatizar minha crença de que as relações no ambiente acadêmico sejam entre orientadores e orientandos, entre colegas ou em hierarquias, não precisam se perpetuar dessa forma.

Não conheço muitos orientadores, mas conheço muitos pós-graduandos, e sei que muitos deles se identificarão com a minha história, ou pelo menos com parte dela. Ousaria afirmar que consigo encontrar pessoas que passaram por situações ainda mais devastadoras do que a minha. O ambiente que prega e defende uma educação pública de qualidade é o mesmo que fomenta e (re)produz práticas predatórias que persistem em nome de Qualis e da manutenção de egos e status vazios, culpabilizando suas vítimas com a maior naturalidade possível. Perdi as contas de quantas vezes já ouvi a frase: “Ninguém obrigou você a fazer o processo seletivo, muito menos a se matricular, quando se entra em um jogo tem que saber jogar pelas suas regras”.

Tudo que vivenciei desde que entrei na academia sempre me intrigou. Enfrentei muitas dificuldades e estendi a mão para muitos colegas. Testemunhei outros sendo engolidos por esse sistema, sem saber exatamente o que fazer a respeito. No entanto, sempre tive em mente que, quando estivesse nessa posição, não queria reproduzir tais práticas. Mas será que isso será o suficiente? Sinceramente, não tenho resposta para essa pergunta. Hoje esse é o lugar do qual quero distância.

Na contramão desse projeto de formação de pesquisadores que beira a barbárie, encontrei um exemplo prático e concreto de que esse ambiente pode ser diferente. Eu o chamo de um tipo novo e antropológico de orientador: o empático, que se esforça para não reproduzir toda a violência simbólica e institucional com a qual convivi por tanto tempo e que me era tão familiar no ambiente acadêmico.

Se você está lendo este texto, é porque um professor, colocado em uma situação que ele não criou e que não acrescentaria em nada em sua carreira, olhou para mim como um ser humano que precisava de ajuda e criou todas as condições possíveis para que eu pudesse continuar. Não foi o programa, não foi a instituição, não foram os membros do colegiado; foi o Christian que não me deixou desistir. No âmago do meu desespero, ele me abriu possibilidades para ressignificar minha

trajetória. Como ilustração, me lembro de uma faixa do rapper Emicida no álbum “AmarElo” (2019), uma releitura de Belchior, que capta bem o que sinto no momento de escrita deste texto:

**Tenho sangrado demais
Tenho chorado para cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro.**

Desde a minha juventude, aprendi a sobreviver. Sou filha de Dona Fátima, uma merendeira aposentada de uma escola de educação básica, que teve a oportunidade de concluir apenas o ensino primário. Minha trajetória está profundamente ligada às escolas públicas das Moreninhas, um bairro periférico de Campo Grande/MS, onde nasci e cresci. Essas escolas desempenham um papel fundamental na construção da minha identidade e têm grande influência na minha jornada até o momento.

A Escola Municipal Professor Aldo de Queiroz foi o meu alicerce. A Escola Estadual Waldemir Barros da Silva foi o local onde cursei o Ensino Médio, mas infelizmente, abandonei-a na 3ª série quando descobri que estava grávida. A imaturidade e o medo de carregar o estigma de "a grávida da escola" pesaram mais do que a minha determinação. A Escola Estadual Arlindo de Sampaio Jorge foi o lugar que me acolheu quando entrei para a EJA - Educação de Jovens e Adultos. No entanto, não permaneci por muito tempo, pois uma funcionária da secretaria da escola me orientou a fazer o ENCCEJA - Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos - para concluir o Ensino Médio, e fui aprovada no exame, recebendo minha certificação em 2007.

Enquanto a maioria dos jovens do meu bairro se encaminhava para o mercado de trabalho, frequentemente de forma informal, ou para o mundo do crime, eu era uma mãe adolescente sem perspectivas. Foi o desejo de que meu filho tivesse orgulho de mim que me incentivou a retomar os estudos, e esse desejo continua a me motivar, apesar dos obstáculos.

Foi no Centro Estadual Professora Maria de Lourdes Widal Roma que me formei como Técnica em Recursos Humanos, e ali tudo mudou. Eu nunca havia feito o ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio - porque tinha certeza de que não seria aprovada. Era algo tão distante da minha realidade que nem considerava a possibilidade. No entanto, devido à insistência dos meus professores, decidi me inscrever. Com minha pontuação no ENEM, fui admitida nos cursos de

Ciências Sociais e Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Escolhi Pedagogia, e nesse curso descobri minha paixão pela pesquisa.

Fui à primeira da minha família a entrar na universidade e, até agora, a única a fazer pós-graduação. Sou produto de políticas de cotas raciais, sociais e educacionais. Enfrentei inúmeras dificuldades ao cursar uma faculdade em período integral, incluindo a falta de recursos financeiros para as necessidades mais básicas. Tinha dificuldades em acompanhar as discussões da turma, carecia de conhecimento prévio e enfrentei situações em que me pediram para sair da sala de aula por estar com meu filho. Também tive que renunciar a estágios obrigatórios para trabalhar e perdi um semestre inteiro quando meu filho ficou doente, e a universidade se recusou a aceitar o atestado de acompanhante.

Contudo, resisti a todas as adversidades. Meu objetivo era seguir carreira no magistério superior e desenvolver pesquisas relevantes, e a pós-graduação era o caminho para alcançar esse objetivo. Durante sete anos, enfrentei todo tipo de situação, sempre olhando para o futuro. Mas o limite chegou inúmero foi às vezes que esse sistema me fez questionar se este era realmente um lugar que eu gostaria de ocupar e, pela primeira vez, a resposta foi: Não! Hoje eu vivo em uma linha tênue entre meu maior sonho ter se transformado no meu pior pesadelo e, o sentimento de não dar o poder ao outro de me rotular ou dizer o que posso ou não conquistar. A esperança que equilibra a balança é terminar o doutorado sem me perder, e espero poder dizer que o preço não foi alto demais.

Essa esperança é alimentada por todo o acolhimento que o “mundinho do EduForP” e o “Acadêmicos Anônimos” me proporcionam... **“ano passado eu morri..., mas esse ano eu não morro...”**. Precisei de um tempo para me recuperar da sequência de golpes, o fundo do poço é real, mas encontrei quem me ajudasse a sair de lá. Esse apoio foi fundamental para iniciar minha jornada de volta, e não tem sido uma jornada solitária. O EduForP e o Acadêmicos Anônimos foram o impulso que eu precisava. Durante esse processo, que está sendo conduzido com muita calma e respeito às minhas limitações e necessidades, comecei a me reconectar com algo que sempre amei e que havia perdido a capacidade de pensar e fazer: a pesquisa. A identificação com os escritos de Adorno e Fanon abriram uma nova possibilidade de pesquisa para mim, e essa oportunidade tem sido parte da corda que me puxa para fora desse abismo.

Preâmbulo: entre atos e encruzilhadas

“[...] a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientam toda sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência [e enfrentamento].”

(Theodor W. Adorno)

A metáfora dos "atos" é empregada para estruturar a narrativa da pesquisa em três momentos principais, inspirando-se na dramaturgia, onde cada ato marca uma etapa distinta do desenvolvimento da trama. No contexto da tese, os atos refletem os movimentos intelectuais e metodológicos que guiaram a pesquisa: a escolha inicial do diálogo teórico, a introdução de categorias de violência e políticas educacionais, e a definição do escopo final eminentemente teórico. Já o conceito de "encruzilhada" remete a um espaço metafórico de interseções, inspirado nas tradições das religiões de matriz africana, onde diferentes caminhos – representados aqui pelos pensamentos de Adorno e Fanon, bem como pelas posições de vítima e agressor – convergem, possibilitando a reflexão dialética sobre os cruzamentos, tensões e potencialidades de transformação inerentes às dinâmicas de violência.

Esta pesquisa teve sua origem em uma inquietação teórica e pessoal: compreender as dinâmicas da violência como fenômeno estruturante das relações sociais e suas implicações para a educação. O caminho percorrido até aqui pode ser descrito como uma jornada em três atos, cada um deles marcado por descobertas, revisões e escolhas que moldaram o escopo final desta tese.

O primeiro ato teve início com a escolha de explorar as aproximações, tensões e distanciamentos entre Theodor W. Adorno e Frantz Fanon. Partindo da perspectiva adorniana sobre a importância de analisar o "sujeito sofredor" – ou seja, a vítima – e da radiografia fanoniana das condições e efeitos da opressão, a pesquisa encontrou nas obras *Estudos sobre a Personalidade Autoritária* (Adorno, 2019) e *Os Condenados da Terra* (Fanon, 2022) o alicerce inicial para o desenvolvimento da reflexão teórica. Esse foi um momento de encontro, onde o diálogo entre os autores, ainda inexplorado na literatura², despontou como possibilidade ousada e promissora.

² Para uma revisão detalhada da literatura e da inexistência de estudos que explorem diretamente o diálogo entre Adorno e Fanon, consultar o Apêndice A.

O segundo ato marcou a consolidação da violência como eixo central do estudo, destacando sua natureza multidimensional, presente tanto nas dinâmicas sociais quanto no campo educacional. Essa escolha emergiu da constatação de que a violência, longe de ser um fenômeno pontual, é uma condição intrínseca ao desenvolvimento histórico-social. Adorno e Fanon oferecem perspectivas complementares para compreender esse fenômeno: Adorno aborda as raízes da barbárie no autoritarismo e na conformidade social, enquanto Fanon examina a violência como elemento estruturante das relações coloniais, revelando seus efeitos psíquicos e materiais sobre os sujeitos.

Nesse contexto, as categorias de violência mapeadas pelo IPEA – como homicídios, violência contra mulheres, jovens, negros, indígenas, idosos, pessoas LGBTQIAP+ e pessoas com deficiência – foram incorporadas como referência inicial para explorar as interseções entre opressão e educação. Além disso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) foi integrada à análise, reforçando a conexão entre as dimensões sociais da violência e o campo educacional. Esses elementos ampliaram o terreno de reflexão teórica, fornecendo subsídios para a articulação entre as discussões sobre violência e as políticas educacionais.

No entanto, a pesquisa não se contentou com a aplicação dessas categorias ao contexto educacional. As discussões com a banca de qualificação impulsionaram a reflexão para além das práticas empíricas e políticas educacionais, culminando no terceiro ato, que marca a definição do escopo final da tese. Após considerações profundas, optou-se por uma abordagem eminentemente teórica. A dialética das encruzilhadas foi concebida como uma metáfora analítica para explorar as interseções entre Adorno, Fanon, o agressor e a vítima. Aqui, a tese se afasta de proposições práticas e centra-se na análise de duas obras – Estudos sobre a Personalidade Autoritária (Adorno) e Os Condenados da Terra (Fanon) –, buscando iluminar as interseções e tensões entre conformidade e ruptura, opressão e possibilidade de transformação.

Minha trajetória pessoal e acadêmica também permeia essa construção. Cresci em um contexto marcado por desigualdades e vivi, em diferentes momentos, situações que me colocaram tanto como vítima quanto como perpetuadora de formas sutis de violência. Essas experiências se entrelaçam com o percurso acadêmico, incluindo o enfrentamento da violência simbólica e institucional no ambiente da pós-graduação. Esses vestígios de uma educação não emancipadora reforçaram meu compromisso em investigar as raízes e dinâmicas estruturais que sustentam a opressão.

Esta tese, assim, não busca respostas definitivas, mas sim oferecer uma contribuição teórica que ilumine as complexidades da violência. A partir do diálogo entre Adorno e Fanon, as

encruzilhadas entre autoritarismo, emancipação, agressor e vítima serão analisadas sob uma lente crítica, refletindo o potencial transformador da compreensão teórica. A educação, embora transversal, surge como espaço latente, carregado das contradições e possibilidades que a violência, como fenômeno estrutural, impõe.

Introdução

Este estudo faz parte das atividades do Grupo de Pesquisa “Formação e Cultura na Sociedade Contemporânea – EduForP/CNPq” e está inserido no âmbito do Programa de Pesquisa intitulado “Teoria Crítica para o Inconformismo: a não-Identidade como *telos* das relações étnicas e ‘raciais’”. O projeto é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/MCTI/FNDCT) por meio da chamada número 18/2021 – Universal sob a supervisão do Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa, coordenador geral do projeto. Além disso, essa pesquisa está vinculada à Linha de Pesquisa “Educação, Cultura, Sociedade”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, localizada no *campus* de Campo Grande.

As pesquisas desenvolvidas no âmbito do EduForP têm se dedicado a investigar criticamente as relações étnico-raciais e as formas como a violência se manifesta na formação dos sujeitos. Estudos recentes, como a tese de Julyana Sueme Winkler Oshiro “Expressões de violências na escola, tensões sociais e “raciais”: minha presença o incomoda?” (2024), exploram as tensões vividas por estudantes racializados no ambiente escolar, evidenciando a interseção entre violência simbólica e racialização.

Na mesma linha, a dissertação de Juliana Silva Rando “Formação da personalidade racista no contexto formativo: um estudo de caso a partir do campo do estágio” (2021) investiga os processos pelos quais a educação pode tanto reforçar quanto questionar a reprodução do racismo. Já os trabalhos de Christian Muleka Mwewa e Patrícia Ferraz de Matos, como “Formação para uma personalidade antirracista: porque o racismo não nasce com a criança” (2022) e “O racismo importa: contributos dos campos da educação, da formação e das ciências sociais” (), aprofundam a discussão sobre a necessidade de uma educação que enfrente criticamente as bases estruturais do racismo. Essas pesquisas, ao lado do presente estudo, compõem um esforço coletivo para problematizar as relações entre educação, violência e identidades, oferecendo diferentes perspectivas para compreender os desafios contemporâneos no campo da teoria crítica.

A violência, compreendida como um conjunto de práticas e estruturas que perpetuam desigualdades e opressões apresenta-se como uma ameaça direta à emancipação humana. Este estudo propõe-se a analisar teoricamente como a violência se configura nessa ameaça, explorando as intersecções entre conformidade, ruptura, agressão e vitimização. Compreendemos a violência a partir do imperativo categórico negativo formulado por Adorno, segundo o qual Auschwitz não deve se repetir. Essa formulação permite entender a violência não apenas como um ato físico ou

explícito, mas como um mecanismo estrutural que se insere nas formas de organização social e molda subjetividades. Para Adorno, a violência se manifesta na reprodução da barbárie por meio de estruturas que impõem conformidade e naturalizam processos de desumanização.

A escravização negra e indígena nas Américas exemplifica esse funcionamento, evidenciando como a violência histórica se perpetua por meio da adaptação dos indivíduos a sistemas opressivos. Assim, ao analisar as obras de Adorno e Fanon, esta pesquisa busca compreender as diferentes dinâmicas da violência – enquanto força de conformação e enquanto ruptura –, explorando suas tensões e convergências. O tema da pesquisa, portanto, emerge da necessidade de compreender como as dinâmicas de violência são analisadas por Theodor W. Adorno e Frantz Fanon, autores que, apesar de origens e contextos distintos³, oferecem críticas profundas aos mecanismos de violência e suas implicações para a emancipação.

A escolha desse tema justifica-se por sua relevância teórica e prática. Em um mundo marcado por crescentes desigualdades e opressões, revisitar as contribuições de Adorno e Fanon é um passo essencial para repensar as possibilidades de transformação social. Adorno, com sua crítica à conformidade e à formação autoritária, e Fanon, com sua análise da violência enquanto práxis de ruptura oferecem perspectivas complementares para entender as múltiplas faces da violência. Essa análise não apenas contribui para o campo da educação, mas também amplia o debate contemporâneo sobre como superar as barreiras impostas pelas estruturas opressoras.

O objetivo geral da pesquisa é analisar teoricamente as convergências, tensões e possibilidades de diálogo entre Adorno e Fanon, utilizando a violência como categoria central para explorar suas implicações sobre a emancipação humana. Os objetivos específicos são: 1) investigar a crítica de Adorno à conformidade e suas implicações para a perpetuação da violência; 2) compreender a práxis de ruptura proposta por Fanon, destacando seu potencial emancipador; 3) desenvolver a "dialética das encruzilhadas" como ferramenta analítica para articular os conceitos de conformidade e ruptura; e 4) aplicar essa ferramenta para explorar as possibilidades de superar as dinâmicas de violência.

A proposta metodológica deste estudo reconhece a importância de perspectivas interdisciplinares no tratamento da violência, adotando uma abordagem que dialoga com a tradição da teoria crítica e com estudos interseccionais. Matos e Giesbrecht (2023) reforçam essa necessidade ao demonstrar que a conjugação de métodos históricos e antropológicos permite uma

³ Para uma análise detalhada das trajetórias biográficas de Adorno e Fanon, ver Apêndice B.

compreensão mais ampla da intolerância em diferentes contextos. Esse princípio orienta a análise das obras de Adorno e Fanon, na medida em que ambas exigem uma leitura que vá além dos fenômenos isolados e alcance suas raízes históricas e estruturais.

A presente pesquisa adota a *Grounded Theory*, conforme proposta por Anselm Strauss e Juliet Corbin (2008), como abordagem metodológica para a análise das obras de Theodor W. Adorno e Frantz Fanon. A *Grounded Theory* é reconhecida por sua abordagem indutiva e sistemática, permitindo que teorias emergentes sejam construídas a partir da análise dos dados, sem a imposição de uma estrutura teórica predefinida. Essa metodologia possibilita a identificação de padrões, temas e relações de maneira flexível e aberta, garantindo um aprofundamento conceitual baseado nas obras analisadas.

Inicialmente, a pesquisa concentrou-se na leitura e análise das obras *Estudos sobre a Personalidade Autoritária* (Adorno *et al.*, 2019) e *Os Condenados da Terra* (Fanon, 2022). A escolha dessas obras se deu por uma aproximação inicial com os estudos dos autores, que permitiu identificar uma brecha teórica ainda não explorada. Em *Estudos sobre a Personalidade Autoritária*, Adorno enfatiza a necessidade de compreender o sujeito vítima da violência, enquanto Fanon, em *Os Condenados da Terra*, apresenta uma análise aprofundada sobre esse sujeito e os mecanismos de violência que o constituem.

O confronto e a aproximação dessas perspectivas proporcionam um olhar inexplorado para a formulação do imperativo categórico negativo de Adorno, segundo o qual Auschwitz não deve se repetir. Para que esse princípio se sustente, se torna necessário reconhecer os mecanismos que tornam indivíduos capazes de cometer atos de violência e desenvolver formas de impedir sua repetição, despertando uma consciência geral sobre tais processos.

A escolha dessas obras, portanto, não se deu apenas por seu reconhecimento acadêmico, mas porque nelas a violência aparece em sua forma mais potente e explícita. São textos que não apenas diagnosticam a violência, mas denunciam o *status quo* que a reproduz e conforma os sujeitos dentro de suas estruturas. Dessa forma, essas obras forneceram um ponto de partida essencial para o desenvolvimento da pesquisa, pois permitiram identificar as categorias centrais que orientariam a análise. A partir dessa análise inicial, foram seguidos os principais procedimentos da *Grounded Theory*⁴:

⁴ A análise detalhada dos procedimentos metodológicos, incluindo a codificação aberta, categorização e codificação axial, encontra-se no Apêndice C, onde também são apresentados os Quadros 1 a 6, que organizam os conceitos-chave e destacam as aproximações, distanciamentos e tensões entre Adorno e Fanon.

1. **Leitura e familiarização com as obras:** Realizou-se uma leitura aprofundada dos textos para identificar conceitos centrais e padrões discursivos.
2. **Codificação aberta:** Identificação de unidades de significado relevantes nos textos. Essas unidades incluíam frases, parágrafos ou seções inteiras que expressavam os conceitos-chave e as ideias gerais nas obras.
3. **Categorização:** Agrupamento das unidades de significado em categorias amplas com base em suas semelhanças, diferenças e relações nas obras.
4. **Codificação axial:** Exploração das conexões entre as categorias emergentes, analisando como eles se relacionam nas obras.
5. **Proposição teórica:** Desenvolvimento de proposições teóricas a partir das análises anteriores. A pesquisa identificou duas grandes perspectivas: a conformidade, como delineada por Adorno, e a ruptura, conforme proposta por Fanon. Adorno nos mostra como a violência opera dentro do status quo como um mecanismo psicossocial de conformação subjetiva, enquanto Fanon evidencia a violência como uma possibilidade de rompimento desse ciclo.
6. **Revisão e refinamento:** A partir das proposições teóricas identificadas, tornou-se necessário ampliar o escopo da análise para aprofundar a compreensão dos conceitos. Com isso, outras obras foram incorporadas ao estudo.

Com base na formulação teórica das categorias de conformidade e ruptura, tornou-se essencial aprofundar a análise dessas perspectivas. Para isso, foi necessário ampliar o escopo para outras obras dos autores que melhor detalhassem os conceitos centrais da pesquisa.

No caso de Adorno, foram incluídas as seguintes obras: **Dialética do Esclarecimento** (Adorno e Horkheimer, 1985) – escolhida por aprofundar a crítica à razão instrumental e suas implicações para a perpetuação da dominação e da violência. Essa obra apresenta uma denúncia ao status quo, demonstrando como a violência se torna um mecanismo de conformação dos sujeitos à ordem vigente. **Mínima Moralia** (Adorno, 1951) – incorporada ao estudo por fornecer reflexões filosóficas sobre a experiência subjetiva da conformidade e a violência simbólica que permeia a vida cotidiana, evidenciando como a normatividade social atua para a manutenção das estruturas opressivas. E, **Indústria Cultural** (Adorno, 1944) – fundamental para compreender o papel da cultura de massa na reprodução da conformidade e na normalização da violência, ao explorar como o entretenimento e a comunicação de massa reforçam padrões de dominação.

Para Fanon, além de **Os Condenados da Terra** (2022), foi incorporada a obra **Pele Negra, Máscaras Brancas** (Fanon, 2008), pois nela o autor aprofunda a discussão sobre os impactos psicológicos da violência e do colonialismo na subjetividade do sujeito oprimido. Essa escolha se justifica pelo foco na interiorização dos mecanismos de violência e na forma como a conformidade se inscreve nos indivíduos por meio do racismo e da dominação cultural.

Essa ampliação não foi apenas uma escolha arbitrária, mas uma necessidade metodológica derivada da proposição teórica central da pesquisa. A identificação da dialética entre conformidade e ruptura revelou a necessidade de um aprofundamento conceitual que as obras iniciais, embora fundamentais, não forneciam de forma exaustiva. Assim, a ampliação do corpus foi realizada com o objetivo de consolidar e refinar as categorias analíticas, permitindo uma articulação mais precisa entre os conceitos trabalhados.

A construção teórica emergente da pesquisa é sustentada pela metáfora da "dialética das encruzilhadas", inspirada nos estudos de Luiz Rufino (2010). No entanto, é importante ressaltar que Rufino serve apenas como inspiração conceitual, sem que sua obra ou a "pedagogia da encruzilhada"⁵ sejam diretamente abordadas nesta pesquisa. Assim como no EduForP, esta pesquisa articula teoria crítica e estudos culturais, evitando dicotomias rígidas e explorando as interseções entre diferentes perspectivas.

A metáfora da encruzilhada, enraizada nas tradições das religiões de matriz africana, serve como um enquadramento para compreender os cruzamentos, distanciamentos, tensões e convergências entre os quatro caminhos que compõem a análise: Adorno, Fanon, vítima e agressor. Esses caminhos ora se cruzam, ora se distanciam, mas não estão isolados. A violência se torna o centro da encruzilhada, e a ideia central desta abordagem é explorar exatamente essa dialética, a contradição e a possibilidade de ser uma coisa e outra simultaneamente.

A abordagem metodológica adotada permite que a análise dos conceitos de violência, conformidade e ruptura surja organicamente a partir das obras estudadas. A *Grounded Theory* possibilitou um aprofundamento analítico sem a imposição de categorias pré-determinadas, garantindo que as proposições teóricas emergissem da interação com os textos. A expansão da análise para incluir outras obras dos autores foi fundamental para o refinamento das categorias e

⁵ Para uma discussão aprofundada sobre a “pedagogia das encruzilhadas”, ver Rufino, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**: cosmovisões afro-brasileiras e sabedoria acumulada. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. O autor propõe uma abordagem epistemológica baseada nos saberes e experiências das culturas afro-diaspóricas, explorando a encruzilhada como metáfora de conhecimento e resistência.

para a construção da "dialética das encruzilhadas" como um instrumento teórico capaz de articular as perspectivas de Adorno e Fanon.

A ideia aqui não é fazer uma exegese das obras, pois isso nos levaria mais de uma vida, como bem disse Martin Jay⁶. Assim, esta pesquisa não tem a pretensão de abordar outras obras além das selecionadas, nem de aprofundar questões que não contemplem diretamente a violência, ruptura e conformidade.

A tese defendida neste trabalho é que a violência constitui uma ameaça contínua à emancipação, e que as perspectivas teóricas de Adorno e Fanon, articuladas pela dialética das encruzilhadas, permitem não apenas compreender essa dinâmica, mas também identificar caminhos para transcendê-la. O objeto de estudo é, portanto, a articulação teórica entre as obras de Adorno e Fanon, com foco na análise da violência como categoria central.

A escolha das obras "Estudos sobre a personalidade autoritária" (Adorno) e "Os Condenados da Terra" (Fanon) como textos principais se justifica pela profundidade e relevância com que abordam os temas da conformidade, ruptura e violência. Embora estas obras representem nossos pilares teóricos, a análise não se limita a elas; outras obras de Adorno e Fanon também são exploradas para ampliar a compreensão desses conceitos e suas implicações. Essa abordagem permite uma análise mais abrangente e detalhada, proporcionando um diálogo teórico entre os autores que culmina na formulação da dialética das encruzilhadas.

A hipótese que sustenta esse estudo é de que a articulação teórica entre Adorno e Fanon, mediada pela dialética das encruzilhadas, pode revelar como a violência opera simultaneamente como mecanismo de perpetuação e ruptura, constituindo uma ameaça à emancipação, mas também oferecendo brechas para sua superação. Essa hipótese será testada ao longo do trabalho, à medida que se exploram as interseções entre conformidade, ruptura, agressão e vitimização nos pensamentos dos dois autores.

Pretende-se conduzir esta jornada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, será analisada a crítica de Adorno à conformidade, destacando como essa dinâmica sustenta a violência. No segundo capítulo, será explorada a visão de Fanon sobre a violência enquanto ruptura, enfatizando seu papel como ferramenta de emancipação. E, o terceiro capítulo desenvolverá a "dialética das encruzilhadas", articulando as perspectivas de Adorno e Fanon para compreender as interseções

⁶ Sobre a complexidade e a vastidão do pensamento adorniano, ver Jay, Martin. *As ideias de Adorno*. São Paulo: Unesp, 2017. O autor oferece uma introdução abrangente ao pensamento de Adorno, destacando a riqueza e os desafios interpretativos de sua obra.

entre vítima e agressor, conformidade e ruptura. Essa estrutura permite que os quatro caminhos da encruzilhada – Adorno, Fanon, vítima e agressor – sejam analisados em suas tensões, convergências e distanciamentos.

Por fim, esta pesquisa pretende preencher lacunas teóricas sobre a violência como ameaça à emancipação, oferecendo uma nova perspectiva analítica que integra as contribuições de Adorno e Fanon. Ao fazer isso, busca-se não apenas enriquecer o campo teórico, mas também ampliar as possibilidades de reflexão sobre como enfrentar as dinâmicas opressoras que atravessam a sociedade contemporânea.

1. Adorno e a violência da conformidade

O objetivo central deste capítulo é investigar a crítica de Theodor W. Adorno à conformidade e suas implicações para a perpetuação da violência. A partir de uma análise aprofundada das principais dimensões da conformidade, Adorno revela como ela se articula com as formas de dominação e violência que estruturam a sociedade contemporânea. Em sua obra, a conformidade não é vista apenas como uma adaptação passiva às normas sociais, mas como um processo ativo e internalizado que condiciona o indivíduo a aceitar as condições de opressão como naturais. Esse processo de conformação é, em grande parte, uma consequência da violência que permeia as relações sociais, muitas vezes invisível e internalizada, mas que exerce um controle profundo sobre a subjetividade dos indivíduos.

Se a violência, em seu sentido imediato, remete à coerção física, Adorno nos mostra que ela opera de maneira muito mais profunda e insidiosa: ela molda subjetividades, normalizando a submissão e a conformidade. Em *Educação e Emancipação*, ele alerta que "o verdadeiro perigo é que Auschwitz se repita, não apenas com os mesmos métodos, mas de muitas formas" (Adorno, 2022, p. 129). Essa afirmação sintetiza sua visão da violência como algo que se reproduz estruturalmente, por meio da cultura, da ideologia e da razão instrumental. Adorno nos mostra que a violência não é apenas um evento extremo, mas um processo contínuo de adaptação às normas do status quo.

Nesse sentido, a escravização negra e indígena nas Américas constitui um marco fundamental para entender a violência na modernidade: um processo sistemático de desumanização e dominação que antecede Auschwitz, mas que compartilha com ele a lógica da racionalidade instrumental aplicada à exploração de corpos e vidas. Se a barbárie nazista inverte o imperativo categórico kantiano – tratando o ser humano como um meio e não como um fim –, a violência colonial opera sob o mesmo princípio, reduzindo populações inteiras à condição de objeto. Adorno denuncia que essa lógica não é um desvio da civilização, mas sim um produto dela. Assim, a conformidade que ele analisa não é apenas um traço social, mas um efeito da violência que nos condiciona a aceitar o inaceitável.

Neste capítulo, serão abordadas diferentes facetas dessa conformidade, começando pela formação da personalidade autoritária, que explora como a conformidade é cultivada em um ambiente de repressão e disciplina. Em seguida, a relação entre conformidade e razão instrumental será discutida, destacando como a razão, em sua forma redutora e utilitarista, contribui para a manutenção de um sistema que valoriza a adaptação em detrimento da crítica. A alienação e a vida

conformada, por sua vez, serão analisadas como manifestações diretas da violência que subordina o indivíduo à lógica dominante, enquanto a cultura de massa se apresenta como um dos maiores veículos dessa conformidade, através da padronização e da homogeneização das experiências culturais.

Ao longo dessa análise, será evidente que a conformidade não é uma simples adaptação, mas um mecanismo insidioso de perpetuação das desigualdades sociais, que se alinha à violência, obscurecendo as possibilidades de resistência e transformação social.

1.1 Conformidade e a formação da Personalidade Autoritária

Em "Estudos sobre a Personalidade Autoritária", Adorno e seus colaboradores investigam como os contextos sociais e educacionais moldam traços de personalidade propensos ao autoritarismo. Nesse processo, a conformidade emerge como elemento-chave: o indivíduo, submetido a normas repressivas, internaliza valores que sustentam estruturas de poder. Adorno argumenta que "a disposição para obedecer cegamente não é uma característica atemporal do humano, mas sim o resultado de uma configuração histórica específica" (Adorno *et al.*, 2022, p. 123).

O conceito de personalidade autoritária, formulado pelos autores, configuraram-se como um marco teórico para compreender as bases psicológicas do preconceito e do autoritarismo em sociedades democráticas. Segundo Adorno, "a personalidade autoritária não surge no vazio; ela é profundamente moldada pelas condições sociais e históricas" (Adorno *et al.*, p. 5). Desenvolvida sob a égide do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, a obra reflete uma preocupação central com a ascensão do fascismo e com os mecanismos subjetivos que sustentam sistemas opressivos.

Elaborada no período pós-Segunda Guerra Mundial, a pesquisa busca articular psicologia individual e dinâmicas sociopolíticas, mapeando as interações entre estruturas de poder⁷ e

⁷ Embora Michel Foucault tenha desenvolvido uma ampla e influente análise das relações de poder, especialmente em *Vigiar e Punir* (FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 1975) e *Microfísica do Poder* (FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979), esta pesquisa adota uma abordagem distinta, baseada na perspectiva adorniana. Em Adorno, o poder não é tratado nos moldes foucaultianos de uma rede capilar e difusa, mas sim como um elemento estruturante das dinâmicas sociais e da formação da subjetividade dentro da lógica da dominação. Sua crítica à personalidade autoritária evidencia como o poder opera não apenas por meio de instituições, mas também na conformação psíquica dos indivíduos, reforçando estruturas de opressão e ideologias autoritárias. A discussão sobre poder em Foucault poderia oferecer uma perspectiva complementar para pensar a "dialética das encruzilhadas", especialmente ao considerar as relações de poder e seus efeitos na constituição dos sujeitos. No entanto, esta não foi a abordagem adotada na pesquisa. Embora reconheçamos que um estudo inspirado em Foucault seria uma contribuição potente, esperamos que esta pesquisa possa servir como um ponto de partida para aqueles que desejarem explorar a "dialética das encruzilhadas" a partir dessa perspectiva.

disposições psíquicas autoritárias. Adorno ressalta que “a relação entre a psicologia individual e a ideologia política deve ser entendida como uma interação recíproca” (p. 9). A abordagem interdisciplinar, que integra sociologia, filosofia e psicanálise, conferiu à obra uma relevância singular no campo das ciências sociais.

A obra estrutura-se em capítulos que exploram diferentes dimensões da personalidade autoritária, com destaque para os capítulos assinados por Adorno, nos quais são apresentadas as bases teóricas e empíricas do conceito. A pesquisa utiliza uma metodologia robusta, combinando análises quantitativas e qualitativas.

O instrumento central é a Escala F (Fascismo), projetada para identificar traços autoritários. Com afirmações como “Obediência e respeito pela autoridade são as virtudes mais importantes que as crianças devem aprender” (Adorno *et al.*, p. 29), a Escala F avalia atitudes relacionadas à submissão à autoridade, agressividade dirigida a grupos marginalizados e adesão a valores convencionais. Além disso, entrevistas qualitativas aprofundaram as discussões sobre política, economia e religião, revelando as nuances psicológicas das atitudes autoritárias. Adorno afirma que “os métodos qualitativos foram cruciais para captar os padrões profundos de pensamento e comportamento que as respostas superficiais poderiam esconder” (p. 31).

Os achados da pesquisa evidenciam padrões significativos de preconceito e tendências autoritárias entre os participantes. Três áreas principais foram destacadas:

- **Preconceito:** indivíduos com traços autoritários demonstraram altos níveis de hostilidade contra minorias, motivados por ansiedades reprimidas e mecanismos de projeção. “O preconceito é frequentemente uma projeção de conflitos internos não resolvidos [...]” (Adorno *et al.*, p. 56).
- **Política e Economia:** identificou-se uma desconfiança generalizada em relação às instituições democráticas e uma preferência por soluções autoritárias em cenários de crise. Adorno observa que “[...] a insegurança econômica tende a intensificar a busca por autoridade e ordem [...]” (Adorno *et al.*, p. 74).
- **Religião:** as percepções religiosas revelaram uma visão dualista, na qual a religião era simultaneamente fonte de ordem moral e justificativa para preconceitos. “A religião é muitas vezes usada como um véu para atitudes autoritárias e preconceituosas [...]” (Adorno *et al.*, p. 88).

As entrevistas qualitativas ressaltaram um paradoxo: enquanto valores democráticos eram declarados em nível superficial, atitudes e opiniões expressavam tendências autoritárias subjacentes. Neste sentido, Adorno delineou categorias centrais que caracterizam a personalidade autoritária:

- **Submissão Autoritária:** propensão acrítica à obediência às figuras de autoridade. “O autoritarismo floresce onde a obediência é exaltada como virtude inquestionável [...]” (Adorno *et al.*, p. 101).
- **Agressão Autoritária:** hostilidade direcionada a grupos ou indivíduos percebidos como desviantes.
- **Anti-intelectualismo:** rejeição à complexidade e ao pensamento crítico, com preferência por soluções simplistas. “O anti-intelectualismo é um traço distintivo de personalidades autoritárias, que frequentemente veem o pensamento crítico como uma ameaça à ordem [...]” (Adorno *et al.*, p. 112).

Essas categorias não se limitam ao âmbito individual, mas refletem condições históricas e culturais que fomentam estruturas de dominação e preconceito. A análise ressalta como a educação autoritária e as convenções sociais criam sujeitos inclinados à submissão, promovendo uma violência que transcende o indivíduo. Assim, a conformidade, ao naturalizar práticas opressivas, opera como um pilar dos regimes autoritários.

O desenvolvimento das massas no cenário europeu do final do século XIX e início do século XX é um fator essencial para compreender a ascensão de ideologias autoritárias e suas implicações na subjetividade dos indivíduos (BIDDISS, 1977). A análise de Adorno sobre a personalidade autoritária se insere nessa preocupação mais ampla com os efeitos das massas e das estruturas ideológicas na conformação dos sujeitos, evidenciando como disposições psíquicas podem ser moldadas e reforçadas por tais dinâmicas sociais.

Os resultados apresentados por Adorno oferecem subsídios valiosos para compreender as dinâmicas de opressão e violência no mundo contemporâneo. Suas contribuições teóricas destacam os desafios enfrentados por iniciativas educacionais comprometidas com a formação crítica, especialmente em contextos marcados pela reprodução de disposições autoritárias. “A educação é tanto um campo de batalha quanto uma ferramenta para resistir à conformidade autoritária” (Adorno, 2022, p. 23). Assim, a obra de Adorno serve como referência para investigar as interseções entre conformidade, transformação e as encruzilhadas teóricas propostas nesta pesquisa.

A leitura de Adorno sobre a conformidade e a formação da personalidade autoritária ressoa profundamente com minha experiência como educadora. A submissão cega à autoridade não é um

traço inato, mas uma construção social que se fortalece a partir de práticas educativas e culturais que desestimulam o pensamento crítico. Observar como essa dinâmica se perpetua no cotidiano escolar e acadêmico é um desafio constante, pois a estrutura educacional muitas vezes reforça a obediência em detrimento da reflexão, criando sujeitos que reproduzem hierarquias sem questioná-las.

No entanto, compreender a conformidade apenas como um fenômeno negativo seria um erro. Adorno nos mostra que ela é um mecanismo historicamente situado, e isso significa que pode ser desconstruída. Se a educação tem sido um meio de reforçar a passividade, também pode ser um espaço para problematizá-la. A questão que se impõe, então, é como criar condições para que os indivíduos percebam e rompam com padrões autoritários internalizados. A análise da personalidade autoritária evidencia que a reprodução do autoritarismo ocorre de maneira sutil e cotidiana, e combatê-la exige mais do que boas intenções — requer um esforço sistemático para desafiar normas enraizadas e promover espaços de questionamento genuíno.

Dessa forma, ao invés de enxergar a conformidade apenas como um obstáculo, considero essencial entendê-la em sua complexidade. O autoritarismo não se sustenta apenas pela repressão, mas pela crença de que certas formas de pensar e agir são naturais e inevitáveis. Como formadora, vejo na educação uma possibilidade concreta de interromper esse ciclo, oferecendo instrumentos para que os sujeitos compreendam a origem de suas próprias disposições e ampliem sua capacidade de escolha. Isso não significa negar as dificuldades desse processo, mas reconhecer que, sem ele, a reprodução do autoritarismo seguirá sendo a regra.

1.2 Conformidade e Razão Instrumental

Em "Dialética do Esclarecimento", Adorno e Max Horkheimer (1985) ampliam a crítica ao discutir a razão instrumental como fundamento da conformidade. Eles observam que "a razão, reduzida a uma ferramenta de cálculo, se torna instrumento de dominação" (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 35). Sob essa perspectiva, a racionalidade instrumental não apenas submete a natureza, mas também os indivíduos, que são compelidos à conformidade para manter a estabilidade social.

O conceito de conformidade ocupa um papel central na crítica teórica de Theodor W. Adorno, especialmente no que tange à intersecção entre subjetividade e estruturas sociais opressoras. Adorno compreendia a conformidade não apenas como um comportamento adaptativo, mas como um reflexo das forças estruturais que moldam os indivíduos em contextos marcados pela racionalidade instrumental. Conforme argumenta Adorno, "[...] a conformidade moderna não se

apresenta meramente como submissão ao poder, mas como adesão voluntária a padrões que mascaram sua própria opressividade.” (Adorno, 2009, p. 145).

A conformidade é sustentada pela razão instrumental, que, segundo Adorno, reduz a racionalidade à mera funcionalidade e utilidade, eliminando dimensões éticas e críticas do pensamento. Adorno e Horkheimer (1985) analisam como a racionalidade iluminista, que originalmente buscava emancipar o homem das forças naturais, acabou por transformá-lo em um instrumento de controle e exploração. Eles destacam que “[...] o esclarecimento progride em direção à técnica, e a técnica ao poder, resultando na transformação do mundo em um sistema fechado de dominação” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 23).

A conformidade, nesse contexto, é tanto produto quanto instrumento da razão instrumental. Adorno enfatiza que, em sociedades capitalistas avançadas, os indivíduos se conformam às exigências do sistema ao internalizar normas que reforçam a ordem existente. Essa internalização não é percebida como uma imposição externa, mas como uma escolha autônoma. “A liberdade subjetiva, sob o capitalismo tardio, torna-se uma ilusão, à medida que as decisões pessoais são prefiguradas pelas necessidades do mercado e pela lógica da troca [...]”. (Adorno, 1951, p. 67).

Além disso, a conformidade alimenta-se da homogeneização cultural promovida pela indústria cultural. Adorno denuncia que “a padronização dos produtos culturais não apenas molda preferências individuais, mas reforça a submissão coletiva ao status quo” (Adorno, 2021, p. 98). Assim, a razão instrumental opera simultaneamente no nível macroestrutural, configurando sistemas econômicos e políticos, e no nível microestrutural, orientando as escolhas e comportamentos individuais.

No plano educacional, a conformidade e a razão instrumental representam desafios significativos para a formação de uma consciência crítica. Adorno observa que “[...] a educação que se limita à transmissão de habilidades técnicas e cognitivas reproduz a lógica da conformidade, ao invés de questioná-la.” (Adorno, 2022, p. 14). A reprodução dessas estruturas de dominação no âmbito pedagógico evidencia como a razão instrumental permeia todos os aspectos da vida social.

Portanto, a conformidade, mediada pela razão instrumental, deve ser entendida como uma forma de subjetivação que integra indivíduos a uma ordem social marcada pela dominação. Ao silenciar vozes dissidentes e promover uma adesão inquestionável às normas dominantes, ela reduz as possibilidades de transformação social e crítica. Nesse sentido, Adorno alerta que “[...] a resistência à conformidade não reside na rejeição da racionalidade, mas em sua reapropriação crítica, que recusa submeter-se à lógica da troca e do cálculo.” (Adorno, 2009, p. 176).

Adorno identifica na adaptação forçada ao status quo uma forma de violência. "Ao priorizar a funcionalidade e a ordem, a sociedade moderna reprime a autonomia crítica, convertendo indivíduos em engrenagens de um sistema opressor" (Adorno, 1985, p. 47). Essa análise revela como a conformidade está enraizada nas lógicas de controle e eficiência, em detrimento da emancipação.

Neste sentido, a conformidade como uma manifestação da razão instrumental, transforma a racionalidade em um meio para fins utilitários, subordinando o pensamento crítico à funcionalidade técnica. No entanto, ao criticar esse processo, Adorno também aponta para a educação como um espaço potencial de ruptura — ainda que difícil — contra a lógica da conformidade. Essa perspectiva oferece elementos essenciais para a análise de como a violência ameaça a educação crítica, dialogando diretamente com a proposta da tese.

Adorno entende que, em uma sociedade dominada pela razão instrumental, a educação muitas vezes reflete os valores da conformidade ao privilegiar habilidades técnicas em detrimento da formação crítica. “A educação que não transcende a transmissão de conhecimento técnico torna-se cúmplice da reprodução da dominação [...]”. (Adorno, 2022, p. 14). Sob essa ótica, o ato educativo é reduzido a um processo de adestramento, onde o sujeito é moldado para atender às demandas do mercado, perpetuando estruturas de poder e exclusão.

Por outro lado, Adorno vislumbra um papel transformador para a educação, desde que esta se distancie da instrumentalização do conhecimento e resgate o potencial crítico da razão. Ele afirma que “[...] a única educação que faz jus à sua essência é aquela que confronta as forças que visam submetê-la” (Adorno, 2009, p. 192). Nesse sentido, o espaço educacional poderia servir como um contraponto à conformidade, questionando valores estabelecidos e cultivando a autonomia intelectual.

Esse ponto se conecta diretamente à tese ao propor a “dialética das encruzilhadas” como uma metáfora para a tensão entre conformidade e crítica. A educação surge como um espaço privilegiado para problematizar essas interseções, desafiando o predomínio da razão instrumental e fomentando reflexões que transcendem a lógica da dominação. Inspirada no conceito de Adorno, a dialética das encruzilhadas pode ser descrita como uma prática educacional que, ao invés de evitar o conflito entre diferentes perspectivas, explora as contradições como um ponto de partida para a crítica e a transformação.

Além disso, a relação entre conformidade e educação permite explorar a violência que permeia políticas educacionais contemporâneas. No Brasil, por exemplo, políticas que priorizam a

formação técnica em detrimento de uma educação integral podem ser vistas como manifestações da razão instrumental, reforçando desigualdades e silenciando vozes dissidentes. A análise adorna oferece ferramentas para investigar como tais políticas reproduzem condições de opressão e excluem a possibilidade de um pensamento emancipatório.

A crítica de Adorno à razão instrumental e sua relação com a conformidade ressoa fortemente com os desafios enfrentados na educação contemporânea. A ênfase na funcionalidade e na utilidade do conhecimento não apenas restringe o pensamento crítico, mas também subordina o processo educativo às exigências do mercado, comprometendo a possibilidade de uma formação autônoma e reflexiva. Em minha experiência, percebo como essa lógica se manifesta na priorização de competências técnicas em detrimento de uma educação voltada à problematização das estruturas sociais, tornando o ensino um instrumento de adaptação ao status quo.

No entanto, ao mesmo tempo em que a educação pode ser um veículo da conformidade, ela também carrega a potência para subvertê-la. A proposta de Adorno de reapropriar criticamente a racionalidade aponta para a necessidade de tensionar os limites impostos pela razão instrumental, transformando a sala de aula em um espaço onde a crítica possa emergir de maneira genuína. Esse movimento, no entanto, exige uma abordagem que não se limite à denúncia da conformidade, mas que também busque alternativas concretas para questioná-la e superá-la.

Dessa forma, a tensão entre conformidade e razão instrumental se insere no cerne da problemática educacional, pois evidencia o embate entre um modelo de ensino que reforça a submissão e outro que estimula a autonomia intelectual. Considero que enfrentar esse dilema exige não apenas uma compreensão teórica da crítica adorniana, mas um compromisso prático com a construção de espaços educativos que desafiem a lógica da dominação e ampliem as possibilidades de reflexão e transformação social.

1.3 Alienação e a vida conformada

Em *Mínima Moral* Adorno (1951) desenvolve uma análise crítica da alienação e da conformidade social, apresentando-as como manifestações da violência que perpassa a vida cotidiana. A reflexão aguda sobre as condições de vida na sociedade moderna, particularmente sobre como as normas e estruturas sociais produzem indivíduos que, ao se conformarem com as exigências do sistema, internalizam a violência que sustenta as desigualdades sociais e econômicas. A alienação, conforme Adorno (1951), não é apenas uma desconexão ou distanciamento da

realidade, mas uma internalização das condições opressivas que transformam o sujeito em um agente passivo e cúmplice da perpetuação de tais condições.

Adorno (1951) apresenta a alienação como um fenômeno intrínseco à estrutura social moderna, destacando a violência que ela exerce sobre os indivíduos. Em um dos pontos centrais do livro, ele afirma: "A vida mutilada pela adaptação às normas sociais reflete a violência subjacente [...]". (Adorno, 1951, p. 67), o que revela a maneira como a conformidade social e a alienação não são apenas o resultado de uma imposição externa, mas sim a internalização de um sistema de normas que naturaliza as condições de desigualdade, exploração e dominação. O indivíduo, ao se adaptar a esse sistema, experimenta uma transformação que o torna incapaz de questionar a violência que molda sua vida e sua sociedade. A alienação, então, torna-se um reflexo das relações de poder que permeiam as estruturas sociais, sendo simultaneamente um sintoma e uma ferramenta de reprodução dessas relações.

Adorno vê a conformidade não como um simples ajuste ou adaptação do indivíduo às normas estabelecidas, mas como uma forma de subordinação que nega a autonomia do sujeito. Ele sugere que o processo de conformação social gera uma "vida mutilada", que é a experiência de um ser humano que se adapta a um sistema sem questioná-lo, sem refletir sobre suas implicações ou alternativas. Essa adaptação à normalidade das desigualdades sociais é, para Adorno, uma forma de alienação que faz com que as relações de exploração e opressão sejam vistas como naturais, em vez de problemáticas. Ao internalizar essas condições, o indivíduo não apenas aceita sua posição subalterna, mas também se torna parte do mecanismo que perpetua a violência.

Outro aspecto fundamental da análise de Adorno (1951) é a dimensão subjetiva da alienação e da conformidade. Ele argumenta que o indivíduo conformado, ao abdicar de sua autonomia crítica, acaba se tornando tanto vítima quanto cúmplice do sistema opressor. Ele escreve: "O indivíduo conformado é simultaneamente cúmplice e vítima de um sistema que perpetua a opressão [...]". (Adorno, 1951, p. 89). Essa dicotomia evidencia a complexidade da dinâmica social que Adorno descreve, onde o sujeito não é apenas uma vítima passiva da violência, mas também participa da reprodução dessa violência.

A ideia de que o conformado é cúmplice de um sistema que o oprime aponta para a responsabilidade que cada indivíduo, ao abdicar de sua autonomia, assume na perpetuação das condições que o subjugam. No entanto, essa cumplicidade não é voluntária, mas é uma consequência da adaptação às normas sociais, que enfraquecem a capacidade crítica do sujeito. A alienação, nesse sentido, não apenas impede a resistência, mas também cria uma espécie de

conformismo ativo, onde o sujeito, mesmo consciente de sua posição opressiva, não consegue ou não deseja questioná-la. A vida conformada, portanto, torna-se uma armadilha na qual o indivíduo é tanto vítima das normas e da violência social quanto cúmplice involuntário na reprodução dessas mesmas normas.

A reflexão de Adorno sobre a alienação e a conformidade sugere que o sistema social moderno, ao exigir uma adaptação irrestrita de seus membros, cria indivíduos que estão simultaneamente enredados nas redes de poder que os oprimem e nas redes de cumplicidade que as sustentam. Esse processo de internalização da violência é uma das formas mais insidiosas de alienação, pois dissolve a barreira entre o oprimido e o opressor, tornando o sujeito parte ativa do sistema de opressão, mesmo que de maneira inconsciente.

Apesar de sua crítica implacável à conformidade, Adorno também reconhece, que a luta contra a alienação é uma tarefa difícil e complexa. A busca por liberdade e autonomia crítica envolve um processo de desalienação que exige a capacidade de reconhecer as estruturas que moldam a vida cotidiana e, ao mesmo tempo, de romper com as normas e padrões que restringem o pensamento e a ação. Esse processo de desalienação, no entanto, não é uma simples rejeição do sistema, mas uma forma de resistência que exige uma consciência crítica e uma prática transformadora.

A alienação, nesse sentido, não é uma condição estática, mas sim um fenômeno dinâmico que está constantemente em interação com as práticas sociais e políticas. Ao analisar a alienação e a conformidade, Adorno sugere que a verdadeira liberdade só pode ser alcançada quando o sujeito consegue se libertar das amarras da adaptação e reconhecer as possibilidades de transformação social que lhe são negadas pelo sistema. Esse processo de desalienação exige uma ruptura com a conformidade que define a vida social moderna e a construção de uma nova forma de subjetividade, uma que não se submeta passivamente às normas estabelecidas, mas que busque constantemente a transformação das condições de vida e das relações sociais.

Adorno (1951) nos oferece uma crítica penetrante à alienação e à conformidade social, mostrando como esses fenômenos são manifestações da violência que permeiam as relações sociais e moldam a subjetividade humana. A vida conformada, para Adorno, é marcada pela adaptação passiva às normas sociais que naturalizam as desigualdades e perpetuam as opressões. Ao internalizar essas condições, o indivíduo não só se torna uma vítima das estruturas que o oprimem, mas também um cúmplice involuntário na reprodução dessa violência. A crítica de Adorno, portanto, não só expõe as dinâmicas de conformidade, mas também nos convoca a refletir sobre as

possibilidades de desalienação e a construção de uma subjetividade crítica, capaz de romper com as condições que perpetuam a violência.

A análise adorniana da alienação demonstra que a vida conformada é um processo de interiorização da violência estrutural, no qual os indivíduos não apenas se submetem às normas sociais, mas também passam a reproduzi-las ativamente. A adaptação ao sistema não é simplesmente uma aceitação passiva, mas uma transformação subjetiva que enfraquece a capacidade crítica e reforça as relações de dominação. Esse movimento, no entanto, não ocorre de maneira uniforme, pois a alienação não se dá de modo absoluto, havendo momentos de tensão e contradição que evidenciam fissuras no processo de conformidade.

Compreender essa dinâmica é essencial para pensar formas de superação. Se, como aponta Adorno, a alienação não é apenas um efeito colateral do sistema, mas um mecanismo fundamental para sua manutenção, então a reflexão crítica sobre esse processo é um dos poucos caminhos possíveis para romper com ele. Enquanto pesquisadora e formadora não podem ignorar os efeitos dessa conformidade no campo da educação, espaço onde a normalização das desigualdades se perpetua, mas onde também residem possibilidades de desestabilização desse ciclo. Ainda que o próprio sistema busque neutralizar tentativas de desalienação, a tomada de consciência sobre os processos que nos forjam pode abrir brechas para novas formas de existir e agir no mundo.

Dessa maneira, a crítica adorniana à conformidade ressoa diretamente na prática educativa. Se a alienação impede que os sujeitos percebam a estrutura que os conforma, a educação pode, ao menos, criar oportunidades para que esse reconhecimento ocorra. Como formadora, entendo que essa não é uma tarefa simples nem linear, mas acredito que, ainda que o sistema imponha limites, há potência em oferecer ferramentas para que as pessoas não apenas reconheçam os mecanismos que os moldam, mas também possam questioná-los. O desafio não está em fornecer respostas prontas, mas em criar condições para que as perguntas certas sejam feitas.

1.4 Conformidade e a Cultura de Massa

Em sua análise da cultura de massa, Adorno aprofunda a crítica à conformidade social, trazendo à tona o conceito de indústria cultural, que se torna central em sua reflexão sobre as dinâmicas de poder e dominação na sociedade contemporânea. A conformidade, nesse contexto, não é apenas uma adaptação passiva às normas e expectativas sociais, mas uma conformação imposta e intensificada pela lógica da indústria cultural. A cultura de massa, com seus produtos padronizados e experiências uniformizadas, é uma das principais responsáveis por esta

conformidade, moldando os indivíduos de forma a obscurecer suas possibilidades de resistência e autonomia. Adorno argumenta que "[...] a cultura de massa, ao padronizar produtos e experiências, promove uma conformidade que obscurece possibilidades de resistência." (Adorno, 1944, p. 112).

Adorno, em sua crítica à cultura de massa, destaca como a indústria cultural, ao transformar a cultura em um produto comercializável, submete a experiência estética e cultural a uma lógica mercadológica. A produção de música, cinema, televisão e outras formas de entretenimento, ao se tornarem mercadorias, passam a ser regida pela lógica do consumo e do lucro. Esta padronização cultural é um dos principais mecanismos de conformidade social, pois cria uma uniformidade de experiências e valores que obscurece a possibilidade de alternativas, minando as capacidades críticas dos indivíduos. Programas de entretenimento, músicas populares e outras manifestações culturais se tornam veículos de uma ideologia que, ao ser repetidamente consumido, vai naturalizando as condições de vida existentes, tornando-as inevitáveis e irreversíveis.

A padronização dos produtos culturais não é um fenômeno neutro, mas sim uma forma de violência simbólica. A lógica mercadológica impõe uma forma de pensar e viver que serve aos interesses de uma elite dominante, enquanto esconde ou marginaliza outras formas de expressão e resistência. Em vez de promover a diversidade e a reflexão crítica, a indústria cultural homogeniza as experiências, criando uma conformidade que limita as possibilidades de transformação social. Os indivíduos, ao serem imersos nesse tipo de cultura, tornam-se passivos, aceitando as condições impostas pela sociedade como se fossem as únicas possíveis. Esse processo de adaptação não é apenas individual, mas também coletivo, pois a cultura de massa atua como um mecanismo que unifica e subordina as massas à ideologia dominante.

A indústria cultural não só molda as subjetividades de maneira conformista, mas também reforça as hierarquias sociais existentes. A padronização cultural reforça as desigualdades ao apresentar determinados modos de vida e padrões de consumo como ideais e desejáveis, enquanto marginaliza outras perspectivas que possam questionar essas normas. A violência simbólica, nesse caso, opera de maneira insidiosa, pois age diretamente sobre o campo da percepção e do desejo. Ao oferecer um "mundo ideal" de consumo e entretenimento, a cultura de massa faz com que os indivíduos vejam as relações sociais e econômicas desiguais não como produtos de uma estrutura de poder, mas como simples expressões de uma ordem natural e imutável.

Adorno argumenta que "[...] a cultura de massa, ao padronizar produtos e experiências, promove uma conformidade que obscurece possibilidades de resistência." (Adorno, 1944, p. 112). O impacto dessa conformidade não se limita à aceitação passiva das condições sociais, mas também

à supressão das potências de transformação que a cultura poderia oferecer. A indústria cultural, ao reduzir a cultura a um produto de consumo, desvia o potencial crítico da arte e do entretenimento, transformando-os em ferramentas que, em vez de questionar ou desafiar o status quo, reforçam as estruturas de poder e dominação.

A padronização da cultura também contribui para a exclusão de outras formas de expressão cultural que possam oferecer resistência às normas e valores impostos. Em um contexto de cultura de massa, as formas alternativas de cultura, que poderiam funcionar como instrumentos de crítica e transformação, são marginalizadas ou deslegitimadas. A conformidade, portanto, não é apenas um fenômeno individual, mas é também socialmente construída e mantida através de práticas culturais que são largamente controladas pela lógica do mercado.

A conformidade promovida pela indústria cultural é, assim, também uma questão de subordinação intelectual. A lógica mercadológica, ao transformar a cultura em um produto de consumo, subjuga o pensamento crítico ao impô-lo como algo supérfluo ou desnecessário. A cultura de massa, ao promover um entretenimento que visa apenas o prazer imediato e a satisfação das necessidades superficiais, impede o desenvolvimento de uma consciência crítica que possa questionar as estruturas sociais, políticas e econômicas. Ao contrário, ela promove uma adesão automática às normas e valores dominantes, tornando a conformidade uma consequência natural de um sistema que busca a reprodução da ordem estabelecida.

Neste sentido, a cultura de massa se apresenta não apenas como uma forma de entretenimento, mas como um mecanismo de controle social. Ao proporcionar uma experiência cultural que agrada sem questionar, ela mantém os indivíduos em um estado de passividade e conformidade, sem que estes se deem conta das estruturas de poder que perpetuam as desigualdades e a violência. A produção e consumo de produtos culturais se tornam, assim, uma parte fundamental da reprodução do sistema, que busca, por meio da repetição e da normalização, reforçar a conformidade e a subordinação dos indivíduos.

A análise de Adorno sobre a conformidade e a cultura de massa revela como a indústria cultural atua como um agente poderoso na formação de uma sociedade conformista, em que as possibilidades de resistência e crítica são obscurecidas pela padronização cultural. A conformidade, nesse contexto, não é uma simples adaptação às normas, mas uma imposição violenta que se manifesta não apenas nas condições objetivas de vida, mas também nas subjetividades e nas percepções dos indivíduos. Ao transformar a cultura em uma mercadoria e reduzir a experiência cultural a uma forma de entretenimento superficial, a indústria cultural não só molda os indivíduos

conforme os interesses do mercado, mas também reforça as hierarquias sociais e as relações de poder que sustentam a violência.

Conclui-se que a conformidade, em suas múltiplas manifestações, aparece nas obras de Adorno como um alicerce da violência. Seja na formação da personalidade autoritária, na razão instrumental, na alienação cotidiana ou na cultura de massa, a conformidade naturaliza a opressão e dificulta a emancipação. Adorno nos oferece, assim, um arcabouço teórico indispensável para compreender os mecanismos que perpetuam as desigualdades e para imaginar caminhos alternativos que desafiem a submissão e promovam uma crítica radical ao status quo.

No entanto, enquanto a análise de Adorno nos mostra como a conformidade e a adaptação às estruturas existentes funcionam como um meio de perpetuação da violência, a busca por uma ruptura com esse ciclo de opressão exige outra abordagem. Ao lado da crítica à conformidade, é necessário considerar as respostas que buscam desestabilizar essas estruturas. É aqui que a obra de Frantz Fanon se insere, oferecendo uma perspectiva distinta, mas complementar, à de Adorno. Enquanto Adorno destaca os mecanismos sutis de adaptação e subordinação, Fanon foca na violência da ruptura, que é vista como um meio de reverter às relações de poder e contestar as fundações de um sistema opressor.

A análise de Adorno sobre a conformidade imposta pela cultura de massa nos leva a uma reflexão mais ampla sobre os desafios da educação e da formação crítica. Se a indústria cultural opera para padronizar experiências e limitar a autonomia dos sujeitos, o espaço educacional deve se colocar como um ambiente de ruptura, no qual se possibilite a análise desses mecanismos e a construção de perspectivas que escapem à lógica mercadológica. Como pesquisador e formador, reconheço que o enfrentamento da conformidade não se dá apenas pela denúncia teórica, mas exige a criação de estratégias concretas que favoreçam a ampliação do pensamento crítico. Isso implica considerar os desafios de atuar em um contexto no qual a cultura de massa permeia todos os aspectos da vida cotidiana, moldando valores, desejos e percepções.

Nesse sentido, a reflexão sobre a indústria cultural não deve se limitar à crítica, mas também abrir caminhos para a experimentação de alternativas que ampliem as possibilidades de ação dos sujeitos. No campo da educação, isso envolve não apenas a problematização dos produtos culturais, mas a valorização de formas de expressão e conhecimento que escapem à lógica da padronização. Ao reconhecer o impacto profundo da conformidade na formação das subjetividades, torna-se indispensável buscar abordagens que incentivem a autonomia intelectual e a construção de perspectivas próprias. Esse desafio se coloca de maneira ainda mais urgente diante de um cenário

no qual as tecnologias de comunicação ampliam a influência da cultura de massa, tornando essencial o desenvolvimento de um olhar analítico e crítico sobre as estruturas que sustentam essa dinâmica.

O segundo capítulo, portanto, adentra a análise da violência como práxis de ruptura, explorando como Fanon compreende a violência não apenas como uma reação à opressão, mas como uma ferramenta necessária para a transformação radical das estruturas sociais.

2. Fanon e a violência da ruptura

Este capítulo se dedica a uma análise aprofundada da violência como práxis de ruptura, conforme proposta por Frantz Fanon, com o intuito de compreender seu potencial emancipador no contexto das lutas de descolonização. A violência, em Fanon, não é um fenômeno gratuito ou irracional, mas um meio de transformação radical capaz de romper com as estruturas de opressão colonial e possibilitar a emergência de um novo sujeito coletivo.

Nesse sentido, o capítulo aborda a violência não apenas como uma reação à opressão, mas como uma ferramenta de reconstrução da identidade e da autonomia do povo colonizado. A partir dessa perspectiva, são exploradas quatro seções fundamentais: (1) a violência como práxis de ruptura, que estabelece o quadro teórico e filosófico da violência no processo de descolonização; (2) a violência como um ato de descolonização, que examina sua relação direta com a destruição do sistema colonial; (3) a violência da ruptura e a psicologia do colonizado, que investiga os efeitos psíquicos da violência no colonizado e sua transformação em sujeito de resistência; e (4) a violência e a emancipação coletiva, que revela o papel da violência na criação de uma nova solidariedade e na reconstrução de um projeto social emancipatório.

Ao longo deste capítulo, procuramos compreender como a práxis de ruptura proposta por Fanon pode ser um ponto de inflexão na luta pela liberdade e justiça, destacando seu potencial para transformar não apenas as condições sociais e políticas, mas também a própria psique do colonizado.

2.1 Introdução à violência como práxis de ruptura

Em *Os Condenados da Terra* Fanon (2022), apresenta a violência não apenas como um fenômeno social, mas como uma prática revolucionária que se manifesta como a única forma eficaz de ruptura com as estruturas coloniais de opressão. A partir de sua experiência como psiquiatra e militante envolvido nos processos de descolonização, Fanon defende que a violência é uma reação legítima frente à violência imposta pelo colonialismo. Este movimento de ruptura é, para ele, uma necessidade histórica e psicológica para os colonizados que buscam se libertar da subordinação e afirmar sua identidade.

O autor analisa como o colonialismo estrutura a identidade negra a partir de uma lógica de inferiorização, criando categorias raciais fixas que reforçam a hierarquia colonial. No contexto brasileiro, entretanto, o processo de racialização assumiu uma dinâmica peculiar, caracterizada por uma fluidez nas classificações raciais, como aponta Matos (2018). Essa fluidez, longe de

representar uma ausência de racismo, operou como um mecanismo de manutenção das desigualdades, pois permitiu que a branquitude permanecesse como referência normativa, ao mesmo tempo em que dificultava a construção de uma identidade negra coletiva. Assim, ainda que o Brasil não tenha adotado um modelo segregacionista explícito, como nos Estados Unidos ou na França colonial, as formas de violência racial se estruturaram por meio de mecanismos de invisibilização e ambiguidade identitária.

Fanon estabelece uma diferença crucial entre a violência do colonizador, que é sistemática e perpetuada através da exploração e desumanização do colonizado, e a violência do colonizado, que surge como uma resposta a essa opressão. A violência do colonizado, portanto, tem um caráter emancipatório e redentor, pois, “[...] A violência no processo de descolonização não é uma violência cega. É a violência que, pela destruição do sistema colonial, busca restaurar o sujeito na sua totalidade” (Fanon, 2022, p. 80).

A relação entre colonialismo e racismo tem sido amplamente analisada em diferentes contextos nacionais, revelando padrões comuns e particularidades que enriquecem a compreensão da violência colonial. No caso português, Henriques (2020) e Matos (2006) discutem como a construção da identidade nacional foi permeada por discursos racializados que legitimaram a dominação sobre os territórios africanos. No contexto britânico, Hall (2002) examina o impacto do colonialismo na formação das identidades pós-coloniais, enquanto Gilroy (2021) problematiza a persistência de lógicas raciais na modernidade. A experiência francesa, abordada por Césaire (2020), destaca o colonialismo como um fenômeno que desumaniza tanto os colonizados quanto os colonizadores, um ponto central na crítica de Fanon. Já no caso belga, Hochschild (1999) expõe a extrema brutalidade do regime colonial no Congo, ilustrando como a exploração econômica foi acompanhada por um sistema de terror racializado. Essas abordagens ampliam a compreensão da violência colonial para além da experiência argelina discutida por Fanon, permitindo uma análise comparativa dos mecanismos de dominação e da produção do sujeito colonizado.

A violência, no pensamento de Fanon, se configura como uma das categorias centrais para a compreensão dos processos de emancipação colonial. Em suas obras, o autor não apenas analisa a violência em seu aspecto físico e direto, mas também a problematiza como uma práxis de ruptura com a opressão sistêmica e estruturada imposta pelas potências colonizadoras. Essa violência transcende a mera resposta passiva à dominação; ela é entendida como um elemento fundamental na transformação da subjetividade do colonizado e na construção de uma nova ordem política e social.

Esta compreensão da violência como uma práxis de ruptura será o foco deste tópico, especialmente em relação aos processos de descolonização e de subjetivação no contexto das sociedades coloniais.

Fanon (2022) começa sua análise da violência ao discutir o impacto psicológico da opressão colonial sobre o colonizado. Ele observa que, no colonialismo, a violência não é apenas uma manifestação isolada de atos agressivos, mas uma estrutura contínua de dominação. O colonizado vive sob a ameaça constante de violência física e simbólica, sendo a violência do colonizador internalizada pelo colonizado, que se vê subjugado à lógica da exclusão e da negação. Nesse sentido, a violência do colonizador “[...] não é apenas a força física, mas a constante humilhação que se estende através de todas as relações sociais e culturais” (Fanon, 2022, p. 62).

Para Fanon, a violência emerge como um mecanismo necessário de ruptura com esse ciclo de subordinação. Ele argumenta que, ao contrário da violência defensiva que surge como resposta a agressões externas, a violência de libertação é estratégica e radical. Fanon (2022) afirma: “A violência colonizadora tem uma dupla face: uma é manifestada através do espólio econômico, outra através do espólio humano [...]”. (p. 58). Esta frase sintetiza a natureza da violência colonial: a exploração econômica e a destruição da identidade humana do colonizado, que se veem forçados a adotar uma atitude submissa.

A violência como práxis de ruptura é entendida por Fanon como a única via possível para a descolonização mental e social. O ato de resistência violenta não é, portanto, visto como algo aleatório ou irracional, mas como uma necessidade histórica para a recuperação da humanidade do colonizado. A violência, nesse sentido, é mais do que um simples ato de vingança; ela é um processo de desalienação. De acordo com o autor, “[...] É necessário que o colonizado se rebele, e não simplesmente se defenda. A violência permite ao colonizado fazer-se sujeito, recuperar sua identidade e sua liberdade.”. (Fanon, 2022, p. 70).

Esse processo de ruptura não diz respeito apenas à resistência física, mas envolve uma reconstrução radical da subjetividade. Para o colonizado, a violência representa um momento de recriação da própria identidade, uma recusa à imposição de um ser colonizado. Fanon (2022) descreve essa transformação como um movimento de reapropriação do corpo e da mente: “A violência é, em primeiro lugar, a maneira de transformar o homem colonizado num sujeito que se recusa a ser mais um objeto da história, e que toma nas mãos a sua própria trajetória [...]”. (p. 68).

Na obra “Pele negra, máscaras brancas” Fanon (2008) também explora a questão da violência como um fator de ruptura no campo psíquico do colonizado. Ele argumenta que, ao internalizar os valores do colonizador, o colonizado se vê na condição de um sujeito dividido, onde

a violência psicológica que ele sofre contribui para o processo de alienação e negação da própria identidade. “O colonizado é alienado, ele é visto e se vê como um objeto, e a violência, para ele, é a única maneira de se afirmar como sujeito” (Fanon, 2008, p. 143). A violência é, portanto, um ato psicossocial de recuperação, um grito de reivindicação da identidade que foi brutalmente apagada.

A violência, para Fanon, não deve ser entendida como algo moralmente condenável, mas como uma força transformadora no processo de descolonização. Ele não justifica a violência indiscriminada, mas a enxerga como um instrumento de libertação, uma necessidade existencial e histórica. Ao falar da violência como "práxis de ruptura", Fanon está propondo que, no contexto da opressão colonial, é impossível alcançar a libertação sem um rompimento profundo com as estruturas de dominação, o que inclui o uso da força como um meio legítimo de contestação e reconstrução.

Portanto, a violência fanoniana se revela como um campo de estudo complexo e multifacetado, que abarca não apenas a dimensão física e material, mas também as questões psicológicas e existenciais que envolvem o sujeito colonizado. Essa violência de ruptura é, simultaneamente, um ato de destruição e de criação, pois, ao destruir as estruturas coloniais, ela dá espaço para a construção de uma nova forma de ser e de viver.

A compreensão da violência como práxis de ruptura, conforme proposta por Fanon, coloca desafios significativos para o campo da educação e para as possibilidades de formação crítica. Se a descolonização não se dá apenas no campo material, mas também na reconstrução da subjetividade, torna-se imprescindível refletir sobre os espaços nos quais esse processo pode ser viabilizado. Nesse sentido, a educação desempenha um papel central, pois pode tanto reforçar as estruturas coloniais quanto abrir caminhos para a emancipação dos sujeitos.

A construção de uma consciência crítica sobre a violência estrutural e suas implicações no presente exige mais do que a mera transmissão de conhecimento. É necessário fomentar processos de questionamento e problematização que evidenciem como as marcas do colonialismo seguem operando nos discursos, nas políticas e nas práticas sociais contemporâneas. Dessa forma, a reflexão sobre a violência fanoniana não se restringe a um debate teórico, mas deve se desdobrar em estratégias que possibilitem a superação das desigualdades e a ressignificação das identidades. Esse é um desafio que ultrapassa a academia e se insere diretamente na realidade daqueles que vivem sob os efeitos persistentes da colonialidade.

2.2 A violência como um ato de descolonização

Para Fanon, a violência é o meio necessário para a descolonização. Ela destrói a ordem colonial estabelecida e, ao mesmo tempo, possibilita a reconfiguração do sujeito oprimido. Ele argumenta que a violência do colonizador tem como objetivo desumanizar e subjugar, enquanto a violência do colonizado é uma força de autoafirmação. Fanon considera a revolução como uma transformação radical que envolve a violência como motor de mudança, ou seja, “[...] A violência é o único caminho para a libertação. O colonizado que recusa a violência está rejeitando o seu próprio ser e a sua própria cultura” (Fanon, 2022, p. 56).

Ao falar sobre a violência como catalisador para a libertação, Fanon também aponta as implicações psicológicas dessa revolução. O colonizado, em sua condição subalterna, carrega o peso da violência psicológica imposta pelo colonizador, e a violência revolucionária permite que o sujeito se reconcilie consigo mesmo, resgatando sua humanidade e dignidade.

Para o autor, a violência não é meramente uma ferramenta de resistência, mas um mecanismo essencial para a descolonização. Ao examinar as relações coloniais, Fanon argumenta que a violência é a única via capaz de dismantelar a ordem colonial e permitir a reconfiguração do sujeito oprimido. Na perspectiva fanoniana, a violência do colonizador visa subjugar e desumanizar o colonizado, impondo-lhe uma identidade alienante. Em contraste, a violência do colonizado, ao ser direcionado contra a ordem colonial, configura-se como um ato de autoafirmação, no qual o sujeito subjugado recupera sua humanidade e sua dignidade.

A violência, para Fanon, não se apresenta como uma escolha, mas como uma necessidade histórica e existencial. Como ele afirma, “[...] A violência é o único caminho para a libertação. O colonizado que recusa a violência está rejeitando o seu próprio ser e a sua própria cultura.”. (Fanon, 2022, p. 56). Tal afirmação revela a centralidade da violência no processo de descolonização, sendo ela o único meio capaz de reverter a subordinação imposta pelo colonizador. No contexto da violência revolucionária, o colonizado não apenas resiste à opressão, mas reconquista sua identidade, restabelecendo uma relação consigo mesmo que foi sistematicamente negada pela lógica colonial.

Neste sentido, a violência não deve ser entendida como um fim em si mesmo, mas como um processo de regeneração e libertação. Fanon, ao defender a violência como meio para alcançar a liberdade, ressalta que ela representa um ponto de inflexão entre a alienação e a recuperação da autonomia. A violência revolucionária, longe de ser uma mera reação impulsiva, torna-se um instrumento para a reapropriação do ser e para a afirmação da identidade do oprimido. Esse

movimento de reconciliação do colonizado consigo mesmo e com sua cultura é fundamental para sua emancipação.

Além disso, a violência como ato de descolonização implica uma transformação radical das estruturas sociais e políticas. Ao destruir as fundações do poder colonial, a violência propicia não apenas a erradicação do domínio do colonizador, mas também a possibilidade de criar novas formas de organização social, pautadas pela liberdade e pela igualdade. Fanon, portanto, não considera a violência como uma tentativa de retorno ao passado, mas como um meio de construir um futuro fundamentado na autonomia e na soberania do povo oprimido.

A reflexão fanoniana sobre a violência, concebida como um ato de descolonização continua sendo uma contribuição essencial para a compreensão das lutas anticoloniais e das formas de resistência contra a opressão. A análise de Fanon revela a violência como uma prática que transcende a mera destruição, apontando para a possibilidade de uma reconstrução radical tanto da subjetividade quanto das estruturas sociais. Dessa forma, sua proposta de violência como instrumento de libertação oferece um aporte teórico relevante para as discussões contemporâneas sobre transformação social e emancipação.

A centralidade da violência na teoria fanoniana continua a ser um elemento crucial para compreender as lutas anticoloniais e os movimentos de emancipação. Ao conceber a violência como um ato de descolonização, Fanon amplia o debate sobre a transformação social, evidenciando que a superação das hierarquias coloniais exige não apenas a ruptura com o domínio externo, mas a reconstrução subjetiva dos sujeitos historicamente oprimidos.

Diante dessa abordagem, é fundamental problematizar os limites e as implicações dessa concepção. Se, por um lado, Fanon compreende a violência como um meio necessário para a libertação do colonizado, por outro, esse argumento suscita questionamentos sobre suas repercussões éticas e políticas. Afirmar que a violência é um imperativo histórico da descolonização implica reconhecer seu caráter paradoxal: ao mesmo tempo em que destrói as estruturas de opressão, pode gerar novas formas de sofrimento e conflito.

Nesse sentido, cabe refletir sobre como essa perspectiva dialoga com processos de resistência contemporâneos. Em sociedades marcadas por diferentes expressões de violência, a busca pela emancipação não se restringe ao confronto direto, mas se manifesta em diversas formas de luta simbólica, política e cultural. Assim, a leitura fanoniana pode ser ampliada para pensar não apenas a violência insurgente, mas também as possibilidades de transformação que emergem por

meio da educação, da arte e da mobilização coletiva, sem necessariamente recorrer à destruição como única via de ruptura.

2.3 A violência da ruptura e a psicologia do colonizado

A relação entre a violência da ruptura e a psicologia do colonizado é central na obra de Frantz Fanon, particularmente em “Os Condenados da Terra”. Fanon articula a violência não apenas como um fenômeno físico, mas também como uma ruptura psicológica e ontológica que busca restaurar a humanidade do colonizado, violentamente despojado de sua identidade e dignidade pelo colonialismo. A violência, nesse contexto, torna-se a ferramenta para a reconstituição da subjetividade, uma tentativa de reconquistar uma autonomia roubada, e um ato de resistência à violência que permeia as relações coloniais.

Fanon parte da premissa de que a opressão colonial gera uma desumanização profunda do sujeito colonizado. A violência, então, surge como uma resposta necessária para reverter essa condição. O autor afirma que, ao ser subjugado e despojado de sua identidade cultural, o colonizado experimenta uma alienação psicológica que não pode ser curada apenas por um processo político de independência. Para Fanon, a luta pela liberdade envolve, de maneira indissociável, a luta pela recuperação da saúde psicológica do colonizado. A opressão colonial, com suas práticas de violência física e simbólica, causa um impacto psicológico profundo, levando ao surgimento de um “self” fragmentado e alienado. A violência da ruptura, portanto, não se dá apenas no campo físico, mas se manifesta como um ato psíquico de reconstrução do sujeito.

A violência da ruptura, para Fanon (2022), é um processo doloroso, mas necessário. O autor declara que “a violência é a única solução” para destruir o sistema colonial, visto que este é fundado e mantido pela força. Para ele, a revolução não é apenas uma ação política, mas uma experiência existencial e psicológica que exige a “libertação” da mente do colonizado: “[...] A violência da revolução é a única força capaz de romper a espiral da alienação que o colonizado experimenta.”. (Fanon, 2022, p. 94). Este processo de ruptura não é apenas uma reação ao domínio colonial, mas um movimento de reconstrução psíquica e de ressignificação da identidade.

Além disso, Fanon explora as consequências psicológicas da violência tanto para o colonizado quanto para o colonizador. Enquanto o colonizado sofre uma destruição de sua autoestima e uma alienação de sua identidade, o colonizador, por sua vez, é levado a internalizar a violência como um mecanismo necessário para manter sua posição de poder. O autor descreve o trauma psicológico do colonizado como uma expressão direta do sofrimento gerado pela violência

colonial. Ao longo de sua obra, Fanon aponta que a psique do colonizado não pode ser dissociada das condições sociais e políticas em que está inserida. Ele descreve a alienação psicológica como uma experiência concreta, afirmando que "[...] o colonizado é alguém que não está em sua terra, alguém que não fala sua língua, alguém que vive em um território que não é o seu." (Fanon, 2022, p. 39).

A violência da ruptura também se conecta com a "psicologia da luta" desenvolvida por Fanon. Em sua análise, ele destaca que, ao engajar-se na luta pela liberdade, o colonizado é capaz de reconquistar uma forma de identidade que havia sido subtraída. A ação violenta contra o colonizador, nesse sentido, atua como uma forma de restituição da própria humanidade. Fanon esclarece que "[...] a violência da luta é, para o colonizado, uma experiência terapêutica." (Fanon, 2022, p. 127). A violência, portanto, não é apenas uma resposta às agressões coloniais, mas um ato que permite ao colonizado restabelecer sua dignidade e identidade, rompendo com o processo de desumanização imposto pela colonização.

Porém, Fanon também não deixa de alertar para os efeitos negativos e paradoxais que a violência pode trazer. Embora reconheça sua necessidade no processo de descolonização, ele também discute as consequências psicológicas de uma violência prolongada. A violência, quando desprovida de um objetivo claro de emancipação, pode se transformar em um ciclo autodestrutivo, perpetuando a alienação do colonizado. Em "Os Condenados da Terra", ele aponta que, após a independência política, o colonizado pode se ver preso em uma nova forma de opressão, agora em sua própria sociedade, se as estruturas de poder não forem radicalmente transformadas (Fanon, 2022, p. 135). Isso implica que a violência da ruptura deve ser acompanhada de uma mudança estrutural profunda, tanto na esfera política quanto na psique do povo recém-libertado.

A psicologia do colonizado, portanto, é marcada pela tentativa constante de reconstruir uma identidade danificada pela violência colonizadora. Fanon sugere que a violência da ruptura é uma tentativa de restaurar a humanidade do colonizado, mas que, para ser eficaz precisa ser acompanhada de uma transformação mais ampla das relações sociais e da mentalidade coletiva. O processo de descolonização deve ser compreendido não apenas como uma revolução política, mas como um movimento psicológico que visa a recuperação da integridade e da identidade do povo colonizado.

Dessa forma, a leitura da violência como elemento central no processo de descolonização não pode ser dissociada de seus desdobramentos psicossociais. A argumentação fanoniana, ao

ênfatizar a necessidade da violência da ruptura, abre espaço para um debate mais amplo sobre os efeitos dessa experiência na subjetividade dos sujeitos envolvidos.

Ao considerar a luta anticolonial como um meio de ressignificação da identidade, Fanon nos conduz a uma reflexão sobre as diferentes possibilidades de emancipação. Se a violência pode operar como catalisadora da reconstrução psíquica, também se faz necessário interrogar os desafios impostos por essa mesma dinâmica no período pós-colonial. A dialética entre destruição e reconstrução, ruptura e continuidade, coloca em evidência a necessidade de mecanismos que garantam não apenas a libertação política, mas também a reconstrução simbólica e material da sociedade descolonizada.

Nesse sentido, cabe pensar até que ponto a violência pode, de fato, cumprir o papel terapêutico que Fanon lhe atribui. Embora sua leitura enfatize o caráter libertador da luta anticolonial, a experiência histórica nos mostra que a transição de um regime colonial para uma sociedade autônoma não ocorre de maneira linear. As cicatrizes da violência prolongam-se para além do momento revolucionário, moldando as estruturas sociais, políticas e subjetivas dos sujeitos pós-coloniais.

Assim, reconhecer a importância da violência da ruptura não significa negligenciar seus impactos e suas limitações. O desafio que se impõe é compreender como os processos de descolonização podem ir além da resposta violenta e se consolidar em práticas que promovam a reelaboração das subjetividades e a reestruturação das relações sociais, garantindo que a luta pela autonomia não se encerre na conquista da independência, mas se prolongue na construção de novos horizontes políticos e existenciais.

2.4 A violência e a emancipação coletiva

Fanon não vê a violência apenas como um ato individual ou isolado, mas como um processo coletivo. A revolução é a ação de um povo que se une para destruir a opressão e construir um novo futuro. O caráter emancipatório da violência, para Fanon, é inseparável da emancipação coletiva, em que o sujeito, ao se liberar da opressão, também liberta sua comunidade, pois “[...] A violência é o caminho para a emancipação, mas essa emancipação é coletiva. O sujeito libertado não é um indivíduo isolado, mas faz parte de uma luta que envolve toda a sociedade.”. (Fanon, 2022, p. 142).

Neste contexto, a violência da ruptura é um movimento coletivo de resistência, um esforço conjunto para derrubar as estruturas coloniais e estabelecer novas formas de organização social,

política e cultural. Fanon vê na luta pela liberdade uma forma de reconectar o sujeito com sua história e sua cultura, que foram negadas pelo processo colonial.

A relação entre violência e emancipação coletiva é uma das dimensões centrais da reflexão de Fanon sobre o processo de descolonização. Em sua obra, Fanon não apenas discute a violência como um fenômeno inevitável no contexto da luta anticolonial, mas a entende como um elemento crucial para a formação de uma nova consciência coletiva capaz de sustentar a emancipação do povo colonizado. Para Fanon, a violência da luta revolucionária não é um ato de destruição indiscriminada, mas uma condição necessária para romper com o sistema colonial e, simultaneamente, para permitir a reconstrução de uma identidade coletiva nova, livre da opressão colonial. Este conceito de violência como meio de emancipação coletiva está profundamente entrelaçado com a sua crítica ao colonialismo e à necessidade de uma ruptura radical com as estruturas de poder estabelecidas.

Fanon (2022) argumenta que a violência revolucionária surge como uma resposta legítima à violência e cotidiana do colonialismo. Ele sustenta que, na lógica colonial, o colonizado é mantido em uma posição de subordinação, sendo constantemente despojado de sua humanidade e da capacidade de exercer sua autodeterminação. A única maneira de reverter esse processo de desumanização, para Fanon, é por meio de uma violência que destrua as fundações do sistema colonial. Fanon afirma que "[...] a violência não é uma questão de escolha, mas uma necessidade." (Fanon, 2022, p. 93), sugerindo que a violência revolucionária é um meio indispensável para que o colonizado reconquiste sua dignidade e liberdade.

A violência, então, não é apenas um fenômeno individual, mas um processo coletivo que envolve a mobilização das massas oprimidas. Fanon vê a violência como uma experiência coletiva de liberação, capaz de transformar o colonizado de um ser submisso em um sujeito revolucionário ativo. Para ele, a emancipação não pode ser alcançada de maneira isolada ou por meios pacíficos, uma vez que o colonialismo é sustentado pela violência e pela coação. Assim, a violência da luta revolucionária é entendida como um meio de restaurar a capacidade coletiva de resistência e de criação de um novo espaço de autonomia e liberdade. Fanon aponta que "[...] é pela violência que as massas se encontram com elas mesmas, que descobrem sua força e sua capacidade de agir." (Fanon, 2002, p. 127). Essa "força" descoberta na luta é o motor da emancipação coletiva, que não pode ser conquistada sem que o povo se insira ativamente na destruição do sistema colonial.

A violência, portanto, é central para a formação de uma nova identidade coletiva que transcenda a condição de subordinação imposta pelo colonialismo. Fanon sugere que a luta

revolucionária deve ser acompanhada de uma transformação profunda na psique coletiva do povo colonizado. A violência, ao romper as correntes da opressão, liberta não só o corpo, mas também a mente e a alma do povo, possibilitando a reconstrução de uma nova sociabilidade, fundamentada na justiça e na liberdade. Ele afirma que "[...] A luta pela liberdade é uma luta pela reconquista da humanidade. A violência é a expressão de uma luta pela dignidade." (Fanon, 2022, p. 110). Essa reconquista da humanidade, por meio da violência da ruptura, não se dá de forma individualizada, mas como um processo coletivo que engendra uma nova comunidade, livre da alienação colonial.

Entretanto, Fanon também enfatiza os riscos e limites da violência. Em suas análises, ele alerta para o perigo de que, após a libertação, a violência possa se voltar contra o próprio povo, transformando-se em uma nova forma de opressão. Ele descreve a violência como um fenômeno ambíguo, que, embora necessária para a destruição do colonialismo, precisa ser conduzida com clareza de objetivos e consciência de seu impacto. A emancipação coletiva, nesse sentido, exige não apenas a destruição do colonialismo, mas também a construção de um novo projeto social e político que evite a reprodução das estruturas de dominação. Fanon aponta que "[...] não basta destruir o colonialismo, é preciso criar uma nova ordem, uma nova forma de solidariedade." (Fanon, 2022, p. 135). Isso implica que, para que a violência leve a uma emancipação genuína, ela deve ser acompanhada de um projeto de transformação social que articule as relações de produção, as estruturas políticas e as condições de vida do povo libertado.

Além disso, Fanon sugere que a emancipação coletiva não é apenas uma questão de destruição do sistema colonial, mas envolve também a criação de um novo *ethos* coletivo, uma nova ética revolucionária. O processo de descolonização deve ser entendido como uma "[...] luta pela reconstrução do ser coletivo." (Fanon, 2022, p. 141). A violência revolucionária, assim, serve como um meio de tornar possível a criação de um novo sujeito coletivo, capaz de se organizar de maneira autônoma, sem as marcas da opressão colonial.

Fanon também aponta a importância da solidariedade internacional na luta pela emancipação coletiva. A luta anticolonial não é vista por ele como uma luta isolada de um único povo, mas como parte de um movimento global de resistência ao imperialismo e ao colonialismo. O autor reforça que a violência revolucionária deve ser acompanhada de uma aliança entre os oprimidos de diferentes nações e continentes, criando uma rede de solidariedade que fortaleça a luta pela emancipação coletiva. Pois, "[...] A revolução não é apenas uma questão de liberar a terra, mas de liberar a humanidade inteira." (Fanon, 2022, p. 147).

Portanto, a violência e a emancipação coletiva, na obra de Fanon, são entendidas como inseparáveis. A violência, longe de ser uma ação cega ou irracional, é vista como um meio necessário para romper com a estrutura colonial e permitir a criação de um novo sujeito coletivo, livre da opressão e capaz de traçar seu próprio destino. Contudo, a verdadeira emancipação só se concretiza quando a violência é acompanhada de uma profunda transformação das relações sociais e da construção de uma nova comunidade fundada na liberdade, na igualdade e na justiça.

À medida que avançamos em nossa análise sobre a violência como práxis de ruptura proposta por Fanon, é imperativo que ampliemos nossa compreensão das dinâmicas sociais e psicológicas envolvidas nesse processo de transformação. A ruptura, como discutido, é um movimento de destruição de estruturas opressivas, mas, ao mesmo tempo, um ponto de partida para a reconstrução do sujeito e da sociedade. Para enriquecer essa reflexão, será necessário articular os conceitos de conformidade e ruptura, fundamentais tanto na obra de Fanon quanto em outras abordagens filosóficas, a fim de ampliar a compreensão do processo de libertação.

Diante dessa reflexão, é essencial enfatizar que a violência, como concebida por Fanon, não se limita a um evento destrutivo, mas deve ser compreendida dentro de um horizonte de transformação. A emancipação coletiva, ao emergir da ruptura violenta, não pode ser vista apenas como uma negação do passado colonial, mas como uma afirmação de um futuro possível.

Assim, ao inserir essa análise no escopo da presente pesquisa, compreendo que a violência, enquanto práxis de ruptura, implica uma tensão permanente entre destruição e construção. Fanon nos alerta para o risco de que a violência, se não acompanhada de um projeto político sólido, pode resultar na perpetuação de novas formas de opressão. Esse ponto é crucial para a "dialética das encruzilhadas" que pretendo desenvolver nesta tese: se, por um lado, a conformidade mantém as estruturas opressoras, por outro, a ruptura abre caminho para novas possibilidades, mas não garante, por si só, uma emancipação autêntica.

A perspectiva fanoniana nos leva a questionar: como garantir que a ruptura não se torne um ciclo de violência sem direção? A resposta parece estar na necessidade de um horizonte emancipatório que ultrapasse a negação e se construa na afirmação de novos modos de existência coletiva. Esse é um ponto de convergência entre Fanon e Adorno que se torna essencial para o desenvolvimento da proposta desta pesquisa.

É nesse sentido que o próximo capítulo buscará aprofundar as encruzilhadas teóricas entre ambos os autores, explorando as interfaces entre a conformidade e a ruptura. Se Fanon enfatiza a violência como motor da emancipação coletiva, Adorno nos oferece um olhar crítico sobre as forças

de dominação que persistem mesmo após a aparente superação de regimes opressores. A "dialética das encruzilhadas" se apresenta, portanto, como um instrumento para compreender não apenas os mecanismos de opressão e resistência, mas também os desafios inerentes à construção de um novo horizonte emancipatório.

3. As encruzilhadas entre Adorno e Fanon

Este capítulo busca explorar as tensões, convergências e possibilidades de diálogo entre duas abordagens radicalmente diferentes da violência e da emancipação humana. A partir da análise da violência como um campo de tensão entre conformidade e ruptura, este capítulo investiga como os dois pensadores abordam as dinâmicas de poder e a transformação social, cada um a partir de suas perspectivas filosóficas e históricas.

O tópico 3.1 estabelece as bases ao tratar da violência como um fenômeno dual, localizado entre a conformidade imposta pela cultura autoritária e a ruptura radical necessária à libertação. O tópico 3.2, por sua vez, analisa as distâncias e aproximações entre a violência da conformidade, como vista por Adorno, e a violência da ruptura, como defendida por Fanon.

No tópico 3.3, a violência é abordada no contexto do processo de emancipação, discutindo o papel das vítimas e dos agressores nas dinâmicas de opressão e resistência. Finalmente, o tópico 3.4, que encerra o capítulo, introduz a dialética das encruzilhadas, buscando entender as convergências e as possibilidades de diálogo entre as teorias de Adorno e Fanon, que, à primeira vista, parecem irreconciliáveis, mas que, ao serem analisadas em conjunto, oferecem um novo olhar sobre a violência como uma força complexa, ambígua e multifacetada.

3.1 A violência como campo de tensão entre conformidade e ruptura

Neste tópico, buscamos aprofundar as interseções e as tensões entre as teorias de Theodor Adorno e Frantz Fanon sobre a violência. Partindo das análises anteriores sobre a violência da conformidade em Adorno (Capítulo 1) e a violência da ruptura em Fanon (Capítulo 2), examinamos as convergências, distâncias e implicações de seus pensamentos. A violência, para ambos, não se limita a um ato físico, mas se apresenta como um fenômeno psíquico, cultural e social que afeta profundamente as relações entre os sujeitos e as estruturas de poder. A dialética das encruzilhadas emerge como uma metáfora teórica para entender como essas visões, embora contrastantes, podem se complementar ao tratar da emancipação humana.

A violência é uma força intrinsecamente ambivalente, simultaneamente produtora e destrutiva, que opera como um campo de tensão em que se entrelaçam as dinâmicas de conformidade e ruptura. Enquanto fenômeno estrutural e existencial, a violência transcende sua manifestação física, assumindo formas simbólicas, institucionais e psicológicas que moldam a interação entre indivíduos e estruturas de poder. Este campo de tensão emerge de relações profundamente arraigadas na modernidade e no colonialismo, expondo uma interseção crítica entre

as experiências de vítima e agressor, bem como entre os mecanismos que sustentam a dominação e aqueles que possibilitam sua subversão.

A dialética entre conformidade e ruptura encontra na violência um ponto de inflexão. Adorno e Fanon, ao abordarem a violência em contextos distintos, proporcionam uma lente teórica para compreender esse fenômeno enquanto um processo contraditório e dinâmico. Em Adorno, a violência é subjacente à conformidade, operando como uma força que sustenta as estruturas sociais por meio da alienação e da repressão. Sua crítica à sociedade administrada revela como a violência se manifesta de maneira latente, anulando a capacidade de resistência ao impor a lógica da razão instrumental. Como ele argumenta, "[...] o esclarecimento, na medida em que visa ao domínio, transforma-se na própria mitologia que queria destruir.". (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 16). O indivíduo, assim, é moldado por uma dinâmica que naturaliza a opressão, enquanto o agressor, representado pelas instituições e pelas normas, torna-se um agente invisível, mas onipresente.

Por outro lado, Fanon posiciona a violência como o motor de uma ruptura radical, um meio de desestabilizar as estruturas coloniais e reconfigurar as relações de poder. No entanto, esta ruptura não se dá sem tensões internas. A violência que liberta o colonizado do jugo opressor também carrega consigo o risco de reproduzir novas formas de hierarquia e dominação. Fanon afirma que "[...] a violência [...] liberta o nativo do seu complexo de inferioridade e do seu desespero passivo; torna-o intrépido e restaura seu respeito próprio.". (Fanon, 2022, p. 52). Nesse contexto, o colonizador e o colonizado, enquanto agressor e vítima, se encontram em uma relação dialética que transcende os papéis fixos, problematizando as fronteiras entre opressor e oprimido. A violência, nesse sentido, não é meramente um instrumento, mas uma experiência transformadora que reconfigura subjetividades e estruturas sociais.

O conceito de violência como campo de tensão permite situar a interseção entre os caminhos delineados por Adorno e Fanon: a conformidade que sustenta o status quo e a ruptura que busca sua desarticulação. É nesse espaço de interseção que emergem as complexas relações entre vítima e agressor. Adorno observa que "[...] quem faz violência não apenas domina o outro, mas também é dominado por ela.". (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 45), sugerindo que o agressor é simultaneamente transformado por suas ações. Fanon, por sua vez, reforça essa ideia ao afirmar que "[...] o opressor não pode exercer violência sem se desumanizar, assim como o oprimido não pode libertar-se sem enfrentar a possibilidade de reproduzi-la.". (Fanon, 2022, p. 75). Assim, a vítima, longe de ser uma figura passiva, muitas vezes é compelida a participar de sua própria subjugação, enquanto o agressor também se desumaniza ao exercer violência.

Esse entrelaçamento revela a violência como um fenômeno que simultaneamente separa e conecta, instaurando um espaço de ambiguidade onde as categorias tradicionais de análise são desafiadas. Adorno descreve como a conformidade é internalizada e reproduzida pelos sujeitos: "[...] a única relação adequada com a cultura hoje é uma crítica implacável." (Adorno, 1951, p. 41). Por outro lado, Fanon destaca a possibilidade de regeneração através da violência, ao afirmar que "[...] a violência pode regenerar tanto o colonizado quanto o colonizador, mas não sem custo." (Fanon, 2022, p. 64).

A violência como campo de tensão é, portanto, um fenômeno relacional que resiste a simplificações. Sua análise exige um enfoque dialético capaz de abarcar as múltiplas dimensões que constituem as interações entre conformidade e ruptura, vítima e agressor. Na encruzilhada formada por Adorno, Fanon, vítima e agressor, a violência adquire uma qualidade paradoxal, sendo tanto um mecanismo de opressão quanto uma força potencialmente emancipatória. Essa configuração sublinha a necessidade de superar visões binárias, reconhecendo a interdependência entre os elementos que compõem esse campo.

Ao explorar a violência como um campo de tensão entre conformidade e ruptura, fica evidente que este fenômeno transcende simplificações dicotômicas, revelando-se como um processo relacional que conecta agressor e vítima em um espaço ambivalente. Na interseção entre Adorno e Fanon, a violência é simultaneamente a força que sustenta a dominação e a energia que pode subvertê-la. Assim, compreender a violência requer não apenas uma análise de suas manifestações estruturais, mas também de suas implicações para as subjetividades envolvidas.

Esse campo de tensão é fundamental para a formulação da "dialética das encruzilhadas", que será desenvolvida como uma categoria analítica capaz de integrar as perspectivas de Adorno e Fanon, bem como os papéis de vítima e agressor. Diante dessa análise, a violência se apresenta como um fenômeno que desafia qualquer categorização fixa. A tensão entre conformidade e ruptura não apenas reflete os dilemas teóricos de Adorno e Fanon, mas também aponta para as contradições inerentes ao processo de transformação social. Ao examinar essa dialética, percebo que a violência não pode ser pensada como um elemento isolado de sua historicidade e de seus efeitos sobre as subjetividades. Ela opera como um campo de tensão onde agressor e vítima não são posições estáticas, mas sim papéis fluídos, atravessados por relações de poder e possibilidades de subversão.

Nesse sentido, a "dialética das encruzilhadas" que desenvolvo nesta pesquisa busca capturar essa complexidade, reconhecendo que a violência pode ser tanto uma ferramenta de opressão quanto um ponto de inflexão para novas configurações sociais. No entanto, a centralidade da

violência nesse processo exige que se questione sua capacidade real de produzir transformações duradouras sem cair na armadilha da reprodução de novas hierarquias. O risco da violência que se torna fim em si mesma, perpetuando um ciclo de dominação, é um aspecto que precisa ser constantemente problematizado.

Por isso, considero que a interseção entre Adorno e Fanon nos oferece não apenas uma reflexão sobre a violência em si, mas um método para pensá-la enquanto fenômeno relacional e dialético. Se Adorno nos alerta para os mecanismos sutis da conformidade que sustentam a violência estrutural, Fanon nos convida a enxergar a ruptura como um momento de reconfiguração, mas não necessariamente como sua superação definitiva. Dessa forma, a "dialética das encruzilhadas" não busca conciliar essas perspectivas, mas evidenciar os deslocamentos, tensões e paradoxos que emergem dessa interação.

No próximo tópico, aprofundarei essa articulação teórica, explorando como os distanciamentos e aproximações entre Adorno e Fanon podem contribuir para uma compreensão mais ampla das violências da conformidade e da ruptura, e como essa relação pode ser mobilizada como categoria analítica para pensar a emancipação e seus limites.

3.2 A violência da conformidade e a violência da ruptura: distanciamentos e aproximações

A primeira grande tensão entre Adorno e Fanon diz respeito à natureza e à função da violência. Para Adorno, a violência da conformidade se dá por meio da internalização de um sistema autoritário que nega a liberdade de pensamento e ação. Essa violência não é física, mas estrutural, e se manifesta nas práticas cotidianas e culturais, como discutido nos capítulos anteriores (Capítulo 1). A violência impõe a conformidade ao indivíduo e, dessa forma, a vítima da violência é, paradoxalmente, também um agente ativo da manutenção da opressão.

Em contraposição, Fanon vê a violência como um ato de ruptura necessário para destruir a estrutura colonial opressiva. A violência, para Fanon, é uma forma de resistência ativa contra a desumanização imposta pelos colonizadores. Ele entende a violência não apenas como um meio de revolta, mas como um mecanismo de reconstrução da identidade do oprimido. A violência fanoniana é a chave para o processo de descolonização, na qual a subordinação do colonizado é rompida através da ação direta e decisiva.

Enquanto Adorno vê a violência como algo enraizado na conformidade e na cultura de massa, Fanon entende a violência como um caminho para a emancipação do colonizado. Essa diferença nas abordagens das duas formas de violência aponta para distâncias importantes, mas

também para convergências. Ambos os autores veem a violência como um fenômeno que deve ser tratado com seriedade, pois afeta tanto as estruturas sociais quanto as subjetividades dos indivíduos.

A violência da conformidade e a violência da ruptura constituem formas distintas, porém inter-relacionadas, de compreender o papel da violência na dinâmica social, política e subjetiva. Ao contrastar as abordagens de Adorno e Fanon, é possível delinear distanciamentos claros, mas também identificar aproximações que revelam as complexidades e ambivalências inerentes a essas concepções. Esse exercício analítico não apenas reforça a singularidade de cada perspectiva, mas também abre caminhos para uma síntese dialética que transcenda as limitações de leituras dicotômicas.

Adorno e Fanon partem de contextos e preocupações teóricas distintas, o que molda suas respectivas compreensões da violência. Para Adorno, a violência é um elemento subjacente à conformidade, intrinsecamente ligado à lógica da razão instrumental que permeia as sociedades administradas. Em “Dialética do Esclarecimento”, Adorno e Horkheimer argumentam que “[...] o esclarecimento, na medida em que visa ao domínio, transforma-se na própria mitologia que queria destruir.” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 16). O que nos revela como a violência da conformidade se manifesta na alienação do indivíduo, que é reduzido a uma peça funcional no sistema social.

Por outro lado, Fanon conceitua a violência de maneira explícita e revolucionária, considerando-a uma força necessária para dismantelar o colonialismo. Em “Os Condenados da Terra”, ele afirma que “[...] a violência [...] liberta o nativo do seu complexo de inferioridade e do seu desespero passivo; torna-o intrépido e restaura seu respeito próprio.” (Fanon, 2022, p. 52). Para Fanon, a violência da ruptura não é apenas um meio, mas um fim em si mesmo, um ato de reconstrução identitária e coletiva que desafia a lógica de desumanização imposta pelo colonizador.

Esses distanciamentos refletem a diferença fundamental entre uma abordagem que privilegia a crítica das estruturas internas da modernidade (Adorno) e outra que enfoca a dinâmica externa da colonização (Fanon). Enquanto Adorno problematiza a violência como algo internalizado nas estruturas sociais e culturais da modernidade ocidental, Fanon a interpreta como uma ferramenta concreta para dismantelar essas estruturas, especialmente no contexto das lutas anticoloniais.

Apesar dessas diferenças, aproximações importantes emergem quando analisamos como Adorno e Fanon abordam a violência enquanto fenômeno relacional. Ambos reconhecem que a violência, seja da conformidade ou da ruptura, opera em um campo dialético, moldando simultaneamente o agressor e a vítima. Em Adorno, a violência da conformidade não apenas subjuga, mas também molda os sujeitos a partir de uma lógica que reproduz a dominação. Em

“Mínima Moralia”, ele observa que “[...] a única relação adequada com a cultura hoje é uma crítica implacável.”. (Adorno, 1951, p. 41), sugerindo que mesmo a conformidade é permeada por tensões que podem potencialmente desestabilizar a ordem estabelecida.

Fanon, por sua vez, reconhece que a violência da ruptura não é isenta de contradições. Em sua análise das lutas anticoloniais, ele aponta que “[...] o colonizado descobre a realidade opressiva do sistema colonial, mas também percebe que a violência pode regenerá-lo.”. (Fanon, 2022, p. 64). No entanto, essa regeneração não está livre de riscos, uma vez que a violência pode reproduzir novas formas de opressão, como hierarquias pós-coloniais. Assim, em ambas as perspectivas, a violência é simultaneamente uma força de preservação e transformação, um fenômeno que desafia categorizações simplistas.

Na encruzilhada formada por Adorno, Fanon, vítima e agressor, a violência adquire uma qualidade paradoxal. A vítima, nas duas perspectivas, não é um sujeito passivo. Em Adorno, ela participa da reprodução da conformidade, ainda que inconscientemente, ao internalizar as normas sociais que a subjulgam. Fanon, por outro lado, posiciona a vítima como um agente ativo, capaz de transformar sua condição por meio da ruptura violenta. Entretanto, ambas as abordagens reconhecem que o agressor também é transformado pelo ato de violência. Adorno descreve a desumanização do agressor como um efeito colateral inevitável da alienação estrutural, pois “[...] Quem faz violência não apenas domina o outro, mas também é dominado por ela.”. (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 45), enquanto Fanon enfatiza como o colonizador é aprisionado pela lógica violenta que ele mesmo instaurou, pois “[...] o opressor não pode exercer violência sem se desumanizar, assim como o oprimido não pode libertar-se sem enfrentar a possibilidade de reproduzi-la.”. (Fanon, 1968, p. 75).

A análise das aproximações e distanciamentos entre a violência da conformidade e a da ruptura não apenas ilumina as complexidades do fenômeno, mas também contribui para o avanço da “dialética das encruzilhadas”. Este conceito, ao explorar a interseção entre Adorno, Fanon, vítima e agressor, captura a natureza relacional da violência como um campo de tensão dinâmico e contraditório. Tanto Adorno quanto Fanon demonstram que a violência não pode ser compreendida isoladamente; ela é sempre mediada por relações históricas, sociais e subjetivas que a tornam simultaneamente uma força de opressão e de potencial emancipação.

A “dialética das encruzilhadas” oferece uma perspectiva inovadora sobre a violência, destacando sua complexidade e transcendendo as dicotomias convencionais entre conformidade e ruptura, vítima e agressor. Ao integrar essas dimensões, a violência deixa de ser vista de maneira

simplista e passa a ser compreendida como um fenômeno multifacetado, que abrange as condições e os limites da emancipação humana. Essa abordagem dialética não apenas amplia o entendimento sobre as origens e manifestações da violência, mas também aponta para sua relação intrínseca com os processos de transformação e resistência social.

A partir dessa base teórica, é possível avançar na análise do papel das vítimas e dos agressores dentro do processo de emancipação, destacando como esses sujeitos se posicionam e interagem diante da violência, seja como agentes de opressão ou como elementos fundamentais na construção de novos paradigmas sociais e educativos. Esse movimento abre o caminho para a discussão no próximo tópico, em que exploraremos a violência no processo de emancipação e o papel das vítimas e dos agressores.

Diante das tensões entre Adorno e Fanon quanto à violência da conformidade e da ruptura, considero que a leitura desses conceitos não deve ser pautada por uma dicotomia rígida, mas por uma compreensão da violência como fenômeno relacional e dinâmico. A violência da conformidade, ao naturalizar estruturas opressivas, revela sua força insidiosa na reprodução de normas e na manutenção da ordem social. Já a violência da ruptura, embora necessária em certos contextos, carrega consigo o risco da reificação da própria lógica que busca superar.

Entendo, portanto, que a "dialética das encruzilhadas" se coloca como uma possibilidade de leitura que escapa às armadilhas do reducionismo teórico. Mais do que definir a violência como um mal absoluto ou um bem necessário, trata-se de reconhecer sua complexidade e os deslocamentos que provoca nos sujeitos envolvidos. A vítima nunca é inteiramente passiva, assim como o agressor não emerge imune à dinâmica que instaura. A questão central não é apenas como a violência opera, mas quais horizontes de emancipação ela pode abrir sem cair na armadilha da sua perpetuação.

Essa perspectiva me leva a afirmar que, no campo da educação, é imprescindível reconhecer como as estruturas de dominação se atualizam e se naturalizam na conformidade, ao mesmo tempo em que toda ruptura demanda um olhar atento às suas consequências. O desafio, então, não é apenas criticar a violência ou legitimá-la, mas pensar alternativas que questionem sua inevitabilidade e ampliem os espaços de reelaboração crítica do social.

3.3 A violência no processo de emancipação: o papel das vítimas e dos agressores

A violência, quando abordada na análise crítica dos processos de emancipação, assume uma multiplicidade de significados e complexidades, especialmente quando se considera seu papel nas relações entre vítimas e agressores. Historicamente, a violência tem sido compreendida de maneira

binária: como uma força repressiva e destrutiva, impositora de condições de sofrimento e subordinação.

Contudo, uma análise mais profunda e dialética revela que, no contexto da emancipação, a violência não é simplesmente um fenômeno a ser destruído ou evitado, mas uma força que pode atravessar as relações sociais e políticas de maneiras inesperadas e paradoxais. Esse entendimento da violência como uma categoria central nos processos de libertação exige uma reflexão sobre os papéis tanto das vítimas quanto dos agressores, cuja interdependência e interação são cruciais para a compreensão da dinâmica emancipatória.

Fanon (2022) apresenta uma análise profunda da violência no contexto da colonização. Para o autor, a violência, longe de ser uma simples resposta à opressão, é uma força catalisadora da transformação radical. Ele argumenta que a violência é um meio de ruptura das estruturas coloniais de dominação e, ao mesmo tempo, um caminho para a restauração da dignidade e da identidade dos povos oprimidos. Para os colonizados, a violência contra o colonizador não é apenas uma reação à exploração, mas uma ação afirmativa de autonomia: "[...] A violência é uma purificação, a ruptura das amarras de uma identidade colonizada." (Fanon, 2022, p. 65). Nesse sentido, a violência torna-se não apenas uma resposta reativa, mas um movimento ativo e criativo, que permite a superação da passividade imposta pela opressão.

Ao refletir sobre o papel das vítimas, é necessário entender que, embora Fanon considere a violência como um mecanismo de libertação, ele não ignora as contradições que ela acarreta. As vítimas, ao resistirem, podem transformar-se em agentes de uma revolução que visa subverter as estruturas de poder. No entanto, esse processo de transformação é complexo, pois as vítimas não estão apenas quebrando as correntes da opressão externa, mas também sendo reconfiguradas por ela. A violência, mesmo quando exercida pelas vítimas, não está livre da tentação de reproduzir as mesmas lógicas que as submeteram. Como aponta Fanon, a violência não é uma panaceia, mas um instrumento que exige uma profunda reflexão sobre suas consequências, pois, quando mal direcionada, pode resultar em uma perpetuação das mesmas dinâmicas de dominação.

A reflexão de Adorno sobre a violência também contribui para a compreensão das complexidades que a violência traz para o processo de emancipação. Adorno (1951) afirma que, mesmo nas tentativas de subverter o sistema de opressão, a violência pode acabar se tornando uma reprodução do autoritarismo, pois "[...] A violência é o reflexo da impotência frente a uma sociedade que, ao mesmo tempo em que nega, perpetua a dominação." (Adorno, 1951, p. 117).

Para Adorno, a violência, mesmo no contexto de resistência, carrega o risco de ser aprisionada dentro das mesmas estruturas de poder que se deseja desafiar. Isso ocorre porque a violência, muitas vezes, não se limita a destruir o inimigo, mas também reforça a lógica de subordinação e hierarquia que permeia a sociedade. A busca por uma mudança verdadeira exige uma reflexão crítica não apenas sobre a opressão do agressor, mas também sobre a natureza da resistência e os meios que são utilizados para alcançá-la.

Se, por um lado, a violência das vítimas pode ser entendida como uma tentativa de afirmação de identidade e autonomia, por outro, a violência dos agressores não é simples e unilateralmente opressiva. O agressor, em sua relação com a vítima, não é uma figura monolítica e imutável, mas, muitas vezes, é também um sujeito que está preso às mesmas estruturas sociais que ele mantém. A violência, como mecanismo de dominação, não é exclusivamente exercida de forma consciente ou voluntária. Os agressores, muitas vezes, são formados e moldados por uma estrutura social que naturaliza a violência como parte do processo de manutenção do poder. Em sua análise da sociedade capitalista, Adorno observa que as relações de dominação não são apenas externas, mas penetram as consciências individuais, produzindo sujeitos que, muitas vezes, não percebem a violência que praticam como tal.

A ideia de violência do agressor pode ser vista, portanto, como uma manifestação de uma sociedade que se organiza de forma hierárquica e autoritária. Em muitas situações, o agressor é ele próprio, um produto de um sistema que lhe impõe papéis de poder, colocando-o, muitas vezes, em uma posição de violência constante contra os outros. A violência, para o agressor, se torna não apenas um meio de controle, mas também uma forma de reafirmação da própria identidade, construída em torno da dominação e da subordinação do outro. Em sua análise crítica da sociedade capitalista e autoritária, Adorno alerta para o fato de que as estruturas de dominação não se limitam aos mecanismos visíveis de repressão, mas penetram na subjetividade dos indivíduos, levando-os a reproduzir as formas de violência que eles mesmos sofrem ou perpetuam.

A relação entre vítimas e agressores no processo de emancipação é, portanto, marcada por uma complexidade dialética. A violência, longe de ser um fenômeno simples e linear, envolve múltiplas dimensões que se entrelaçam e se retroalimentam. Tanto as vítimas quanto os agressores estão imersos em uma estrutura social que a forma e os condiciona, sendo, ao mesmo tempo, sujeitos de opressão e opressores. A emancipação, nesse contexto, não pode ser vista como um processo de simples inversão de papéis, mas como um movimento complexo de reconfiguração das relações sociais e de superação das estruturas de violência que permeiam essas relações.

O processo emancipatório exige, portanto, que as vítimas e os agressores se engajem em um processo de reflexão crítica sobre as dinâmicas de violência que os constituem. Para que a verdadeira emancipação ocorra, não basta apenas destruir a figura do agressor, mas é necessário reconfigurar as próprias condições sociais e subjetivas que geram e perpetuam a violência. A emancipação, para ser efetiva, deve ser entendida como um processo de transformação que ultrapassa as simples relações de poder e busca desconstruir as estruturas de violência que afetam tanto as vítimas quanto os agressores.

Como Fanon (2022) argumenta, a violência pode ser um meio de transformação, mas essa transformação só será efetiva se for acompanhada de uma crítica profunda às próprias formas de violência que estruturam a sociedade. A emancipação, nesse sentido, não é apenas uma inversão do poder, mas uma reconfiguração radical das condições sociais que permitem a perpetuação da violência. Para Adorno, a verdadeira liberdade não se encontra na destruição do agressor, mas na superação das estruturas que geram e sustentam as dinâmicas de opressão e violência. A luta pela emancipação, portanto, exige uma reflexão crítica sobre as formas de violência, tanto das vítimas quanto dos agressores, e sobre a maneira como essas formas de violência são profundamente enraizadas nas estruturas sociais e políticas que moldam a experiência humana.

Esta dinâmica nos leva à questão crucial da dialética das encruzilhadas, que será explorada no próximo tópico. A dialética aqui é entendida como um espaço de interseção e ambiguidade, onde as tensões entre as visões de Adorno e Fanon podem ser reconciliadas ou aprofundadas. A violência, enquanto motor de transformação, não é simplesmente uma força a ser abolida ou apenas utilizada, mas uma categoria complexa que exige uma reflexão crítica sobre as condições e os limites da emancipação. Essa dialética, ao trazer à tona as convergências e as possibilidades de diálogo entre os dois pensadores, abre caminho para uma análise mais profunda das dinâmicas de poder e da liberdade em um contexto social e histórico marcado pela violência.

Assim, ao avançarmos para o tópico sobre convergências e possibilidades de diálogo, exploraremos como as ideias de Adorno e Fanon se encontram e se desafiam, oferecendo uma lente teórica mais robusta para compreender as complexas interações entre vítimas e agressores no processo de emancipação. Através dessa dialética, será possível vislumbrar novas possibilidades para a construção de uma sociedade mais justa e livre de violência.

A análise da violência no processo de emancipação exige um deslocamento das leituras tradicionais que a veem apenas como um instrumento de libertação ou reprodução da dominação. A partir do diálogo entre Fanon e Adorno, a violência emerge como um fenômeno ambivalente, cuja

presença nos processos emancipatórios não pode ser reduzida a uma função única. Se, por um lado, Fanon destaca seu papel na ruptura das estruturas coloniais, Adorno alerta para o risco de sua perpetuação dentro da lógica autoritária.

Nesse sentido, a dialética das encruzilhadas permite problematizar as formas pelas quais vítimas e agressores se constituem dentro das relações de poder, escapando da rigidez binária que muitas vezes marca essa discussão. A emancipação, sob essa ótica, não pode ser pensada apenas como um ato de oposição direta, mas como um movimento de reconfiguração das condições que produzem e sustentam a violência. Assim, ao invés de reafirmar leituras estanques sobre o papel da violência, a abordagem proposta busca evidenciar os deslocamentos e tensões que permeiam seu uso nos processos históricos e sociais.

3.4 A dialética das encruzilhadas: convergências e possibilidades de diálogo

A dialética das encruzilhadas oferece uma metáfora teórica fecunda para a análise das interseções entre as concepções de violência de Theodor Adorno e Frantz Fanon. Ao se deparar com a aparente irreconciliabilidade entre as perspectivas dos dois pensadores, é necessário adotar uma abordagem dialética que permita, não apenas destacar as divergências, mas também explorar as complexas convergências que ambas as teorias suscitam, especialmente no que tange à compreensão da violência e suas implicações no processo de emancipação.

Em um primeiro plano, as visões de Adorno e Fanon sobre a violência podem parecer diametralmente opostas: Adorno interpreta a violência como uma consequência da conformidade à cultura autoritária, enquanto Fanon a concebe como uma ferramenta imprescindível para a libertação dos oprimidos. No entanto, ao observar de forma mais crítica essas abordagens, fica claro que ambos os autores partilham uma crítica incisiva à violência, embora proponham respostas substancialmente diferentes para lidar com ela.

As convergências entre Adorno e Fanon emergem na medida em que ambos percebem a violência como um fenômeno que permeia e molda a sociedade, tendo um impacto profundo na subjetividade dos indivíduos. Para Adorno, a violência da conformidade se manifesta na internalização de normas autoritárias que impedem a formação de uma consciência crítica, consolidando a passividade e a obediência a sistemas de poder opressores. Adorno e Horkheimer (1985) argumentam que as condições estruturais de violência não são apenas externas, mas se manifestam nas formas ideológicas e culturais que formam o sujeito. A violência cultural, nesse sentido, configura-se como uma forma de dominação mais insidiosa e difícil de combater, uma vez

que ela se encontra profundamente enraizada nas práticas cotidianas e nos processos de socialização.

Por outro lado, Fanon (2022), identifica a violência de ruptura como uma necessidade para o colonizado, pois ela representa uma forma de reconquista da dignidade humana e de reconstrução da identidade do sujeito oprimido. A violência, em Fanon, não é uma mera reação impulsiva, mas um processo catártico de libertação, em que o oprimido se torna sujeito ativo de sua emancipação. No entanto, Fanon também reconhece o risco de que a violência, ao ser incorporada pelos oprimidos, possa gerar novas formas de opressão, como evidenciado em sua análise das dinâmicas pós-coloniais. Ele adverte sobre a possibilidade de que, ao buscar a libertação através da violência, o sujeito oprimido não apenas transforma as estruturas de poder, mas também pode reproduzir as mesmas práticas de opressão sob novas formas.

A principal tensão entre Adorno e Fanon reside na maneira como cada um concebe a possibilidade de transformação social. Para Adorno, a emancipação não é alcançada pela ruptura imediata, mas por uma crítica constante e profunda das estruturas culturais, políticas e econômicas que sustentam a violência. Sua proposta de mudança é, portanto, gradual, baseada na conscientização crítica e na prática de uma educação que leve à reflexão constante sobre as condições de opressão. A transformação que Adorno sugere é um movimento lento, mas profundo, de desalienação, que visa libertar o indivíduo da conformidade e da submissão ideológica.

Fanon, por sua vez, vê a transformação como algo urgente e radical, exigindo uma ruptura abrupta com o status quo. Para Fanon, a violência é não apenas uma forma de resistência, mas uma estratégia de reapropriação do sujeito colonializado, que precisa se libertar da violência simbólica e física imposta pelo colonizador. Essa abordagem é, evidentemente, mais imediata e dramática, refletindo a urgência da situação colonial e a necessidade de uma ação direta para interromper o ciclo de opressão. A proposta de Fanon implica um enfrentamento direto das forças opressoras, na esperança de que a violência revolucionária produza uma mudança estrutural no poder.

A dialética das encruzilhadas, portanto, se configura como o espaço onde essas duas perspectivas se cruzam e se confrontam. Neste ponto de interseção, a violência não é entendida como uma força unívoca e monolítica, mas como um fenômeno ambíguo, cuja interpretação e potencial transformação dependem do contexto e da posição do sujeito histórico. A violência da conformidade de Adorno e a violência de ruptura de Fanon podem ser vistas, assim, como duas faces de uma mesma moeda: ambas são manifestações de uma luta pela emancipação, mas em direções e temporalidades distintas.

Esse espaço dialético, ao mesmo tempo em que nos permite perceber as tensões e limitações de cada perspectiva, também abre caminho para um diálogo possível entre as ideias de Adorno e Fanon. A violência, sob essa ótica, não é simplesmente uma questão de opressão ou libertação, mas um ponto de inflexão, uma encruzilhada onde as formas de resistência e as estratégias de transformação se entrelaçam. Esse diálogo possibilita uma compreensão mais complexa da violência no contexto da luta pela emancipação, onde a crítica social e a ação radical podem, em determinadas circunstâncias, convergir e, em outras, entrar em conflito.

O diálogo entre Adorno e Fanon, portanto, não é apenas uma reconciliação de perspectivas, mas um espaço de reflexão sobre os limites e as possibilidades da violência no processo de emancipação. A dialética das encruzilhadas nos convida a pensar que a transformação social não é linear nem predeterminada, mas uma dinâmica complexa, onde as diferentes formas de resistência podem se articular de maneiras imprevistas, gerando tanto novas possibilidades de liberdade quanto novos desafios e contradições.

Sendo assim, a análise teórica das convergências e tensões entre Adorno e Fanon, abordada neste capítulo, nos permite refletir sobre a complexidade da violência enquanto categoria central para a emancipação humana. A dialética das encruzilhadas não oferece uma solução simples para os dilemas levantados por ambos os autores, mas ao contrário, nos desafia a pensar nas múltiplas dimensões da violência e na maneira como ela se articula com as dinâmicas de poder, submissão e resistência. Ao chegar neste ponto culminante da pesquisa, fica evidente que a verdadeira emancipação humana não pode ser alcançada sem uma compreensão profunda das forças que moldam a violência, seja como conformidade ou ruptura, e de como elas operam nas relações entre vítimas e agressores.

A proposta da dialética das encruzilhadas emerge como uma tentativa de compreender a violência para além da dicotomia opressor versus oprimido, resistência versus conformidade. Ao longo desta investigação, tornou-se evidente que a abordagem de Adorno e Fanon sobre a violência, embora situada em contextos distintos, não pode ser reduzida a uma oposição binária. A leitura dialética dessas perspectivas permite reconhecer que ambas compartilham uma preocupação fundamental com os mecanismos de dominação e suas implicações na constituição da subjetividade.

Minha análise parte do pressuposto de que a violência, em suas múltiplas formas, não pode ser pensada como um fenômeno estanque, mas sim como um campo de disputa que se reorganiza historicamente. Se Adorno denuncia a violência da conformidade como um entrave ao pensamento crítico e à emancipação, Fanon expõe a violência da ruptura como um meio paradoxalmente

necessário para a libertação do sujeito colonizado. Entretanto, em vez de aceitar essas concepções como incompatíveis, proponho a dialética das encruzilhadas como um espaço de interseção e tensão, onde a violência pode ser compreendida em sua ambiguidade estrutural.

Portanto, não busca reconciliar Adorno e Fanon de maneira artificial, mas sim explorar as potencialidades desse diálogo para repensar a violência no contexto da emancipação. A dialética das encruzilhadas não oferece respostas definitivas, mas instiga um olhar crítico sobre a forma como as relações de poder moldam as estratégias de resistência e conformação. Assim, este estudo reafirma a necessidade de uma análise que vá além das soluções imediatas e simplificadas, reconhecendo que a violência, enquanto fenômeno social e histórico, exige uma abordagem que considere seus paradoxos e possibilidades de transformação.

Considerações Finais

A presente investigação buscou examinar as interseções entre Theodor W. Adorno e Frantz Fanon, tomando a violência como categoria central e analisando as encruzilhadas teóricas que emergem desse diálogo. A hipótese que orientou este estudo fundamenta-se na ideia de que a violência opera em múltiplas dimensões: na conformidade denunciada por Adorno e na ruptura proposta por Fanon. Tal constatação levou à formulação da "dialética das encruzilhadas" como um instrumento analítico capaz de iluminar os processos de formação humana em contextos de opressão, sem reduzi-los a simplificações normativas.

Ao longo dos capítulos, os objetivos específicos da pesquisa foram atingidos. No primeiro capítulo, exploramos a crítica de Adorno à conformidade e à formação autoritária como mecanismos que perpetuam a violência, desarticulando a capacidade crítica dos indivíduos. A conformidade, conforme analisada por Adorno, é apresentada como um processo complexo que não se limita à passividade, mas contribui ativamente para a reprodução das desigualdades estruturais.

A partir dos conceitos-chave de formação da personalidade autoritária, razão instrumental, alienação e cultura de massa, identificamos como a conformidade opera, tanto no nível individual quanto social, reforçando a continuidade das estruturas de poder e dominação. A crítica de Adorno revela que a violência vai além das manifestações visíveis de opressão, infiltrando-se de maneira silenciosa nas normas, valores e práticas que internalizamos como naturais, obscurecendo as possibilidades de transformação.

No segundo capítulo, analisamos a proposta de Fanon sobre a violência como práxis de ruptura, enfocando a violência transformadora que ele defende como condição essencial para a emancipação dos oprimidos. A partir da visão de Fanon, compreendemos a violência não apenas como um instrumento de libertação física, mas também como um fator de transformação psíquica e coletiva.

A violência, nesse contexto, é um processo histórico e político necessário para romper com a opressão colonial e restaurar a dignidade do povo oprimido. A práxis de ruptura proposta por Fanon é reconhecida como necessária, porém complexa, e deve ser conduzida com a plena consciência de seus efeitos e riscos. Sua análise revela que a verdadeira liberdade não se resume à conquista da independência física, mas exige uma transformação radical das condições materiais e simbólicas, que seja capaz de evitar a reprodução das estruturas opressivas.

No terceiro capítulo, desenvolvemos a "dialética das encruzilhadas" como uma ferramenta analítica para articular as perspectivas de Adorno e Fanon, reconhecendo tanto as convergências

quanto as tensões entre os conceitos de conformidade e ruptura. A dialética das encruzilhadas nos permite abordar a violência em suas múltiplas dimensões, oferecendo uma nova compreensão das relações entre vítimas e agressores.

Ao combinar as críticas de Adorno e Fanon, foi possível perceber que a violência não é uma questão de simples oposição entre opressores e oprimidos, mas um fenômeno que se manifesta em um processo contínuo de interações, tensões e negociações. A dialética das encruzilhadas não propõe uma solução definitiva, mas oferece um espaço reflexivo para repensar a ação política, a resistência e, sobretudo, a emancipação humana.

Através dessa ferramenta analítica, foi possível compreender que a violência não pode ser combatida por meio de uma ruptura radical isolada ou pela adaptação passiva aos sistemas opressivos. Em vez disso, a superação da violência requer um entendimento profundo das forças que estruturam as dinâmicas de opressão, considerando tanto os aspectos materiais quanto simbólicos da violência. A dialética das encruzilhadas revela que, para desafiar as estruturas de poder, é necessário articular a crítica à conformidade e à ruptura, reconhecendo as nuances desses movimentos e suas implicações políticas e sociais.

A análise evidenciou que Adorno compreende a violência como imanente às estruturas da racionalidade instrumental, onde os mecanismos de dominação naturalizam a sujeição e inviabilizam a autonomia do sujeito. Em contrapartida, Fanon desloca a problemática da violência para o campo das relações coloniais, evidenciando sua função estruturante na produção de subjetividades racializadas. Esse desdobramento revela não uma oposição estanque entre os autores, mas uma tensão constitutiva que problematiza a dialética entre sujeição e emancipação. A convergência entre suas perspectivas permite compreender a violência como elemento de permanência e, simultaneamente, de ruptura nos processos de formação histórica.

A "dialética das encruzilhadas", nesse sentido, configura-se como uma categoria que não apenas media a oposição entre conformidade e ruptura, mas amplia a compreensão das dinâmicas estruturais e subjetivas que sustentam a violência e suas possibilidades de superação. Em vez de um esquema binário, essa noção busca captar as articulações complexas entre ideologia, cultura e subjetividade, permitindo uma análise mais densa dos modos pelos quais os sujeitos são interpelados e, eventualmente, reconstroem suas condições de existência. Assim, ao invés de uma resistência homogênea ou de um enfrentamento direto, a dialética das encruzilhadas exige um olhar atento às contradições e ambivalências que constituem os movimentos históricos de transformação.

Esse deslocamento teórico permite não apenas iluminar os mecanismos que sustentam a violência estrutural, mas também elaborar estratégias de transformação que reconheçam as especificidades históricas e culturais de cada contexto. O diálogo entre Adorno e Fanon, portanto, não se esgota no campo da filosofia da violência ou da teoria crítica da sociedade; ele impõe uma reflexão renovada sobre os horizontes da emancipação em um mundo atravessado por desigualdades persistentes, disputas simbólicas e conflitos estruturais. A educação, nesse cenário, emerge não como uma via redentora, mas como um campo tensionado por forças antagônicas, onde a formação pode tanto reproduzir quanto desestabilizar os mecanismos da dominação.

A tese defendida neste trabalho, de que a violência constitui uma ameaça contínua à emancipação e que as perspectivas teóricas de Adorno e Fanon, mediadas pela dialética das encruzilhadas, podem não apenas compreender essa dinâmica, mas também identificar caminhos para transcendê-la, foi confirmada. A análise das abordagens de Adorno e Fanon, articuladas pela metáfora da dialética das encruzilhadas, demonstrou que, embora a violência se manifeste de diversas formas, ela persiste como um obstáculo significativo para a emancipação humana. A violência não se limita às formas físicas de opressão, mas se estende às esferas psicológicas, sociais e culturais, perpetuando-se nas estruturas de poder e nas práticas de conformação que internalizamos como naturais.

A crítica de Adorno à conformidade e à formação autoritária revelou como as normas internalizadas e as estruturas sociais operam para garantir a continuidade da violência, limitando as possibilidades de transformação. A proposta de Fanon sobre a violência como práxis de ruptura, embora necessária em contextos históricos específicos, mostrou os riscos envolvidos e a complexidade dessa violência transformadora. Ao integrar essas duas perspectivas, a dialética das encruzilhadas oferece uma compreensão mais profunda da violência, permitindo que sejam identificadas formas de superação mais sofisticadas e estrategicamente direcionadas.

A conclusão a que chegamos é que a superação da violência exige um movimento que não ignore as contradições entre as propostas de Adorno e Fanon, mas que utilize essas tensões como pontos de reflexão para construir uma ação política mais eficaz. A emancipação, portanto, não pode ser vista como um fim, mas como um processo contínuo, em que se desafiam as estruturas que sustentam a violência e se reconstrói as relações sociais e políticas.

A dialética das encruzilhadas, assim, não apenas ajuda a entender a complexidade da violência, mas também oferece caminhos para uma transformação radical e sustentável. Esse

entendimento abre espaço para novas formas de ação política e social que busquem, de fato, uma emancipação profunda e duradoura.

Essa reflexão leva à necessidade de repensar, de forma crítica, as formas de intervenção política e social que buscamos para transformar as estruturas de opressão. Quando confrontamos a violência, é essencial não apenas buscar uma forma de resistência ou ruptura, mas entender que o processo de emancipação não é linear nem definitivo. Ao contrário, ele é cíclico, interativo e constante. As forças da conformidade, como descritas por Adorno, têm um papel significativo em garantir que as condições de opressão sejam sustentadas e perpetuadas de forma quase invisível. A cultura de massa, a conformação das subjetividades e a internalização dos sistemas de dominação são questões que, muitas vezes, não conseguimos perceber de imediato, mas que sustentam o status quo de violência.

Nesse contexto, a proposta de Fanon sobre a violência como práxis de ruptura surge como um ponto de inflexão importante, especialmente quando pensamos em contextos de opressão explícita e violenta, como o colonialismo ou regimes totalitários. Fanon nos alerta para a necessidade de uma transformação radical, embora nos evoque também a reflexão sobre os perigos de uma violência que, sem a devida análise e gestão, pode criar novas formas de opressão. A verdadeira emancipação, no entendimento de Fanon, não é apenas uma libertação política ou física, mas uma reconstrução profunda da subjetividade do oprimido, uma cura das feridas psíquicas que a violência colonial e estrutural impõe.

Neste ponto, a dialética das encruzilhadas, como conceito central desta pesquisa, permite perceber que a emancipação não se resume a um movimento unilateral, mas é uma interação complexa entre as forças de conformidade e ruptura. A análise dessas duas dimensões não só ilumina a forma como a violência opera na sociedade, mas também abre novas possibilidades para repensarmos a resistência e a transformação. A dialética, ao contrário de oferecer uma solução pronta, propõe um espaço dinâmico, um campo de negociação onde as interações entre a conformidade e a ruptura podem gerar novas formas de ação política, levando a uma emancipação que, ao invés de ser estática, se torna um processo contínuo e inovador.

Importante ressaltar que, ao aplicarmos a dialética das encruzilhadas, estamos não apenas desafiando as formas de violência que temos identificado, mas também buscando maneiras mais sofisticadas e efetivas de agir na realidade política e social. Em vez de respostas simplistas que apostam na ruptura radical ou na adaptação passiva, a dialética nos chama a compreender as

complexidades históricas e sociais que fundam a violência e nos desafia a pensar em formas de subversão que não reproduzam, em suas alternativas, as mesmas estruturas opressivas.

No campo político, isso implica em uma análise cuidadosa das condições materiais e simbólicas que sustentam a violência, sem descartar qualquer um dos dois polos da dialética: tanto a conformidade quanto a ruptura. Ao invés de ignorar essas forças, a proposta de superação passa pela elaboração de estratégias que reconheçam a interdependência entre elas e que visem uma transformação não apenas dos sistemas de poder, mas das condições de subjetividade que as tornam sustentáveis. A emancipação, portanto, não pode ser vista como um objetivo isolado, mas como um projeto coletivo e contínuo que exige uma reconciliação das forças sociais e políticas em jogo.

Ao explorar a violência como uma ameaça constante à emancipação humana, demonstramos que as perspectivas de Adorno e Fanon, mediadas pela dialética das encruzilhadas, são instrumentos analíticos fundamentais para a compreensão desse fenômeno e suas implicações. Elas não só explicam as diversas facetas da violência, mas também iluminam o caminho para uma ação política mais profunda, consciente e comprometida com a transformação real e efetiva. A violência é uma força persistente, que se apresenta de formas múltiplas e complexas, mas sua superação não deve ser simplificada em uma única resposta, seja de ruptura ou de conformidade. A verdadeira transformação social passa pela integração dessas duas dimensões em uma estratégia política que reconheça suas interações, contradições e potenciais de mudança.

A dialética das encruzilhadas, ao articular esses diferentes aspectos, apresenta-se, assim, não como um fim, mas como um ponto de partida para a reflexão crítica sobre como as dinâmicas de opressão podem ser desafiadas e transformadas. Em um cenário contemporâneo marcado pela intensificação das desigualdades, violência e autoritarismo, a necessidade de uma ação política que seja ao mesmo tempo crítica e criativa, que dialogue com a história e busque soluções inovadoras, nunca foi tão urgente. O desafio é grande, mas a "dialética das encruzilhadas" oferece um horizonte de possibilidades, de formas de enfrentamento da violência que, longe de serem definitivas ou simplistas, são desafios contínuos e coletivos que demandam nossa ação constante.

A pesquisa, portanto, não apenas contribui para o campo teórico, mas também sugere implicações práticas para aqueles que buscam, de fato, uma transformação profunda das estruturas de poder e da subjetividade humana, oferecendo uma nova forma de pensar as práticas de resistência e de emancipação. Neste ponto, ao ampliarmos o olhar para a educação, é necessário destacar seu papel fundamental no processo de transformação da violência. A educação, enquanto prática formadora da subjetividade e das consciências individuais e coletivas tem uma capacidade

única de intervir nas dinâmicas de conformidade e ruptura que moldam a sociedade. É por meio da educação que as subjetividades dominadas pela violência podem ser ressignificadas, que os indivíduos podem adquirir ferramentas para compreender as relações de poder que os oprimem e, mais importante, para agir na construção de um novo futuro social.

A proposta de educação aqui considerada não se limita à transmissão de conteúdos e saberes, mas se configura como uma prática de formação cultural que visa desconstruir as bases da violência. Esse movimento de desconstrução é uma forma de resistência que se constrói, sobretudo, no campo simbólico, em que a educação se apresenta como espaço de questionamento e transformação das representações culturais dominantes. Nesse sentido, a educação se torna uma força crítica capaz de desestabilizar os modelos de conformidade e, ao mesmo tempo, criar novos horizontes para a liberdade e emancipação. A transformação que buscamos não pode ser reduzida à mera imposição de um novo conjunto de normas ou à formação de indivíduos que se conformem com um novo status quo. A verdadeira transformação educacional deve ser capaz de questionar as próprias premissas da ordem social estabelecida.

A partir da dialética das encruzilhadas, é possível perceber que a educação pode ser um espaço estratégico para a promoção de uma ruptura com as formas de violência, mas também um campo que requer uma reflexão constante sobre os limites e as possibilidades dessa intervenção. Como enfatizado por Adorno, a educação deve ser um espaço de resistência à conformidade autoritária, uma prática que instiga os sujeitos a questionarem as estruturas sociais e culturais que naturalizam a violência. Em paralelo, como evidenciado por Fanon, a educação deve oferecer, também, uma práxis que permita aos oprimidos reconhecerem a violência como uma força desestabilizadora capaz de romper com as estruturas que os mantêm subjugados, sem, no entanto, reproduzir uma nova forma de dominação.

A formação cultural, nesse cenário, se configura como o elo que liga a educação crítica ao processo de emancipação. Através dela, é possível criar espaços de reflexão sobre as manifestações culturais da violência, desde as formas de racismo, sexismo e classismo que perpassam a vida cotidiana até as estruturas de poder que alimentam essas desigualdades. Em vez de tratar a cultura como um reflexo passivo da sociedade, devemos compreendê-la como uma arena de disputa, onde o conhecimento e as práticas culturais são constantemente questionados e transformados. O campo educacional, portanto, deve ser um espaço de construção de uma cultura de resistência à violência, que não só desafie as narrativas dominantes, mas também ofereça novas formas de pensar e viver a coletividade.

Ao trazer a educação para o cerne do processo de transformação das dinâmicas de violência, é possível perceber que a formação cultural se torna uma ferramenta fundamental para a emancipação humana. A partir de um diálogo crítico e dinâmico entre as perspectivas de Adorno e Fanon, a educação não se limita a ser um agente passivo, mas assume um papel ativo e criativo na construção de novos imaginários sociais. A dialética das encruzilhadas, portanto, não só ilumina as tensões entre a conformidade e a ruptura, mas também abre possibilidades para repensarmos a educação como um campo de luta e transformação cultural, capaz de operar nas interseções dessas forças e gerar novas formas de subjetividade, ação política e, por fim, liberdade.

Em um momento histórico marcado por intensos desafios sociais e políticos, a educação se apresenta como uma das principais formas de resistência à violência. Sua capacidade de formar, de questionar e de transformar a cultura dominante é o que pode permitir a construção de um futuro onde a violência não seja mais a base das relações sociais, mas sim a liberdade e a dignidade humana. A dialética das encruzilhadas, ao permitir a articulação entre as forças de conformidade e de ruptura, oferece a possibilidade de uma educação que, ao invés de reforçar as estruturas de opressão, se torne um espaço de contestação e transformação radical. Neste sentido, a educação não é apenas um direito, mas uma prática de resistência e de criação de uma nova ordem social.

Não esgotamos as possibilidades de análise sobre a violência na filosofia de Adorno e Fanon. A abordagem aqui empreendida se concentrou no conformismo e na ruptura como formas de manifestação da violência, mas há outras dimensões que permanecem abertas à investigação. A leitura das obras desses autores permite explorar concepções mais amplas, como a violência social, psíquica e subjetiva. Adorno, em sua crítica à indústria cultural e ao autoritarismo, aponta para formas de violência simbólica que atuam de maneira difusa, conformando subjetividades. Fanon, por sua vez, ao discutir os efeitos coloniais, não se limita à violência física, mas adentra os impactos psicológicos e existenciais do colonialismo sobre os sujeitos racializados.

Outras perspectivas teóricas também poderiam enriquecer essa discussão. Michel Foucault, por exemplo, ao analisar o poder e suas microfísicas, desloca a violência do campo explícito da repressão para os dispositivos que moldam os corpos e as condutas. A biopolítica, a governamentalidade e a disciplina podem dialogar com a proposta da dialética das encruzilhadas, ampliando o escopo da análise sobre como a violência se manifesta e se reproduz. Além disso, há questões não abordadas que poderiam aprofundar o debate: de que maneira as concepções adorniana e fanoniana de violência se relacionam com categorias contemporâneas de necropolítica? Como pensar a violência na era digital, em que a manipulação da informação e a vigilância

tecnológica recriam formas de dominação? E ainda, quais seriam as implicações de uma pedagogia que não se orientasse pela busca de respostas, mas pela experiência do próprio conflito e da dúvida? Essas e outras questões permanecem em aberto, compondo o campo de possibilidades para futuras investigações.

Diante do percurso trilhado, não há síntese conciliatória. A dialética das encruzilhadas não oferece respostas definitivas, tampouco aponta um caminho único. Ela se constitui na tensão, no confronto entre perspectivas que se cruzam sem se anularem. Se a educação emancipadora pode transformar o status quo, como explicar que os algozes de Auschwitz eram, em grande parte, indivíduos altamente escolarizados, familiarizados com a alta cultura? Como conciliar a defesa da razão crítica com o fato de que a mesma racionalidade foi instrumentalizada para justificar atrocidades?

Por outro lado, se a violência aparece como resposta à opressão, como em Fanon, até que ponto ela não reproduz o ciclo de barbárie que se deseja romper? Em que medida a ruptura se diferencia da destruição? E o que significa, afinal, romper sem, de algum modo, reafirmar a lógica do que se pretende superar? A encruzilhada nos impede de escolher entre um caminho e outro. Ela nos força a perceber que as tensões não se resolvem, mas se movem. Assim, se a educação não é a resposta última, isso significa que não há respostas últimas? Ou que talvez seja preciso reformular a própria pergunta? O pensamento crítico, afinal, não se encerra na certeza, mas na inquietação que segue se desdobrando.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **A Indústria Cultural**: o esclarecimento como mistificação das massas. São Paulo: Paz e Terra, 1944.
- ADORNO, Theodor W. **Mínima Moral**. – Lisboa: Edições 70, 1951.
- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. Tradução e apresentação Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Tradução de Sérgio Bath. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos de Jorge M. B. de Almeida. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. – 4ª ed. Revista – São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- ADORNO, Theodor W *et al.* **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2016.
- BHATI, Karni Pal. Review of *The Cambridge Introduction to Edward Said*. **College Literature**, vol. 39, n. 4, p. 139-142, 2012. Disponível em: [doi:10.1353/lit.2012.0046](https://doi.org/10.1353/lit.2012.0046). Acesso em 05 jun. 2023.
- BIDDIS, Michael Denis. **The age of the masses: Ideas and society in Europe since 1870**. New York: Harper & Row, 1977.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). **Atlas da violência 2023**. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. 2. ed. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2020.
- COSTA, Alan Victor Pimenta de Almeida Pales; *et al.* Entre subjetividades e culturas: uma nova linha de pesquisa para a educação. **Revista Eletrônica de Educação**, v.11, n.2, p. 429-438, jun./ago., 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/198271992334>. Acesso em 06 jun. 2023.
- EMICIDA. **AmarElo**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/5cUY5chmS86cdonhoFdn8h>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Marília Garcia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GALINDO, Julyana Sueme Winkler Oshiro. **Expressões de violências na escola, tensões sociais e “raciais”**: minha presença o incomoda? Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Faculdade de Educação - FAED - Programa de Pós-graduação em Educação - *Campus* Campo Grande, 2024.

GILROY, Paul. **The Black Atlantic: modernity and double consciousness**. Cambridge: Harvard University Press, 2021.

HAYNES, Jonathan. *Nationalism and Cultural Practice in the Postcolonial World*, by Neil Lazarus. **Research in African Literatures**, vol. 32, n. 3, p. 242-243, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUES, Isabel Castro. **A descolonização da história**: Portugal, a África e a desconstrução de mitos historiográficos. Lisboa: Caleidoscópio, 2020.

HOCHSCHILD, Adam. **King Leopold's Ghost: a story of greed, terror, and heroism in Colonial Africa**. Boston: Houghton Mifflin, 1999.

MAITO, Deíse Camargo; PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; VIEIRA, Elisabeth Menoli. Violência interpessoal no ambiente acadêmico: percepções de uma comunidade universitária. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, p. e220105, 2022.

MATOS, Patrícia Ferraz de. “Raça”, miscigenação e preconceito: desafios actuais perante a evolução do pensamento social (e racial e nacional) brasileiro. **Portuguese Studies Review**, v. 26, n. 1, p. 273-298, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/36340>. Acesso em: 26 jun. 2024.

MATOS, Patrícia Ferraz de. **As cores do império**: representações raciais no Império Colonial Português. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

MATOS, Patrícia Ferreira de, MWEWA, Christian Muleka. “O racismo importa: contributos dos campos da educação, da formação e das ciências sociais”. **Poiésis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, 16 (29): 1-13. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/55078?mode=full>. Acesso em 14 nov. 2024.

MATOS, Patrícia Ferreira de, GIESBRECHT, Daniel Florence. (Eds.) (2023). Dossiê temático: Como estudar a intolerância? Contributos da Antropologia e da História (Contexto Português e Brasileiro). **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, 63, pp. 153-316. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/61530>. Acesso em 03 jul. 2024.

MWEWA, Christian Muleka; MATOS, Patrícia Ferraz de. Formação para uma personalidade antirracista: Porque o racismo não nasce com a criança. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. esp.2, p. 1150–1168, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16987>. Acesso em: 16 mai. 2024.

PINHEIRO, Everton Vasconcelos. **Denúncia e resgate em Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança, de Vera Duarte**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, 2019. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7106>. Acesso em: 08 jun. 2023.

RANDO, Juliana Silva. Formação da personalidade racista no contexto formativo: um estudo de caso a partir do campo de estágio. Dissertação – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação *Campus* de Três Lagoas/MS, 2021.

RODRIGUES, Thiago Martins. **Falha a fala, fala a forma: dicção negro-periférica em Cidade de Deus**, de Paulo Lins. Trabalho de Conclusão de Graduação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Instituto de Letras, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/239123>. Acesso em 07 jun. 2023.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANFORD, Nevitt; et. al. A medida das tendências ideológicas. In: ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SILVA, Allysson Lemos Gama da. **Para Além do Estado Nação? Disputas políticas sobre a ideia de plurinacionalidade na Bolívia**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Rural do Rio de Janeiro, PPGCS, 2016. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/6093>. Acesso em 09 jun. 2023.

SOKOLSKY-TIFFT, S. **The Problem of Guilt: Heidegger, Merleau-Ponty, Fanon, and Glissant**. 2021. (Apollo - University of Cambridge Repository). Disponível em: <https://www.repository.cam.ac.uk/handle/1810/316763>. Acesso em 30 mai. 2023.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**; tradução Luciane de Oliveira Rocha. – 2 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

WALL, Cheryl A. *Borders, Boundaries, and Frames: Cultural Studies and Cultural Criticism*. **African American Review**, vol. 31, n. 3, p. 509-511, 1997.

WELCOME, H. Alexander. "Our Bodies for Ourselves: Lithe Phenomenal Bodies in the Stand-up of Jackie "Moms" Mabley." **Black Women, Gender & Families**, vol. 4 no. 1, 2010. Disponível em: [doi:10.1353/bwg.0.0019](https://doi.org/10.1353/bwg.0.0019). Acesso em 02 jun. 2023.

Apêndices

Apêndice A – Revisão de Literatura

A revisão consistiu em definir a seguinte questão: o que existe na literatura acadêmica, no campo da educação, que estabelece um diálogo entre Theodor W. Adorno e Frantz Fanon? O objetivo desta revisão foi identificar, selecionar e analisar estudos que façam essa aproximação. Para buscar e selecionar dissertações e teses, utilizamos o repositório Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr), e para artigos científicos, o metabuscador Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). A seleção das obras seguiu os critérios descritos abaixo:

- I. As *strings* de busca foram criadas com asteriscos para permitir o truncamento dos descritores, possibilitando a busca por palavras no plural e similares.
 - a) "Theodor* Adorno and Frantz Fanon".
- II. Foi adotada a "Regra da exaustividade" (Bardin, 2016), na qual o período de busca não foi delimitado previamente, considerando todas as produções relevantes encontradas nos resultados.
- III. As buscas foram realizadas entre 11/11/2022 e 11/06/2023.
- IV. Critérios de inclusão para análise:
 - a) Estudos que estejam disponíveis na íntegra para leitura;
 - b) Estudos que mencionem Theodor W. Adorno e Frantz Fanon como referencial teórico;
- V. Critérios de análise:
 - a) Estudos que estabeleçam aproximações e/ou diálogos entre Frantz Fanon e Theodor W. Adorno;
- VI. Critérios de exclusão:
 - a) Estudos com apropriações incidentais dos autores, caracterizada por referências rápidas que aparecem nas referências bibliográficas, mas não são mencionados no corpo do texto, ou quando os autores são citados apenas de passagem, junto com outros autores.
 - b) Estudos com apropriações conceituais tópicas, quando são utilizados conceitos dos autores, com maior ou menor intensidade, para reforçar argumentos ou resultados obtidos e desenvolvidos em um quadro terminológico que não necessariamente é dos autores.

- VII. Critério de seleção: serão selecionados apenas os estudos que atendam aos critérios de análise.

As buscas realizadas utilizando a *string* "Theodor* Adorno and Frantz Fanon" no metabuscador da CAPES e no repositório Oasisbr revelaram um total de 10 itens, sendo 1 dissertação, 3 artigos (sendo um duplicado) e 3 resenhas encontrados na CAPES, além de 1 Trabalho de Conclusão de Curso e 2 dissertações disponíveis no repositório Oasisbr. Diante à escassez de resultados que estabelecessem um diálogo entre Theodor W. Adorno e Frantz Fanon, apresentaremos cada um dos nove produtos encontrados, indicando quais deles se aproximam da discussão proposta e selecionando aqueles que podem se tornar pares de discussão:

- I. [CAPES] [Dissertação] "***The Problem of Guilt: Heidegger, Merleau-Ponty, Fanon, and Glissant***" de Samuel Sokolsky-Tifft da *University of Cambridge*, publicada em 2021, foca na história intelectual de uma vertente particular da escrita política e filosófica europeia-martiniquense sobre a culpa entre 1927 e 2007. Embora apareça nos resultados de busca, a obra não foi analisada, pois não menciona Theodor W. Adorno como referencial teórico, que é o critério de inclusão b).
- II. [CAPES] [Artigo] "***Our Bodies for Ourselves: Lithe Phenomenal Bodies in the Stand-up of Jackie 'Moms' Mabley***" de Hider Alexander Welcome, publicado pela *University of Illinois Press* em 2010, apareceu duplicado nas buscas. A autora examina como Jackie Mabley, a primeira grande comedianta de *stand-up* negra dos Estados Unidos, emancipa os corpos negros das restrições da opressão racial por meio do poder de seu discurso cômico. É anunciado um diálogo entre Max Horkheimer, Theodor Adorno, Simone de Beauvoir e Frantz Fanon. O estudo não foi selecionado, pois se enquadra no critério de exclusão b), utilizando apenas alguns conceitos dos autores para reforçar argumentos desenvolvidos.
- III. [CAPES] [Artigo] "**Entre subjetividades e culturas: uma nova linha de pesquisa para a educação**", é uma produção coletiva, publicada na Revista Eletrônica de Educação em 2017

e assinada por dez pesquisadores⁸ do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, membros da linha “Educação, Cultura e Subjetividade”, que pretende instaurar uma transdiscursividade, abrindo espaço para possibilidades infinitas de surgimento de novos discursos. Theodor W. Adorno e Frantz Fanon fazem parte da proposta interdisciplinar do grupo. Apesar de ser um artigo voltado para apresentar as reflexões de seus professores e professoras sobre o processo de constituição da linha de pesquisa, é uma abordagem que se aproxima muito da proposta que temos.

- IV. [CAPES] [Resenha] “***The Cambridge Introduction to Edward Said***” de Karni Pal Bhati, publicada em 2012 pela *West Chester University*, analisa a obra escrita por Connor McCarthy em 2010 sobre a trajetória do crítico Edward Said e o campo da teoria pós-colonial. O produto não foi selecionado, pois se enquadra no critério de exclusão a), é um estudo com apropriações incidentais dos autores, caracterizada por referências rápidas quando os autores são citados apenas de passagem, juntamente com outros autores. A única menção de Adorno e Fanon são como teóricos de vertente marxista que influenciaram o trabalho de Said.
- V. [CAPES] [Resenha] “***Borders, Boundaries, and Frames: Cultural Studies and Cultural Criticism***” assinada por Cheryl A. Wall foi publicada pela *African American Review* em 1997. Em seu resumo é anunciado que é traçada a genealogia dos estudos culturais juntamente com a genealogia dos estudos afro-americanos. Adorno e Fanon estão entre os estudiosos críticos que ganharam destaque no último século. No entanto, a resenha completa não está disponível para leitura, e esse é nosso critério de inclusão a). Portanto, não foi selecionada para análise.
- VI. [CAPES] [Resenha] “***Nationalism and Cultural Practice in the Postcolonial World, by Neil Lazarus***” de Jonathan Haynes foi publicada em 2001 pela *Research in African Literatures*. O livro resenhado é composto de dois capítulos principais, sendo que o segundo, intitulado, “*Disavowing Decolonization: Nationalism, Intellectuals, and the*

⁸ Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa, Ana Cristina Juvenal da Cruz, Anete Abramowicz, Antônio Álvaro Soares Zuin, Flávio Caetano da Silva, Luiz Roberto Gomes, Maria Cecília Luiz, Nilson Fernandes Dinis, Sandra Aparecida Riscal e Tatiane Consentino Rodrigues.

Question of Representation in Postcolonial Theory", aborda o legado de Frantz Fanon e a controvérsia em torno de sua interpretação. O autor critica a apropriação pós-estruturalista de Fanon por Homi Bhabha e o argumento de Christopher Miller de que a fala de Fanon é etnocêntrica. Embora pareça ser uma leitura interessante sobre Fanon, a obra não atende ao critério de inclusão a), pois não está disponível na íntegra, portanto, não foi selecionada para análise.

- VII. [Oasisbr] [Dissertação] **“Denúncia e resgate em Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança, de Vera Duarte”** de Everton Vasconcelos Pinheiro, da Faculdade de Letras da UFAM, defendida em 2019. O autor analisa o livro da poetisa cabo-verdiana Vera Duarte em sua totalidade, porém utiliza de aportes teóricos específicos em cada um dos três capítulos que compõem a obra. Adorno faz parte das análises do capítulo dois, junto a outros teóricos voltados à causa social e à literatura engajada. Fanon está listado como referencial teórico do capítulo três, junto a outros autores da teoria pós-colonial. O estudo não foi selecionado, pois não atende a nenhum dos critérios de análise definidos.
- VIII. [Oasisbr] [Dissertação] **“Para Além do Estado-Nação? Disputas políticas sobre a ideia de plurinacionalidade na Bolívia”** de Allysson Lemos Gama da Silva, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFRRJ foi defendida em 2016 e busca refletir sobre a articulação teórica entre classe e nação, visando contribuir desta maneira ao tradicional debate sobre nação e nacionalismo. O estudo não foi selecionado, pois não atende ao critério de análise. Apesar de Fanon ser amplamente citado e sua teoria ser subsídio de análise, Adorno aparece citado uma única vez.
- IX. [Oasisbr] [TCC] **“Falha a fala, fala a forma: dicção negro-periférica em Cidade de Deus, de Paulo Lins”** de Thiago Martins Rodrigues do Instituto de Letras da UFRGS, defendido em 2020. O trabalho tem como objetivo promover uma análise racializada do romance Cidade de Deus, de Paulo Lins, a fim de destacar os momentos em que se apresenta uma “dicção negro-periférica”, identificada como uma voz de denúncia do processo social autoritário e racista que se desenrola ao longo da segunda metade do século XX na periferia do Rio de Janeiro. Fanon e Adorno estão entre os autores citados nos aportes teóricos, entretanto, não há um diálogo ou aproximação entre eles. O estudo não foi selecionado, pois se enquadra no critério exclusão b),

Adorno é utilizado como subsídio apenas para o exame da forma, em um diálogo direto com Lukács, enquanto Fanon subsidia a questão da racialização, sem aproximações e/ou diálogos. Um dado curioso, que não está na lista de critérios de análise, mas nos chamou atenção é que uma parte considerável das citações é de interlocutores de Adorno e Fanon, não das obras dos autores em si, mesmo que traduzidas.

A análise dos resultados revela que dos nove itens encontrados nas buscas nos repositórios Oasisbr e CAPES apenas um estudo foi selecionado para análise, enquanto os demais não atenderam aos critérios estabelecidos. A dissertação que aborda a escrita política e filosófica europeia-martiniquense sobre a culpa não menciona Adorno como referencial teórico, o que levou à exclusão desse estudo. Da mesma forma, um artigo que discute a emancipação dos corpos negros por meio do discurso cômico de uma comediante, embora mencione Adorno e Fanon, os utiliza como parte de um diálogo mais amplo com outros teóricos, não estabelecendo um diálogo direto entre eles.

Além disso, duas resenhas não estavam disponíveis para leitura completa, impossibilitando sua análise. Uma dissertação que analisa um romance com aportes teóricos de Adorno e Fanon não estabelece um diálogo entre os dois autores, e outra dissertação que reflete sobre a articulação teórica entre classe e nação menciona Fanon, mas apresenta apenas uma citação incidental de Adorno. Esses estudos não atendem aos critérios de análise definidos.

Os resultados apontam que os estudos encontrados abrangem um período que vai desde 1997 até 2021, evidenciando a presença contínua das obras de Adorno e Fanon na literatura acadêmica ao longo das últimas décadas. As áreas de estudo que estão utilizando esses trabalhos incluem educação, estudos culturais, estudos afro-americanos, teoria pós-colonial, literatura, crítica cultural e filosofia.

As buscas revelaram a presença de instituições e pesquisadores de diferentes regiões e países, como Brasil, Reino Unido e Estados Unidos da América. Entre as instituições estão a *University of Cambridge*, *University of Illinois*, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), além da *West Chester University*, entre outras. É importante destacar que muitos dos estudos encontrados fazem referência à Adorno e Fanon, mas nem sempre estabelecem um diálogo direto ou uma aproximação entre eles. Em alguns casos, eles são utilizados como referências teóricas individuais para análises específicas dentro de um contexto mais amplo.

Essa análise dos resultados evidencia as limitações e a escassez de estudos que estabelecem um diálogo explícito entre Adorno e Fanon na literatura acadêmica e no campo da educação. No entanto, os estudos encontrados demonstram a contínua relevância desses dois autores em diversas áreas de pesquisa. É importante ressaltar que essa análise se baseia nos dados apresentados e pode não abranger todos os aspectos e nuances dos estudos encontrados. Ao explorar as conexões entre as ideias de Adorno e Fanon, é possível enriquecer o debate acadêmico e promover uma compreensão mais abrangente e crítica dos problemas sociais e culturais enfrentados atualmente.

Apêndice B – Trajetória biográfica dos autores

“Só saberemos a verdadeira história da caça o dia em que o leão contar a sua versão”.

(Provérbio africano)

Partimos do pressuposto de que nenhum indivíduo é um ser puramente subjetivo, uma vez que ele é moldado pela sociedade da qual faz parte. Assim, ele incorpora em si características e pensamentos do contexto social que o originou, ao mesmo tempo em que possui um momento subjetivo, que o leva a buscar a compreensão do possível do real.

Nosso objetivo neste apêndice é explorar elementos cruciais que contextualizem as trajetórias de Adorno e Fanon à luz das violências do nazismo e da colonização, destacando especialmente a relevância de seus escritos na construção do pensamento crítico e para a compreensão da violência, institucional e interpessoal.

A análise de suas obras se torna fundamental não apenas para compreender suas vidas e influências, mas também para entender como suas ideias moldaram e continuam a moldar a sociedade contemporânea. Ao examinar o impacto de Adorno e Fanon no campo educacional, buscamos elucidar como suas teorias oferecem insights valiosos para lidar com questões relacionadas à violência, justiça social e equidade na educação.

A história intelectual do século XX foi marcada por inúmeras violências que desafiaram pensadores e teóricos a fugir das convenções e expandir os horizontes do conhecimento humano sobre violência pelo viés daquele que as pratica e daqueles que as sofrem. Dentre esses nomes proeminentes, destacam-se Theodor W. Adorno e Frantz Fanon, cujas trajetórias biográficas e obras deixaram um legado duradouro nas áreas da filosofia, sociologia, psicologia social, psiquiatria e política. A pergunta fundamental que norteia este capítulo é: como a trajetória biográfica de Adorno e Fanon, influenciada pelas violências do nazismo e da colonização, contribui para uma compreensão mais ampla de suas obras e sua relevância para o campo da educação?

A escolha desses dois pensadores se justifica pela estreita conexão entre suas vidas e obras com as temáticas da violência, bem como pela escassez de seus escritos no campo educacional. Adorno, um filósofo e sociólogo alemão, testemunhou em primeira mão as atrocidades do nazismo e dedicou grande parte de seu trabalho à reflexão sobre as implicações sociais e culturais desses eventos traumáticos. Por outro lado, Fanon, um psiquiatra e pensador anticolonial, explorou de forma profunda as experiências da violência colonial e da opressão racial, oferecendo uma

perspectiva única para o estudo das dinâmicas sociais. Ao incorporar suas teorias no contexto educacional, especialmente devido à profundidade de suas análises sobre violência e suas implicações sociais e políticas, buscamos promover um debate enriquecedor e ampliar o impacto dos autores nessa área.

Ao escolher Adorno e Fanon como nossos focos de análise, nosso objetivo vai além de simplesmente examinar suas contribuições individuais para o pensamento social. Pretendemos também destacar como suas vidas e ideias foram profundamente influenciadas e moldadas por esses contextos de violência. Nossa análise visa fornecer uma visão mais abrangente das complexidades das questões sociais e políticas do século XX, por meio das perspectivas de dois pensadores que responderam de maneira única e profunda às violências do nazismo e da colonização.

Theodor W. Adorno: vida e obras à luz das violências do nazismo

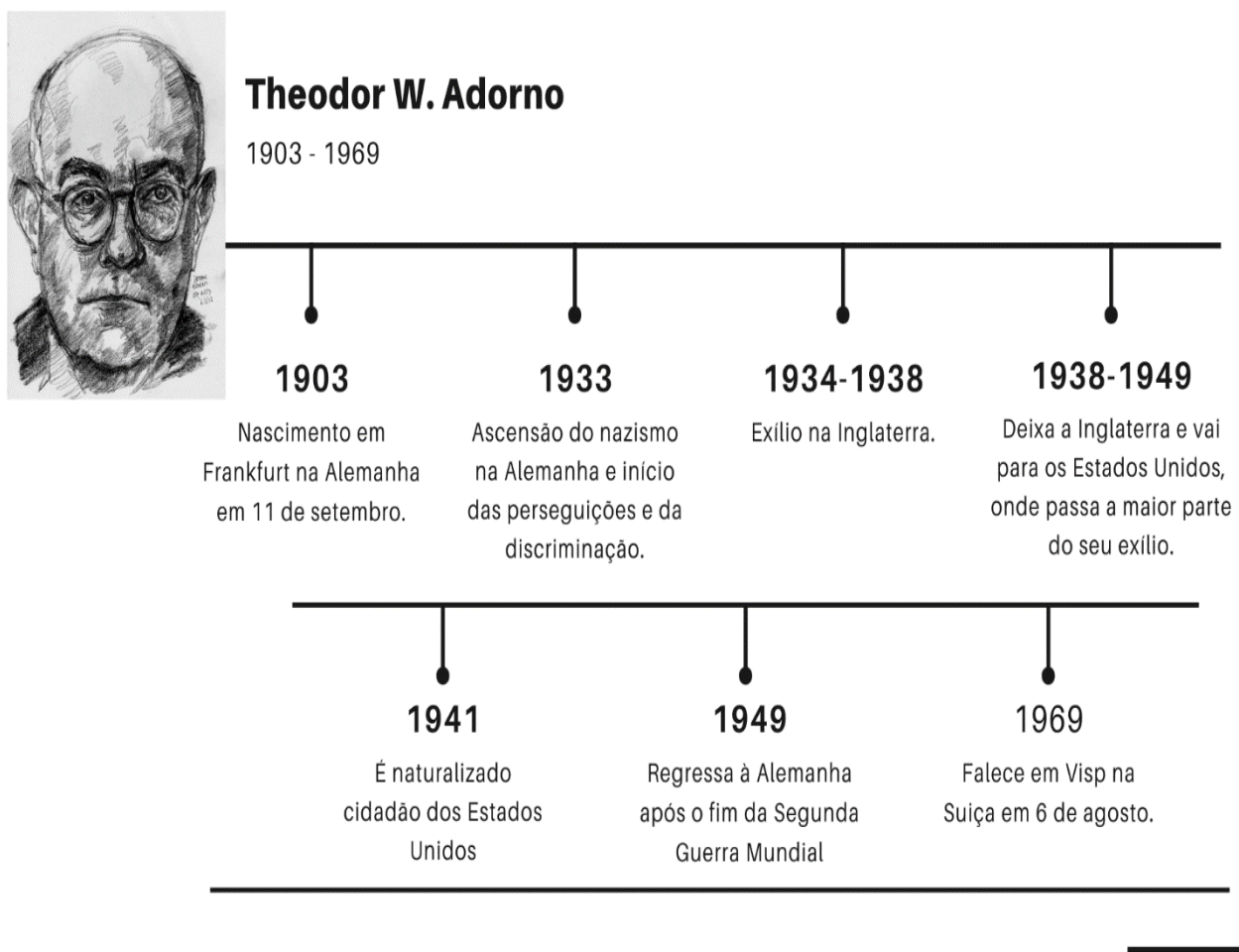


Figura 1 - Linha do tempo da trajetória de vida de Theodor W. Adorno
Foto: reprodução do Google (licença *creative commons*)
Fonte: elaborado pela autora, 2023.

A vida e as obras de Theodor Wiesengrund Adorno, o renomado filósofo, sociólogo e musicólogo alemão, são intrinsecamente ligadas às profundas violências e transformações do século XX, em especial ao contexto do nazismo. A história de Adorno, nascido em Frankfurt, Alemanha, em 1903, é um testemunho do impacto avassalador que a ascensão do nazismo teve sobre a sociedade alemã e, conseqüentemente, sobre o seu pensamento e produção intelectual.

Adorno cresceu em uma família judaica e, desde jovem, demonstrou um talento excepcional tanto na música quanto na filosofia. Sua educação e formação acadêmica ocorreram na Universidade de Frankfurt, onde ele estudou filosofia, sociologia, psicologia e música. Foi lá que ele conheceu Max Horkheimer, seu mentor e colaborador de longa data, com quem fundou o Instituto de Pesquisa Social, também conhecido como Escola de Frankfurt.

Contudo, o contexto em que Adorno viveu e desenvolveu sua carreira acadêmica não pode ser subestimado. O surgimento do nazismo na Alemanha durante sua juventude e sua ascensão ao poder tiveram um impacto profundo em sua vida e perspectiva. Testemunhando em primeira mão o avanço do totalitarismo nazista, Adorno, como muitos outros intelectuais e judeus, se viu forçado a exilar-se nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial.

Esse exílio involuntário desempenhou um papel central na formação de suas ideias e teorias. A violência do nazismo, a perseguição dos judeus e a destruição cultural que ocorreu na Alemanha deixaram cicatrizes profundas em Adorno. Essas experiências moldaram suas reflexões sobre a cultura, a política e a sociedade. Ele viu em primeira mão como a racionalidade instrumental, quando transformada em uma ferramenta de dominação, podia levar a atrocidades indescritíveis.

Uma das obras mais significativas de Adorno, escrita em colaboração com Horkheimer, "Dialética do Esclarecimento," abordou justamente essa questão. A obra analisou a razão instrumental e seu impacto na sociedade moderna, destacando como a racionalidade pode ser pervertida em um instrumento de opressão. Adorno argumentou que a razão, quando reduzida a um mero meio de controle, aliena os indivíduos e perpetua estruturas de violência e dominação.

Além disso, Adorno examinou de perto a indústria cultural e sua influência na conformidade social. Ele questionou como a cultura de massa poderia ser usada para consolidar poder e manter as massas alheias aos horrores que estavam ocorrendo em nome do nazismo. Sua crítica à cultura de massa e à alienação cultural continua a ser uma parte fundamental de sua herança intelectual.

Theodor W. Adorno, sem dúvida, se destaca como um autor prolífico, cuja vasta produção abrange uma ampla gama de temas. O mero fato de encontrarmos 43 obras assinadas por ele no metabuscador do Google é um testemunho da profundidade de seu pensamento e da sua influência

duradoura. Entre essas obras, selecionamos aquelas que mais se aproximam da violência como tema central como destaque, encontramos títulos notáveis como:

- "Dialética do Esclarecimento" uma análise penetrante da razão instrumental e de como essa racionalidade pode ser pervertida para fins de dominação e opressão. Esta obra lançou luz sobre a complexa relação entre violência e modernidade.
- "Estudos sobre a Personalidade Autoritária" na qual Adorno contribuiu com capítulos que exploram aspectos do antissemitismo e da propaganda, investigando os elementos psicológicos que sustentam a violência autoritária.
- "Educação Após Auschwitz" que reflete sobre o Holocausto e a necessidade premente de uma educação crítica que possa prevenir futuras violências. Adorno nos lembra do papel fundamental da educação na prevenção de atrocidades semelhantes.
- "Mínima Moralia: reflexões a partir da vida danificada" na qual ele aborda a alienação e a violência na vida cotidiana, proporcionando uma análise afiada das tensões e contradições de uma sociedade danificada.

Essas obras de Adorno são reflexos de seu compromisso incansável com a crítica social e com a análise profunda das várias manifestações da violência na sociedade moderna. O legado de Adorno é um testemunho do poder do pensamento crítico na busca por compreender e enfrentar as complexas questões sociais e culturais que moldam nosso mundo. Por meio de sua extensa produção, ele deixou uma marca indelével na história do pensamento crítico do século XX e continua a inspirar gerações de acadêmicos e pensadores a explorar as intrincadas relações entre cultura, sociedade, violência e razão instrumental.

Portanto, ao focar nas influências e experiências de Theodor W. Adorno relacionado ao nazismo é possível compreender mais profundamente como a violência do regime nazista impactou suas ideias, moldou seu pensamento crítico e o levou a desenvolver teorias que desafiam as convenções estabelecidas. Adorno é um exemplo notável de como os intelectuais enfrentaram e responderam às violências e traumas de sua época, utilizando a filosofia e a sociologia como ferramentas para a compreensão e a crítica. Suas contribuições continuam a iluminar o caminho para a reflexão sobre as complexidades da sociedade, da cultura e da política em face da violência e da opressão.

Frantz Fanon: uma vida e obras em meio às violências do colonialismo

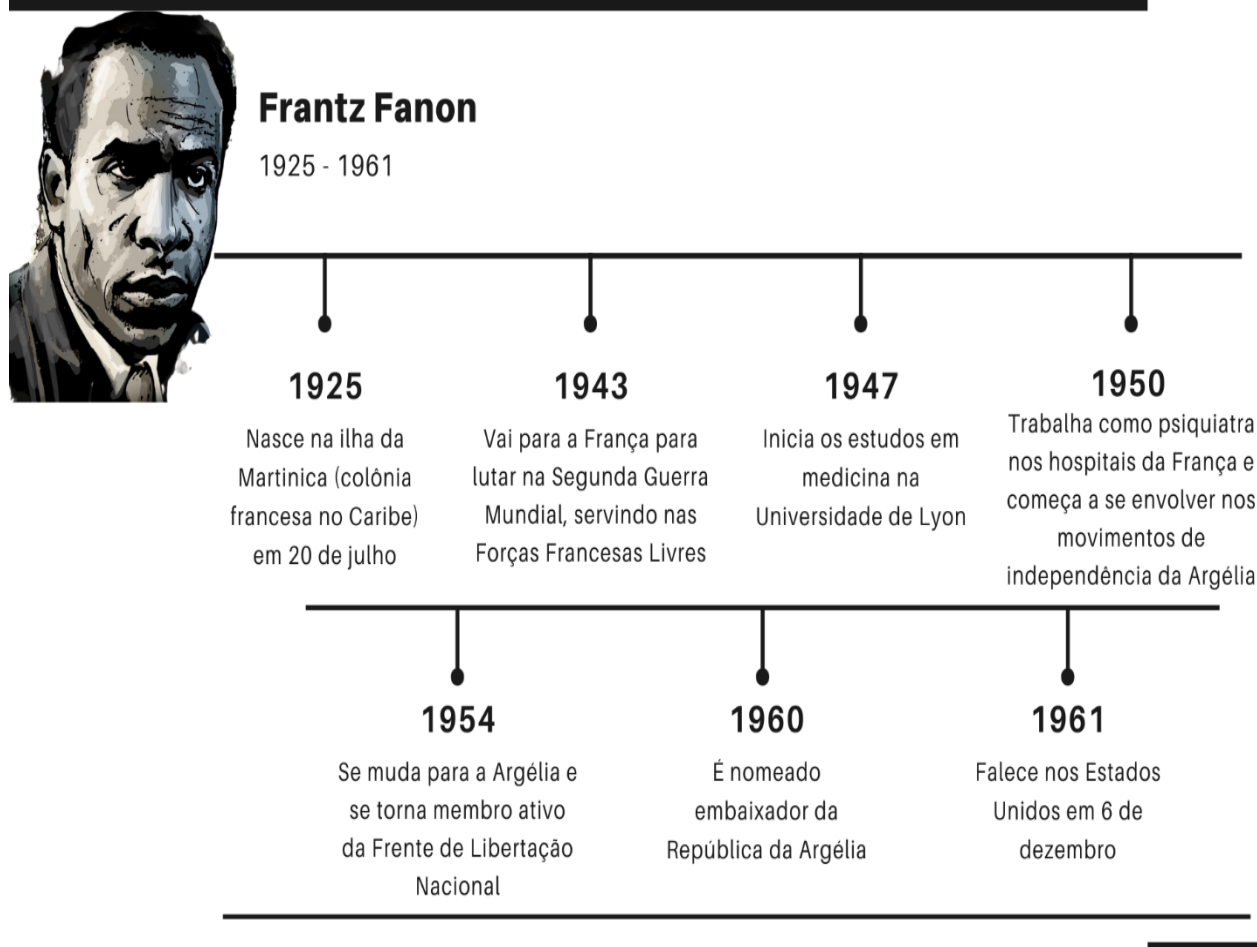


Figura 2 - Linha do tempo da trajetória de vida de Frantz Fanon

Foto: reprodução do status de Hanna Ali no *Twitter*

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Frantz Fanon, nascido na ilha da Martinica em 1925, emergiu como um dos pensadores mais influentes do século XX, cuja vida e obras foram profundamente moldadas pelas experiências e violências do colonialismo. Sua jornada pessoal e acadêmica o levou a abraçar a causa da descolonização e a analisar de maneira incisiva as complexas dinâmicas do poder, opressão e resistência que caracterizam os contextos coloniais.

Fanon cresceu em um ambiente colonial na Martinica, uma colônia francesa no Caribe. Essa experiência de crescer sob a hegemonia colonial francesa o expôs desde cedo às disparidades raciais e às dinâmicas de poder. Sua educação na França, onde estudou medicina, lhe proporcionou uma compreensão mais profunda das teorias raciais predominantes na Europa da época, bem como das

injustiças sistêmicas que os povos colonizados enfrentavam. Essas experiências moldaram sua visão crítica do colonialismo.

Em meados da década de 1950, Fanon se mudou para a Argélia, onde trabalhou como psiquiatra em Blida. Sua experiência nesse contexto o colocou em contato direto com as atrocidades do colonialismo francês na Argélia. Ele testemunhou em primeira mão o impacto psicológico da guerra e da opressão sobre os argelinos, e isso o inspirou a se envolver ativamente na luta pela independência argelina como membro do Frente de Libertação Nacional – FLN.

Frantz Fanon é conhecido por suas obras escritas, que se tornaram textos fundamentais na teoria pós-colonial. Seu livro "Os Condenados da Terra" (*Les Damnés de la Terre*), publicado em 1961, é uma análise perspicaz das dinâmicas coloniais e da necessidade de ação revolucionária para se libertar delas. Nesta obra, Fanon argumenta que a violência é uma resposta legítima à violência colonial, contribuindo assim para o debate sobre a justificativa da resistência armada em contextos coloniais.

O autor fez também importantes contribuições para a compreensão da psicologia da colonização e do racismo. Seu livro "Pele Negra, Máscaras Brancas" (*Peau noire, masques blancs*) explora profundamente as complexidades da identidade negra em um contexto colonial, analisando como os indivíduos colonizados são afetados pela internalização dos estereótipos racistas e pela busca de uma identidade em uma sociedade dominada por brancos.

É notável que suas obras são uma reflexão de suas experiências pessoais e de sua dedicação à luta contra a opressão colonial, como podemos observar em:

- "*L'An V de la Révolution Algérienne*", que mergulha nas circunstâncias da Revolução Argelina, um evento marcante que o influenciou profundamente.
- "*Pour la révolution africaine*" ou "Pela Revolução Africana", no qual o autor elabora ensaios e discursos que abordam questões de independência africana e a luta contra o imperialismo, ampliando seu alcance para além da Argélia.
- Sua dedicação à causa da independência argelina também resultou em "*L'An V de la Révolution Algérienne, II*", uma continuação de seu primeiro livro sobre a Revolução Argelina, mostrando seu compromisso duradouro com a luta pela descolonização.

É importante reconhecer que a análise de Fanon sobre o colonialismo e a luta pela descolonização não se limitava apenas à Argélia ou à Martinica. Suas ideias tiveram um impacto global, inspirando movimentos de independência e luta por direitos civis em várias partes do

mundo, incluindo a África, as Américas e a Ásia. Apesar de sua morte prematura em 1961, Fanon deixou um legado intelectual duradouro. Suas análises das dinâmicas de poder e opressão no contexto colonial continuam a influenciar pensadores, ativistas e acadêmicos até hoje.

Seu trabalho serviu como catalisador para o movimento de descolonização em todo o mundo, e suas ideias sobre a negritude, identidade, psicologia e resistência tornaram-se fundamentais na teoria pós-colonial e nos estudos críticos. O legado de Frantz Fanon transcendeu seu tempo. Suas obras continuam a ser lidas e debatidas em todo o mundo e exercem uma influência significativa na teoria pós-colonial e na política contemporânea. Sua análise perspicaz das dinâmicas coloniais, a psicologia da colonização e a justificativa da resistência armada continuam a ser fontes de inspiração para aqueles que lutam por um mundo mais justo e igualitário.

Fanon é um símbolo de coragem intelectual e compromisso com a justiça, que deixou um legado profundo na luta contra as violências do colonialismo. Sua vida e suas obras são um testemunho da força do intelecto humano em face de adversidades significativas. Sua busca pela justiça, igualdade e liberdade em um mundo marcado pela violência colonial deixou um impacto profundo na luta por um mundo mais justo e equitativo.

Nossa intenção passa longe de escritos biográficos, mas sim abordar os contextos à luz do nosso objeto de estudo qual seja, as reflexões destes autores sobre as violências desde o ponto de vista subjetivo. Assim, tanto Th. Adorno quanto Fanon produziram suas obras em um momento de profundas transformações sociais, políticas e culturais. Suas teorias influenciaram diversos campos do conhecimento e continuam sendo objeto de estudo e debate até os dias de hoje.

As contribuições de Adorno para a teoria crítica e a crítica cultural foram fundamentais para a compreensão das dinâmicas da sociedade moderna e sua relação com a cultura de massa. Sua análise da indústria cultural e da razão instrumental ressoou em estudiosos e ativistas que buscavam compreender as formas contemporâneas de dominação e alienação.

Fanon, por sua vez, deixou um legado duradouro nos estudos pós-coloniais e na psicologia social. Sua análise das estruturas coloniais e sua defesa da descolonização como um processo psicossocial têm sido fundamentais para entender as dinâmicas do poder, a construção da identidade e a luta por liberdade em contextos pós-coloniais.

Theodor W. Adorno e Frantz Fanon foram figuras-chave na história intelectual do século XX. Suas trajetórias biográficas, marcadas por eventos históricos significativos, e suas obras influentes abriram caminho para novas formas de pensar e compreender a sociedade, a cultura e a política. Adorno trouxe à tona a crítica à razão instrumental e à indústria cultural, enquanto Fanon

explorou as complexidades da identidade e do colonialismo. Seus legados continuam a inspirar e provocar reflexões críticas em diversas áreas do conhecimento, deixando um impacto duradouro na teoria social e nos estudos culturais.

Ao explorar as trajetórias biográficas de Theodor W. Adorno e Frantz Fanon, influenciadas pelas violências do nazismo e da colonização, alcançamos o objetivo de compreender mais profundamente suas obras e sua relevância para o campo da educação. A análise dessas trajetórias revelou como as vivências pessoais desses pensadores imersas em contextos históricos de opressão e violência, moldaram suas teorias e visões de mundo, refletindo-se de maneira crucial em suas obras.

Ao examinar como Adorno e Fanon responderam a esses contextos de violência, conseguimos elucidar como suas teorias oferecem insights valiosos para lidar com questões cruciais relacionadas à violência, justiça social e equidade na educação. A escolha desses dois pensadores se justifica não apenas pela estreita conexão de suas vidas e obras com as temáticas da violência, mas também pela escassez de seus escritos no campo educacional.

Ao incorporar suas teorias no contexto educacional, buscamos promover um debate enriquecedor e ampliar o impacto dos autores nessa área. A análise detalhada das trajetórias biográficas de Adorno e Fanon nos permite compreender como suas teorias não só refletem suas experiências pessoais, mas também oferecem um arcabouço teórico sólido para abordar os desafios contemporâneos enfrentados pela educação.

Ao longo deste capítulo, pudemos explorar como as obras de Theodor W. Adorno e Frantz Fanon oferecem insights valiosos para a compreensão das violências estrutural, institucional e interpessoal. Adorno, por meio de sua análise da personalidade autoritária e da natureza opressiva das estruturas sociais, nos fornece uma lente crítica para entender as origens profundas da violência, especialmente em contextos de regime autoritário, como o nazismo. Por outro lado, Fanon, ao examinar as dinâmicas coloniais e os efeitos psicológicos do racismo e da opressão, lança luz sobre as formas de resistência e luta contra a violência perpetrada pelas estruturas coloniais e seus legados. Dessa forma, ao integrarmos essas perspectivas teóricas, somos capacitados a compreender mais profundamente as raízes históricas e as manifestações contemporâneas da violência, abrindo caminho para estratégias eficazes de transformação social e construção de uma sociedade mais justa e pacífica.

Ao contextualizamos as trajetórias de Theodor W. Adorno e Frantz Fanon em relação às violências históricas do nazismo e da colonização. Destacamos a importância fundamental de suas

obras na construção do pensamento crítico e na compreensão da complexidade da violência institucional e interpessoal. Ao lançar luz sob a vida e as obras desses dois pensadores, pudemos elucidar como suas análises contribuem significativamente para nossa compreensão dos desafios sociais contemporâneos e para o desenvolvimento de estratégias que visam a mitigação e prevenção dessas formas de violência.

Embora suas vidas tenham sido interrompidas precocemente, Adorno e Fanon deixaram um legado duradouro em suas obras e influenciaram gerações de intelectuais e ativistas. Seus insights sobre o poder, a dominação e a luta pela emancipação continuam a inspirar e provocar reflexões até os dias de hoje. Ao tecer os fios de suas vidas e obras, podemos compreender melhor as contribuições desses pensadores para a luta contra a opressão e para a transformação social.

Apêndice C – Procedimentos de codificação e categorização na análise das obras

Este apêndice detalha os procedimentos metodológicos utilizados na identificação e categorização de unidades de significado nas obras *Estudos sobre a Personalidade Autoritária*, de Theodor W. Adorno *et al.*, e *Os Condenados da Terra*, de Frantz Fanon. A análise seguiu os princípios da *Grounded Theory*, abrangendo três fases principais: codificação aberta, categorização e codificação axial.

Codificação aberta: identificação de conceitos-chave

A primeira etapa consistiu na fragmentação dos textos em unidades de significado relevantes, destacando trechos que expressam conceitos centrais das obras analisadas. Os quadros a seguir organizam essa identificação inicial:

- **Quadro 1** – Organização dos conceitos-chave e ideias em *Estudos sobre a Personalidade Autoritária*.
- **Quadro 2** – Organização das ideias e conceitos-chave em *Os Condenados da Terra*.

Quadro 1 - Organização dos conceitos-chave e ideias em "Personalidade autoritária" (2019).

Ideias e conceitos-chave	Descrição
Personalidade autoritária	Este é o conceito central e principal categoria analítica da obra. Refere-se a um tipo de personalidade caracterizado por tendências autoritárias, como a submissão inquestionável à autoridade, a adesão a valores tradicionais, a rigidez cognitiva e a intolerância em relação a pessoas e grupos considerados diferentes ou "inferiores". Essas características são vistas como uma resposta psicológica à insegurança e à ansiedade geradas pela modernidade e pelo mundo em transformação.
Antissemitismo	A análise da personalidade autoritária é fortemente influenciada pelo contexto histórico do Holocausto e do antissemitismo. Adorno e seus colaboradores investigaram a relação entre a personalidade autoritária e o antissemitismo, argumentando que certas atitudes e crenças antissemitas são características desse tipo de personalidade.
O papel da família	A obra examina o impacto da educação familiar na formação da personalidade

	autoritária. Os autores exploram como dinâmicas familiares autoritárias, como disciplina rígida, punição severa e ênfase na obediência, contribuem para a internalização de valores e atitudes autoritárias nas crianças.
Contexto social e cultural	Adorno e seus colaboradores destacam a importância de analisar o autoritarismo dentro do contexto social e cultural mais amplo. Eles argumentam que o autoritarismo é resultado de fatores sociais, como a estrutura de classes, a cultura de massa e a propaganda política, que moldam a forma como os indivíduos percebem a si mesmos e aos outros.
Preconceito e discriminação	A obra também discute as relações entre a personalidade autoritária, o preconceito e a discriminação. Os autores exploram como a personalidade autoritária pode levar à intolerância em relação a grupos minoritários, promovendo atitudes discriminatórias e práticas opressivas.
O autoritarismo como resposta à ansiedade	Adorno e seus colaboradores argumentam que a personalidade autoritária surge como uma resposta a ansiedades e incertezas inerentes à sociedade moderna. Eles acreditam que o autoritarismo é uma tentativa de reduzir a ansiedade por meio da adesão rígida a estruturas hierárquicas e da busca por segurança em valores tradicionais.
Frustração-agressão	Os autores exploram a relação entre frustração e agressão na formação da personalidade autoritária. Eles sugerem que a frustração causada por experiências negativas, como dificuldades econômicas ou falta de controle sobre a própria vida, pode levar a uma expressão de agressão direcionada a grupos socialmente marginalizados.
Cultura de massa e a indústria cultural	Adorno discute a influência da cultura de massa e da indústria cultural na formação da personalidade autoritária. Ele argumenta que a cultura de massa, com sua produção em massa de entretenimento e suas técnicas persuasivas, pode promover atitudes conformistas e reforçar valores autoritários.
Autoritarismo e poder político	A obra também examina as implicações políticas do autoritarismo. Os autores discutem como indivíduos com traços autoritários podem ser atraídos por líderes políticos autoritários, bem como a estrutura autoritária da sociedade

	pode influenciar a tomada de decisões políticas e a manutenção do poder.
Crítica à sociedade capitalista	Embora não seja o foco principal do livro, Adorno e seus colaboradores expressam críticas à sociedade capitalista e sua influência na formação da personalidade autoritária. Eles argumentam que a estrutura de classes e as desigualdades econômicas podem contribuir para a perpetuação de atitudes autoritárias.
Autoritarismo e teoria da personalidade	Adorno e seus colaboradores propõem uma crítica à teoria da personalidade dominante na época, conhecida como "teoria da personalidade tipológica". Eles argumentam que essa teoria tendia a simplificar e categorizar as personalidades de maneira excessivamente rígida, sem levar em consideração a complexidade e as contradições da personalidade humana. Em vez disso, os autores propõem uma abordagem que integra tanto os aspectos conscientes quanto os inconscientes da personalidade, enfatizando as interações complexas entre o indivíduo e o ambiente social.

Fonte: Adorno *et al.* (2019) – Organizado pela autora (2023).

A seleção dos conceitos-chave apresentados no quadro 1 foi feita com base na relevância e na recorrência dessas ideias ao longo da obra "Personalidade autoritária". Optou-se por destacar esses conceitos em detrimento de outros devido à sua centralidade na análise e discussão dos autores sobre o fenômeno da personalidade autoritária. "Personalidade autoritária" é o conceito central da obra, sendo a categoria analítica principal, e, portanto, sua inclusão é incontestável. Além disso, "antissemitismo", "o papel da família", "contexto social e cultural", "preconceito e discriminação", "o autoritarismo como resposta à ansiedade", "frustração-agressão", "cultura de massa e a indústria cultural", "autoritarismo e poder político", "crítica à sociedade capitalista", e "autoritarismo e teoria da personalidade" são conceitos que se entrelaçam com o tema central e compõem os pilares fundamentais da análise da personalidade autoritária. Eles auxiliam na compreensão das causas, manifestações e implicações do autoritarismo, permitindo uma visão abrangente e contextualizada do fenômeno. Portanto, a escolha desses conceitos específicos na tabela serve como uma estrutura sólida para a análise crítica da obra, destacando os elementos essenciais que moldam a compreensão do autoritarismo e suas ramificações na sociedade.

Quadro 2 - Organização das ideias e conceitos-chave em “Os Condenados da Terra” (2022).

Ideias e conceitos-chave	Descrição
Descolonização	Fanon argumenta que a descolonização não é apenas um processo político, mas também um processo psicológico e cultural. Ele discute a necessidade de uma revolução completa, não apenas para se livrar do domínio colonial, mas também para transformar a mentalidade e a estrutura social da sociedade colonizada.
Violência	Fanon analisa o papel da violência na luta anticolonial. Ele argumenta que a violência pode ser uma forma legítima de resistência contra o opressor colonial, uma vez que a violência foi utilizada como instrumento pelos colonizadores. Fanon ressalta a importância de os oprimidos se libertarem da mentalidade colonizada e se engajarem em uma luta armada para alcançar sua liberdade.
Identidade e cultura de resistência	O autor aborda a questão da identidade e cultura dos povos colonizados. Ele discute como a colonização resulta na desumanização dos povos colonizados, na negação de sua cultura e na imposição de valores e padrões culturais europeus. Fanon defende a necessidade de os colonizados rejeitarem a assimilação cultural e abraçarem sua própria identidade e cultura como parte essencial da luta anticolonial.
Psicologia da opressão, alienação e desumanização.	Fanon examina os efeitos psicológicos da opressão colonial sobre os indivíduos e as comunidades colonizadas. Ele descreve como a colonização cria uma dinâmica de inferiorização e desumanização dos colonizados, levando a um sentimento de alienação, raiva e ressentimento.
Racismo e colonialismo	Fanon analisa a interseção entre racismo e colonialismo, argumentando que o racismo é uma ferramenta utilizada pelos colonizadores para justificar a exploração e a opressão dos povos colonizados. Ele descreve como a hierarquia racial é construída e mantida no contexto colonial.
Revolução	Fanon discute a necessidade de uma revolução social e política para alcançar a libertação dos povos colonizados. Ele enfatiza a importância da ação coletiva e do engajamento político na luta anticolonial.

Consciência racial	O autor explora a importância da consciência racial na luta anticolonial. Ele argumenta que os colonizados devem estar cientes da sua identidade racial e da forma como o racismo estrutural opera, a fim de enfrentar e resistir às formas de opressão impostas pelos colonizadores
Psicopatologia da colonização	Fanon examina as consequências psicológicas da colonização nas mentes dos colonizados. Ele descreve os distúrbios mentais e emocionais resultantes da opressão colonial.

Fonte: Fanon (2022) – Organizado pela autora (2023).

A escolha dos conceitos-chave apresentados no quadro 2 foi fundamentada na importância e na recorrência dessas ideias ao longo da obra "Os Condenados da Terra" de Franz Fanon. Optamos por destacar esses conceitos, e não outros, devido à sua centralidade na discussão do autor sobre a luta anticolonial e as complexidades da opressão colonial. Descolonização, violência, identidade e cultura de resistência, psicologia da opressão, alienação e desumanização, racismo e colonialismo, revolução, consciência racial e psicopatologia da colonização são temas que permeiam toda a obra de Fanon. A escolha de destacá-los visa fornecer uma estrutura organizada para a análise, destacando as principais áreas de foco do autor e permitindo uma compreensão abrangente de seu pensamento e das dinâmicas sociais e psicológicas subjacentes à luta anticolonial. Esses conceitos são cruciais para desvendar as complexas relações de poder e as questões psicológicas enfrentadas pelos colonizados, tornando sua inclusão na tabela uma base sólida para a análise crítica da obra.

Categorização: agrupamento de conceitos e análise comparativa

Com base nas unidades de significado identificadas, realizou-se a categorização, agrupando-as em categorias amplas que refletem semelhanças, diferenças e relações entre os conceitos das duas obras. Essa etapa permitiu evidenciar pontos de aproximação e divergência:

- **Quadro 3** – Pontos de aproximação entre Adorno e Fanon.
- **Quadro 4** – Pontos de distanciamento entre Adorno e Fanon.
- **Quadro 5** – Pontos de tensão e discordância entre Adorno e Fanon.

Quadro 3 - Pontos de aproximação entre Adorno e Fanon

Categorias	Semelhanças e proximidades
Lugar de vivência	Estrangeiros em seu próprio país, discriminados pela sua Racialização – Adorno

	como Judeu; Fanon como negro. Ambos falam do lugar da vítima.
Crítica ao colonialismo	Ambas as obras apresentam uma crítica profunda ao sistema colonial e às suas consequências para as sociedades colonizadas. Tanto Fanon quanto Adorno destaca a exploração e a opressão perpetradas pelo colonialismo, bem como a desumanização dos povos colonizados.
Questão da descolonização	Tanto Fanon quanto Adorno discute a importância da descolonização, embora de perspectivas diferentes. Fanon enfatiza a necessidade de uma descolonização violenta e revolucionária, enquanto Adorno argumenta que a descolonização deve ocorrer por meio de uma transformação social e cultural mais ampla.
Crítica à alienação	Ambas as obras abordam a questão da alienação, embora de maneiras distintas. Adorno discute a alienação causada pelo autoritarismo e pela conformidade social, enquanto Fanon se concentra na alienação dos colonizados, que são forçados a adotar os valores e as normas impostas pelos colonizadores.
Análise psicológica e social	Tanto Fanon quanto Adorno adota uma abordagem psicológica e social em suas análises. Eles examinam os efeitos psicológicos e sociais da opressão e do autoritarismo, explorando as dinâmicas de poder, dominação e resistência presentes nas sociedades coloniais e pós-coloniais.

Fonte: Adorno *et al.* (2019); Fanon (2022) – Organizado pela autora, 2023.

A escolha destas categorias ressalta a semelhança na análise dos autores em relação a aspectos como a experiência de ser estrangeira em seu próprio país, a crítica ao colonialismo, a importância da descolonização, a crítica à alienação e a abordagem psicológica e social. Isso ajuda a destacar as áreas onde as obras se sobrepõem e oferecem perspectivas complementares sobre questões centrais.

Quadro 4 - Pontos de distanciamento entre Adorno e Fanon

Categorias	Diferenças e distanciamentos
Lugar de origem	Adorno é um Judeu que viveu na Alemanha, nos EUA e na Inglaterra, enquanto Fanon é um

	Martinicano, que estudou na França.
Perspectivas teóricas	Fanon adota uma perspectiva mais marxista e psicanalítica em sua análise, enquanto Adorno se baseia em uma perspectiva crítica da teoria da personalidade.
Enfoques geográficos	Enquanto Fanon se concentra principalmente nas experiências dos povos colonizados na África, Adorno aborda principalmente a sociedade ocidental, com ênfase na América do Norte pós Alemanha nazista.
Ênfase de temáticas	"Os Condenados da Terra" foca principalmente nas questões de descolonização, violência revolucionária e construção de uma nova identidade nacional. Por outro lado, "Estudos sobre a Personalidade Autoritária" concentra-se mais nas características psicológicas e sociológicas que levam ao autoritarismo.

Fonte: Adorno *et al.* (2019); Fanon (2022) – Organizado pela autora, 2023.

A escolha dessas categorias ressalta as diferenças em termos de lugar de origem, perspectivas teóricas, enfoques geográficos e ênfase temática. Ela permite a identificação das áreas onde os autores têm visões contrastantes ou enfatizam diferentes aspectos de suas análises.

Quadro 5 - Pontos de tensões entre Adorno e Fanon

Categorias	Tensionamentos
Abordagens revolucionárias X transformação social	Enquanto Fanon defende a necessidade de uma revolução violenta para alcançar a descolonização, Adorno argumenta que a transformação social deve ocorrer por meio de uma mudança cultural e estrutural mais ampla
Diferenças nas análises psicológicas	Adorno enfatiza a importância da análise da personalidade autoritária como um fator que contribui para a manutenção de estruturas opressivas, enquanto Fanon enfoca mais nas consequências psicológicas da opressão colonial
Perspectivas regionais e culturais distintas	As obras de Fanon e Adorno têm perspectivas geográficas e culturais diferentes, o que pode levar a diferenças em suas análises e interpretações das dinâmicas sociais e políticas

Fonte: Adorno *et al.* (2019); Fanon (2022) – Organizado pela autora, 2023.

Ela é fundamental para reconhecer que, apesar de haver pontos de convergência, existem também áreas em que as perspectivas de Adorno e Fanon estão em conflito, como suas abordagens à revolução, análises psicológicas e perspectivas regionais. Isso permite uma análise crítica das diferentes visões dos autores.

Codificação axial: inter-relações e construção analítica

A partir das categorias identificadas, avançou-se para a codificação axial, na qual as relações entre os conceitos foram analisadas em profundidade. Essa etapa permitiu explorar nuances que não se enquadravam diretamente nas categorias anteriores, sendo organizadas no quadro abaixo:

- **Quadro 6** – Nuances e complexidades entre as obras.

Quadro 6 - Nuances e complexidades entre as obras

Categorias	Nuances e complexidades adicionais...
Contexto histórico e geográfico	As obras de Fanon e Adorno foram escritas em diferentes momentos históricos e contextos geográficos. "Os Condenados da Terra" foram publicados em 1961, em meio aos movimentos de descolonização na África, enquanto "Estudos sobre a Personalidade Autoritária" foi escrito nas décadas de 1940 e 1950, após a Segunda Guerra Mundial e na Alemanha pós-nazista. Esses contextos específicos moldaram as perspectivas e análises dos autores.
Contribuições teóricas específicas	Tanto Fanon quanto Adorno fizeram contribuições significativas para seus respectivos campos de estudo. Fanon trouxe insights importantes sobre a psicologia da colonização e a experiência do colonizado, enquanto Adorno desenvolveu uma teoria crítica da personalidade autoritária e das estruturas opressivas.
Diversidade de temas abordados	Tanto "Os Condenados da Terra" quanto "Estudos sobre a Personalidade Autoritária" abordam uma ampla gama de temas além dos pontos de aproximação e distanciamento mencionados anteriormente. Fanon discute questões de identidade, cultura, violência, alienação e resistência, enquanto Adorno analisa a indústria cultural, o autoritarismo, o antissemitismo e a conformidade social.
Perspectivas interdisciplinares	Ambas as obras têm uma abordagem interdisciplinar, incorporando elementos da

	psicologia, sociologia, filosofia e teoria política. Essa interdisciplinaridade contribui para a riqueza e complexidade das análises de Fanon e Adorno, pois eles exploram as interações entre fenômenos sociais, políticos e psicológicos.
--	---

Fonte: Adorno *et al.* (2019); Fanon (2022) – Organizado pela autora, 2023.

Ela permite explorar fatores como o contexto histórico e geográfico em que as obras foram escritas, as contribuições teóricas específicas de cada autor, a diversidade de temas abordados e a natureza interdisciplinar de suas análises. Isso ajuda a compreender as obras em toda a sua riqueza e complexidade.

Ruptura e conformidade: direcionamento final da análise

A estruturação dos quadros evidencia como as reflexões de Adorno e Fanon se organizam em torno de dois eixos fundamentais: a conformidade e a ruptura. Enquanto Adorno investiga os mecanismos de conformidade presentes na personalidade autoritária e sua reprodução social, Fanon problematiza a ruptura como estratégia de transformação diante da violência colonial. O cruzamento dessas perspectivas sustenta a formulação da "dialética das encruzilhadas", que emerge como uma proposta analítica para compreender as intersecções entre conformidade, resistência e transformação.